

Como muitas jovens de dezessete anos, Maria queria sair de sua peque na cidade e levar uma vida mais movimentada. Adam, o filho de sua madrasta, era um médico bem sucedido e tinha uma casa confortável em Londres. Por que não morar uns tempos com ele, enquanto fazia o curso de secretariado? Mas ela não contava com duas grandes surpresas: Adam era agora um homem do mundo, muito atraente, e, na verdade, não era seu irmão. Além disso, havia Loren, sua bela noiva, que não estava disposta a suportar nenhuma concorrência nas atenções de Adam. Tudo ficou ainda mais difícil quando Ma ria se apaixonou por ele. Que chances ela teria numa situação como esta?

O preço da felicidade

Anne Mather

"Living Whith Adam"

CAPITULO I

O *dr.* Adam Massey parou seu carro diante da fachada alta e estreita da elegante casa em estilo georgiano, no bairro de Chelsea, que Loren gostava de chamar seu *pied-à-terre.* Olhando pensativamente para as janelas, Adam se perguntou como Loren receberia a notícia que ia lhe dar, já sabendo, sem sombra de dúvida, que ela não a apreciaria. Mas naquele momento ele mesmo não se

preocupava muito com isso. Apertou os lábios e, desligando O motor, colocou as chaves no bolso. Enquanto saía quase relutantemente do carro, teve certeza de que estava apenas adiando o inevitável e, sacudindo os ombros largos, virou-se e subiu agilmente os degraus de pedra da casa. Enfiou a chave na fechadura, entrou no saguão atapetado e encontrou Alice, a inestimável criada de Loren, que estava com ela há uma eternidade, Alice sorriu e disse:
— Oh, é o senhor, doutor. Pensei que fosse mais um desses repórteres! Eles são tão descarados!
Adam franziu as sobrancelhas e olhou para o relógio.
— Maldição! — exclamou. — Esqueci-me, Hoje à tarde ia haver uma entrevista com a imprensa, não é? Mannering e Edwards ainda estão aqui?
— O sr. Mannering já foi, mas o sr. Edwards ainda está — informou Alice. — De qualquer forma, está quase acabando. Tenho certeza de que a srta. Griffiths Ficaria muito satisfeita em mandá-los embora se soubesse que o senhor está aqui.
Adam sorriu secamente,
— Você é muito boa para o meu ego, Alice — disse ele com sentimento. — Embora eu realmente ache que não devo interrom-pê-la enquanto está trabalhando.
— Querido!
A voz vinha de cima, flutuando roucamente e tanto Adam quanto a empregada olharam para Loren Griffiths parada no alto da escada que conduzia ao saguão. Com um vestido colante rosa-es-curo que aderia a seu corpo pequeno e flexível, o cabelo loiro ondulando suavemente sobre os ombros, ela era surpreendentemente bonita. Adam pôs as mãos nos bolsos da calça, pacientemente, certo de que Loren estava para fazer uma entrada triunfal. Ela desceu os degraus com sua elegância habitual, mas havia uma certa ansiedade em seus passos, que se tornaram mais rápidos à medida que se aproximava dele. Loren passou os braços pelo braço dele, possessivamente.
— Querido — disse ela novamente —, você sabe muito bem que eu detesto essas entrevistas, mas são um mal necessário.
Adam esboçou um sorriso.
— Você sabe que se diverte a cada minuto da entrevista — ele a contradisse gentilmente. — O que aconteceu? Onde estão seus ávidos críticos?
Loren ergueu as sobrancelhas escuras.
— Se você se refere à imprensa quando fala nesse tom sarcástico, estão todos tomando drinques com Terry.
Terry Edwards era seu agente e Adam evitou o comentário rápido que ia fazer. Ele e Edwards não se davam bem e isso não era segredo.
— Compreendo — disse ele, em vez disso. — Estava agora mesmo dizendo a Alice que tinha esquecido que você estaria ocupada hoje à tarde. Mas, se você terminou...
— Já terminei. Mas, querido, eu pensei que hoje à tarde você fosse à clinica infantil ou algo parecido. — Ela franziu o nariz delicadamente e Alice escolheu esse momento para dizer:
— Quer que leve alguma coisa para vocês na saleta de estar, srta. Griffiths?
— Apenas chá, Alice, por favor — disse Adam e Alice acenou agradavelmente, desaparecendo em direção à cozinha.
Loren suspirou de modo petulante:
— Francamente Adam, você poderia consultar-me antes de despachar a empregada com suas ordens!
— Não se aborreça. Venha até a sala de estar. Quero falar com você.

— Só falar? Você me desaponta — respondeu Loren secamente, mas o precedeu obedientemente através do saguão até a pequena sala de estar, que era o aposento menos luxuoso de toda a casa. Mesmo assim, as paredes recobertas com tapeçarias e os sofás listrados, estilo regência, apoiados sobre tapetes macios, eram levemente sufocantes para o gosto de Adam, mas ele, como de hábito, conseguia esconder seus sentimentos de maneira admirável.

Loren esperou que ele fechasse a porta antes de passar os braços em volta de seu pescoço e roçar-lhe os lábios com os seus, colando seu corpo macio ao dele e pedindo uma resposta. Adam estreitou-a por um segundo, respondendo ardentemente a seu beijo depois afastou-a gentil mas firmemente. Quando ela ia protestar e deslizar novamente para seus braços, a pressão nos braços dela aumentou sensivelmente e ela ficou amuada e impaciente.

— Adam — disse ela com reprovação —, eu pensei que você tivesse vindo aqui para me ver.

Adam suspirou.

— Eu também, Loren. Mas não pelas razões que você imagina. Tenho outras coisas na cabeça, neste instante.

Loren soltou-se de seu abraço.

— Ah, tem?

— Tenho sim. — Adam passou uma das mãos no cabelo grosso e escuro que insistia em cair sobre sua testa. — Sinto muito, Loren, mas não estou com disposição para brincar!

Loren apertou os lábios.

— Você é um demônio de frieza, Adam — exclamou zangada. — Vem aqui não esperado e não anunciado e quando eu tento mostrar-lhe como estou contente em vê-lo, você considera tudo uma brincadeira de criança! — Ela balançou a cabeça. — Não sei por que tolero isso!

Os olhos de Adam estreitaram-se.

— E por que você tolera? — Seu tom era seco.

Loren olhou para ele impacientemente e depois fez um gesto
de submissão.

— Oh, Adam, não vamos brigar! Você bem sabe que eu não quis dizer nem metade do que disse. E que eu fico tão... tão ciumenta, do seu tempo, de tudo.

O rosto de Adam descontraiu-se.

— Está bem, Loren, nós não vamos brigar. Eu só não sei como
colocar o que tenho a dizer.

Loren foi sentar-se num sofá e bateu no lugar a seu lado convidando-o, mas Adam sacudiu a cabeça e pôs-se a andar pela sala até Alice aparecer com uma bandeja de chá e alguns bolinhos quentes com manteiga, que ela colocou numa mesa baixa à frente de Loren. Ela sorriu compreensiva mente para ele antes de sair e, depois que se foi, Loren pegou o bule descuidadamente e começou a pôr chá nas xícaras finas como hóstias.

— O que você tem que faz com que as mulheres se sintam tão protetoras com você? — perguntou ela brevemente. — Francamente, Alice trata você como um filho perdido há muito e, embora ela saiba que eu detesto chá, insiste em fazê-lo porque você está aqui! — Fez um muxoxo com os lábios. — Você não me parece estar precisando de proteção!

Adam sorriu e pegou a xícara que ela lhe estendia.

— Não seja amarga! — comentou zombeteiramente, e ela levantou os ombros, aborrecida, antes de espremer limão em seu chá, fazendo uma careta enquanto levava a xícara aos lábios.

— Bem, de qualquer forma — continuou, depois de tomar diversos goles —, por que você está aqui? Tenho certeza de que você disse que ia à clínica infantil hoje à tarde.

— Sim, — Adam curvou-se e pôs um dos bolinhos na boca. — Hadley está me substituindo.

— Mas por quê? Nós tínhamos um compromisso para o jantar depois da peca, hoje à noite. Você não pode ir? — Agora havia uma expressão resignada e tensa toldando seus traços perfeitos.
Adam encolheu os ombros.
— Emergências à parte, não vejo por que não — retrucou suavemente. — Mas prefiro dizer-lhe o que eu tenho para lhe dizer agora que você está descansada o não depois da peça, quando você está invariavelmente cansada.
Loren franziu as sobrancelhas.
— Você me faz parecer uma madona decrépita! — exclamou. — Nunca estou cansada demais para você.
Ele inclinou vagarosamente a cabeça.
— Está bem, talvez eu tenha usado a expressão errada. De qualquer forma, queria falar com você agora, enquanto estamos sozinhos, e não em algum restaurante cheio de gente.
— Bem, prossiga. Estou curiosa por saber o que é. Adam suspirou e recolocou a xícara de chá sobre o pires.
— Bem — começou cuidadosamente —, minha mãe escreveu pedindo-me para tomar conta de Maria durante seis meses.
Houve silêncio durante longo tempo, depois Loren disse, vagarosamente:
— Quem é Maria?
Adam encolheu os largos ombros.
— A filha de meu padrasto. Eu já lhe falei sobre ela.
As narinas de Loren dilataram-se levemente.
— A filha de seu padrasto — repetiu tensa.
— Sim.
Loren levantou-se, para pegar um cigarro na caixa sobre a mesa e aceitou que Adam o acendesse. Respirando profundamente, olhou com atenção para ele.
— Talvez eu seja um pouco burra, Adam, mas por que você precisa tomar conta da filha de seu padrasto durante seis meses? Acho que você me disse que ela já era praticamente adulta.
— E é. Pelo menos, acho que é. Faz cinco anos que a vi pela última vez. Naquela época ela estava com doze ou treze anos, não estou bem certo.
Obviamente Loren estava controlando seu humor com dificuldade quando perguntou:
— Mas ela vive com sua mãe e o pai dela na Irlanda. Por que você está envolvido?
Adam enfiou as mãos nos bolsos.
— Ela quer vir a Londres para fazer um curso de Secretariado.
— Um curso de Secretariado? — repetiu Loren fracamente. — Por que ela não pode fazer esse curso em Dublin ou algum outro lugar? — Seus olhos relampejavam com impaciência.
Adam ergueu as sobrancelhas.
— Sua suposição vale tanto quanto a minha.
— Mas é ridículo! — Loren sacudiu a cabeça, descrente. — Sobrecarregar você com uma adolescente! O que sua mãe está pensando? — De repente seus olhos se estreitaram. — Ela sabe a meu respeito, não sabe?
— Minha mãe? Claro.
Loren balançou a cabeça vigorosamente.
— Foi o que pensei. É por isso, claro. Adam suspirou.
— O que é "isso"?
— Ela está mandando essa moça para nos espionar.
— Ora, não seja ridícula! — Adam passou a mão na cabelo. — Não sou uma criança, Loren. Tenho mais de trinta anos, você sabe.
— Eu sei, querido, mas até sua mãe se casar de novo você era seu cordeirinho, não era?

— Loren, não diga tolices! Se ela está mandando Maria para Londres, deve ser porque Maria quer vir.
— Mas por que ela quereria vir?
— Por que deveria eu saber? — Adam caminhou até a janela. — O que você quer que eu lhes diga? Sinto muito, mas ela não pode vir. A minha... minha amante desaprovaria?
Loren murmurou ofegantemente.
— Seu... seu...
— Ora, poupe-me isso — exclamou Adam virando-se. — Sinto muito, não deveria ter dito isso. No entanto, é verdade. Ela é a filha de meu padrasto, apesar de tudo, e eu não a vejo muito. Pelo que me lembro era uma menina boazinha. Pelo menos não se enfureceu quando seu pai se casou com minha mãe e eu sei que minha mãe achou tudo mais fácil graças à sua compreensão. Às vezes, uma menina de dez anos pode causar muitos problemas.
Os lábios de Lorert ficaram mais finos.
— E precisamente onde ela deverá ficar? Adam franziu as sobrancelhas.
— Em casa, penso.
— Em sua casa? Em Kensington?
— Acho que sim, por quê?
— Não é um pouco contra as convenções?
— Hoje em dia! Você deve estar brincando!
— No entanto, você é um... solteirão, mora sozinho...
— Tenho a sra. Lacey. Ela mora lá.
— Uma empregada! — O tom do Loren era de desprezo. Adam olhou para ela pensativamente.
— Então está bem, case-se comigo e providencie uma dama de companhia!
Loren olhou para ele impacientemente.
— O quê? E viver naquele lugar atrasado? Não, obrigada, Adam. — Ela tragou a fumaça do cigarro profundamente.
Adam encolheu os ombros e, depois de olhá-la por mais alguns segundos, caminhou rapidamente em direção à porta,
— Não! Espere! — Loren fez um esforço e correu atrás dele, agarrando seu braço e forçando-o a virar-se para **olhá-la.** — Sinto muito, Adam, sinto muito. Foi uma maneira horrível de dizer isso. Mas francamente, nós já discutimos esse assunto antes, eu sim-plesmente não poderia continuar assim!
— Eu sei. — O rosto de Adam estava tenso.
— E de qualquer forma seria desnecessário — gritou ela. — Você sabe que Matthew Harding ficaria muito contente se você fizesse parte de sua equipe!
O rosto de Adam tornou-se irônico.
— Já lhe disse isso antes, Loren, eu não pratico esse tipo de medicina!
— Quantos tipos existem? — protestou ela, Ele levantou os ombros bastante enfadado.
— Prefiro meu tipo — retrucou secamente.
— Sei que você prefere visitar aquela horrível clínica do East End a mim! — Loren mordeu os lábios, furiosa.
— Você sabe que não é verdade — respondeu ele calmamente. — Entretanto, não desistirei de meu trabalho mesmo por você. Nem irei trabalhar com algum médico de luxo do West End, que passa seu tempo gastando psicologia com hipocondríacos supera-limentados, superadulados e superansiosos!
Loren afastou-se dele.
— Ser doente não é prerrogativa dos pobres, você sabe — disse ela amargamente.
Adam olhou-a melancolicamente.

— Não, eu concordo — disse calmamente. — Acho que encontrei tantos hipocondríacos em meu trabalho quanto qualquer outro médico. No entanto, a porcentagem de meus pacientes que finge ser doente tem de ser menor, se eu considerar quantos pacientes atendo por dia, em comparação ao velho Harding.
— O sr. Harding é um dos meus amigos.
— Sei disso.
— Ele acha que é um de seus amigos também.
— Eu disse que ele não era?
— Não, mas... oh, você é impossível. — Loren suspirou. — Por que você não pode ser como os outros? Por que não pode me agradar apenas uma vez? Você sabe que eu o amo, sabe que quero casar com você...
— Mas somente sob suas condições, não é isso? — Adam abriu a porta. — Preciso ir. Tenho de ir ao Hospital St. Michael antes da cirurgia de hoje à noite.
— Por quê? — Loren estava furiosa.
— Há um paciente lá que eu preciso ver. — Agora Adam estava frio.
— Uma mulher? — O tom de Loren era cauteloso.
— Sim.
Loren ficou tensa.
— Ela é mais importante para você do que eu?
— Neste instante, sim.
— Às vezes eu o odeio, Adam Massey!
— Sinto muito por isso. — Adam sorriu para ela levemente, antes de sair da porta.
— Adam, espere — Loren atirou-se pela sala atrás dele, e foi encontrá-lo no saguão, falando com Alice. Ela estava perguntando pela sra. Ainsley e Adam fazia que sim com a cabeça, dizendo que ela havia sido operada, mas estava ainda muito fraca.
— Estou indo vê-la agora — disse ele. — Ela não tem mais ninguém. Alice alisou o avental.
— O senhor acha que ela gostaria que eu... quero dizer...
— Tenho certeza que sim. — A voz de Adam era gentil e Loren apertou os lábios, um sentimento desagradável surgindo em sua garganta. Ela o queria tanto naquele momento e sabia que ele estava completamente indiferente a ela nessa hora.
Assumindo um tom casual, Loren disse, principalmente a Alice:
— Sobre quem vocês estão falando? Alice virou-se para ela.
— A velha sra. Ainsley — respondeu ela, franzindo as sobrancelhas. — A senhora sabe... eu lhe disse... ela caiu da escada há alguns dias e machucou-se toda.
— Oh! — os lábios de Loren formaram um círculo de surpresa. Então ela olhou para Adam. O olhar dele estava gelidamente irônico e ela se maldisse por seu ciúme. Depois disse rapidamente: — Eu... eu verei você hoje à noite, não é, Adam?
Adam ergueu os ombros.
— Acho que sim — replicou sem emoção. Então, ouviram sons vindos de cima e diversos homens apareceram no alto dos degraus e começaram a descer, falando e rindo entre si. Adam lançou a Loren um olhar estranho e disse: — Preciso ir. Até logo. Direi à sra. Ainsley que você irá vê-la, está bem, Alice?
Alice acenou com a cabeça e acompanhou-o até a porta, enquanto Loren viu-se obrigada a ir ao encontro dos membros da imprensa que estavam a ponto de despedir-se. Olhou suplicantemente em direção a Adam, mas ele não olhou para trás, e com determinação forçou um sorriso, tentando esquecer a frustração que a dilacerava.
Do lado de fora, Adam deslizou para dentro do carro, não sem um certo alívio. Às vezes, desejava nunca ter-se envolvido com Loren Griffiths, mas em geral reconhecia que gostava de sua associação. Era apenas em momentos assim, quando ela tratava com sarcasmo sua profissão, que ele percebia quão diferentemente eles encaravam a vida. O destino quis que

seus caminhos se cruzassem, mas continuando seu caminho, separara-os novamente. Ele ainda se lembrava claramente do dia em que o lustroso Bentley dela colidira com seu prático Rover e como ela se desculpara em sua tentativa de encantá-lo e provocá-lo, desfazendo seu aborrecimento. Ela fora culpada, é claro, mas ele era apenas humano, afinal, e Loren Griffiths já era um nome familiar aos frequentadores de teatro. Ele ficou envaidecido com as atenções dela, esquecido de sua própria atração, que não estava na força esbelta de seu corpo, nem nos traços quase ásperos de seu rosto, mas principalmente nas perturbadoras profundezas de seus olhos, que eram de um cinza tão escuro que às vezes pareciam negros. De qualquer forma, Loren achou-o extremamente atraente e os modos bruscos dele eram ao mesmo tempo uma mudança e um prazer após as constantes adulações que ela recebia por parte das homens. Ela nunca conhecera um médico antes, pelo menos não um médico jovem, e sua falta de deferência era deliciosa. Em momento algum ela quis favorecer sua carreira, vendo-se como Loren Griffiths, a atriz, esposa de Adam Massey, o famoso especialista da rua Harley. Infelizmente, tinha se chocado contra a força de vontade de Adam e todas as suas tentativas de mudá-lo haviam fracassado totalmente. Ele era realista e queria usar seu conhecimento onde fosse mais necessário, não como ajuda a suas próprias ambições, mas para ajudar pessoas que ele achava que mereciam mais da vida. Adam deu um suspiro e pôs o carro em movimento. Além de visitar a sra. Ainsley, tinha outras preocupações, pois, embora ele não o tivesse mencionado a Loren, sua mãe lhe deixara pouca escolha a respeito de Maria. Ele sabia, é claro, que poderia haver certa dose de verdade no que Loren dissera a respeito das reações de sua mãe quanto ao relacionamento deles. Sua mãe não gostava de sua associação com Loren e considerava que seu filho merecia alguém mais adequado à posição de esposa de um médico do que uma atriz que, em seu modo de pensar, se apoiava tanto na aparência quanto no talento. Porém, desde seu casamento com Patrick Sheridan, ela tivera poucas oportunidades de usar sua influência sobre o filho. E, como a casa de Patrick ficava no sul da Irlanda, ela visitava Londres muito raramente. Seu maior desapontamento, Adam sabia, era por ele não visitá-la mais frequentemente. Como dissera a Loren, fazia cinco anos que não ia a casa de seu padrasto e, embora sua mãe tivesse visitado Londres duas ou três vezes desde aquela ocasião, ela viera sozinha e não pudera ficar mais do que alguns dias. Seu novo marido era um fazendeiro que possuía uma grande propriedade a algumas milhas de Limerick, e quase nunca podia afastar-se de lá. Adam sorriu ao pensar como a vida de sua mãe, agora, era diferente da que tivera enquanto estava casada com seu pai, que tinha uma oficina em Richmond. Ela se estabelecera muito bem na Irlanda. Quando, oito anos atrás, ela lhe dissera que ia aceitar a proposta de Patrick, Adam estava imerso em seus estudos de Medicina e não se deu ao trabalho de conhecer bem a família de seu padrasto. Desde que sua mãe estivesse feliz, o que era óbvio, ele estava contente. Só agora lhe ocorria que talvez sua mãe estivesse tentando uma nova forma de restabelecer contato com ele. Mesmo assim, sua carta era inesperada e ele ainda não sabia como respondê-la. Pensou em recusar imediatamente, mas que desculpa podia dar? Sua mãe conhecia a sra. Lacey e confiava nela, de modo que ele não podia usar sua situação de solteirão como um motivo para não aceitar uma adolescente em casa. De qualquer modo, era apenas por seis meses, que passariam depressa e talvez a própria Maria se cansasse do curso bem antes do término.

Tentou lembrar o que sabia dela mas, há cinco anos, ele era um recém-formado e ela era uma estudante de rabo-de-cavalo... Guiou até o Hospital St. Michael, situado num terreno perto da margem do rio. Suas paredes severas e cinzentas revelavam sua idade, embora seus corredores e salas de azulejos fossem brilhantemente iluminados e alegres. Falava-se de sua demolição e da construção de novos prédios, mas ele continuava sobrevivendo e sua

equipe era tão leal quanto eficiente. Certa vez Adam tivera a oportunidade de empregar-se como interno, mas preferia o envolvimento da clínica geral.
A sra. Ainsley ainda estava numa sala especial, mas suas faces pálidas coloriram-se um pouco quando viu quem era seu visitante. Morando só, seu único contato era com o médico e Adam sabia que ela o considerava mais um amigo do que qualquer outra coisa. Sentou-se ao lado da cama e escutou pacientemente enquanto ela descrevia com pormenores tudo que lhe havia acontecido desde que fora levada para o hospital e como todos haviam sido amáveis com ela. Adam pensou que era fácil ser amável com alguém como a sra. Ainsley e sentiu seu desgosto habitual por sua única filha ter emigrado para a Austrália há muitos anos, sem imaginar que a mãe pudesse precisar de algo mais do que algumas cartas ocasionais. A velha senhora parecia faminta por contato humano e, embora houvesse sociedades ou clubes para os quais poderia ter entrado, era discreta e reservada, passava os dias tricotando ou costurando e tomando conta de Minstrel, seu velho cão.
Quando Adam saiu do hospital, foi diretamente para sua casa, em Kensington. Embora trabalhasse em Islington, continuara morando na casa que sua mãe havia comprado logo que seu pai morreu, pois sabia que ela gostava de voltar para lá às vezes. Não era uma casa grande, mas tinha quatro dormitórios e era isolada, pois ficava dentro de um pequeno jardim com muros, onde ainda era agradável sentar nas noites quentes de verão. E claro que em volta da casa continuava a construção de arranha-céus com apartamentos e blocos de escritórios, mas o parque não ficava distante e das janelas superiores da casa Adam podia ver, além dos gramados verdes, os jardins floridos.
Conduziu o carro entre os postes de pedra que protegiam a entrada para carros e estacionou ao lado da casa, onde os rodo-dendros batiam na capota, brotando em cor primaveril. Saindo do carro, andou até a varanda e entrou no saguão cheio de quadros. Sentia-se bem e pensava tomar um banho antes da cirurgia no-turna. Mas, no momento em que fechava a porta da frente, seus olhos foram atraídos por um anoraque cor de laranja-vivo que estava sobre o corrimão, ao pé da escada. Olhando em volta viu também duas malas, uma ao lado da outra, embaixo do anoraque.
Uma sensação de impaciência o percorreu, enquanto diversos pensamentos cruzavam sua mente. Caminhou rapidamente até a cozinha, de onde chegava o barulho de vozes. Escancarou a porta, surpreendendo sua empregada, a sra. Lacey, que o cumprimentou muito agitada, apontando para a jovem que estava empoleirada sobre um dos bancos altos ao lado da mesa do desjejum.
— O senhor tem uma visita, sr. Adam — disse ela, apertando as mãos. — Uma visita inesperada!
Os olhos de Adam moveram-se do rosto animado da sra. Lacey para o da moça que estava deslizando do tamborete enquanto a empregada falava, olhando em direção a ambos com ansiedade, e uma expressão irritada passou por seu rosto magro. Embora seu cabelo castanho estivesse agora cortado à altura dos ombros e seu corpo jovem e alto estivesse mais delgado do que ele se lembrava, aqueles olhos cor de âmbar enfeitados por pestanas escuras eram os mesmos, assim como a generosa largura da boca e a caprichosa curva do nariz. E, por tê-la reconhecido, sentiu uma crescente sensação de ressentimento por sua mãe ter ousado mandá-la sem ser convidada.
— Olá, Maria — disse ele formalmente, sem qualquer calor na voz, mas a jovem não pareceu nem um pouco abalada por sua frieza. Ao contrário, seus olhos brilharam e ela correu através do espaço que os separava, passou os braços em volta do pescoço dele e beijou-o na face com entusiasmo. Adam ficou perplexo, levantou as mãos para agarrar seus pulsos e afastá-la de si, enquanto seu olhar surpreso captou o divertimento indisfarçável da sra. Lacey.

Mas Maria simplesmente deu uns passos para trás, permitindo-lhe momentaneamente manter a pressão involuntária em seus pulsos e, sorrindo maliciosamente, disse:
— Não seja tão reprovador, Adam! Você não está contente em me ver? — Sua voz era suave e rouca, com um leve sotaque irlandês, muito atraente.
Adam olhou-a fixamente por um instante, incapaz de encontrar palavras para expressar seus sentimentos, depois passou a mão pelos cabelos e disse:
— Como conseguiu chegar aqui? Maria apertou os ombros pequenos.
— De avião, é claro. — Ela olhou sorridente para a sra. Lacey. — Sua empregada foi muito gentil. Cheguei há uma hora mais ou menos.
Adam suspirou.
— Só recebi hoje de manhã a carta de minha mãe, perguntando se você podia ficar aqui — exclamou secamente. — Não sei por que se incomodou em escrever, nestas circunstâncias.
Os olhos de Maria brilharam.
— Oh, mas eu sei, Adam. Ela não sabe que eu vim.
— O quê? — Adam estava perplexo.
Maria ergueu as sobrancelhas escuras e abriu as mãos num gesto eloquente.
— Você não vê, Adam, foi por isso que eu vim! Eu tinha certeza de que, se você tivesse tempo de considerar a situação, ia responder que não, e eu queria tanto vir.
Adam sentiu-se frustrado.
— Mas onde minha mãe... ou seu pai... imaginam que você esteja?
— Eu disse a eles que ia passar o fim de semana em Dublin com uma amiga. Um táxi levou-me à estação e eu peguei um trem para Dublin. Então voei para Londres.
— Você não percebe que foi uma coisa completamente irresponsável? Uma moça de sua idade viajando todo esse tempo sozinha!
Maria suspirou.
— Não sou uma criança, Adam.
— Não, eu posso perceber isso. No entanto, ainda não tem idade suficiente para tomar conta de você mesma sozinha.
— Oh, Adam! — Maria enfadou-se, seus olhos faiscavam. — Por favor, eu vim a Londres para ter um pouco de liberdade, não para ficar mais confinada ainda do que em Kilcarney!
Adam olhou desamparadamente para a sra. Lacey, que disse:
— O senhor não acha que deveria telefonar para sua mãe, doutor? Ela pode estar preocupada. Se eles tentaram entrar em contato com a srta. Maria...
Adam concordou, acenando com a cabeça.
— Sim, a senhora tem razão, sra. Lacey. Preciso fazer isso. Mas, quanto a você, jovem... — Ele sacudiu a cabeça. — Não sei
o que dizer.
Maria lançou a cabeça para trás.
— Não diga nada, Adam, a não ser que posso ficar e não darei
mais trabalho.
Adam abriu a boca para protestar e fechou-a novamente. De que adiantava? Ela já estava lá. Além do mais, há alguns instantes ele estivera a ponto de escrever a sua mãe dizendo que ela podia vir. Naturalmente, não imaginara que essa situação fosse jogada para cima dele, nem que Maria fosse e agisse tão diferentemente de suas expectativas. As mulheres eram sempre imprevisíveis, pensou com arrogância masculina; no entanto, ele não esperava que Maria parecesse uma mulher. Não sabia bem o que esperava, talvez uma ampliação do retrato que tinha dela em sua mente, com rabo-de-cavalo e uniforme de ginástica... Mas definitivamente não esperava essa criatura confiante, esse produto de sua geração, com cabelos sedosos levemente ondulados nas pontas e roupas modernas. Ela usava um vestido longuete numa tonalidade muito atraente; o modelo simples era realçado por uma abertura

dianteira que deixava entrever as longas pernas com botas de couro macio até os joelhos. Adam balançou a cabeça resignadamente. Podia bem imaginar as reações de Loren Grifftths a Maria Sheridan...

CAPÍTULO II

Maria acordou com um sobressalto e ficou um instante imaginando por que não havia cortinas de renda nas janelas e por que a colcha da cama não era aquela tecida a mão à qual sempre estivera acostumada. Depois percebeu onde estava e moveu-se com prazer sob os lençóis macios, um sorriso nos lábios. Claro, não estava mais em Kilcarney, estava em Londres, na casa de Adam.

Seu olhar vagou pelo quarto e ela notou com satisfação as cortinas listradas que combinavam com a colcha verde-limão e o tom claro da madeira. Havia um tapete creme, macio e peludo, no chão, no qual seus dedos se haviam enrolado na noite anterior e que parecia muito mais luxuoso do que os tapetes que tinham em casa. Mas seu pai não era homem de apreciar essas coisas, preferindo a funcionalidade ao mérito artístico. Somente o aparecimento de Geraldine Massey havia atenuado um pouco suas atitudes e Maria tinha razão em ser grata à madrasta por ela ser uma aliada. Ao longo dos anos, fora Geraldine que intercedera junto a seu pai em beneficio de Maria e que dera a suas vidas uma medida de tolerância. Nessa história de Maria ir à Inglaterra para fazer o curso de Secretariado, Geraldine fora a principal incentivadora.

Naturalmente, Maria queria vir. Durante anos sonhou em escapar da vida confinada de Kilcarney onde seu pai era um pilar da comunidade e, como tal, incapaz de encarar com indulgência qualquer escapulida da filha. Mas até o momento não houvera oportunidade. Ela estivera num colégio de freiras, cercada por restrições de um ou outro tipo. Agora tinha deixado a escola e estava livre para fazer o que quisesse, pelo menos enquanto seu pai concordasse.

Mas tinha sido duro convencê-lo de que nenhum mal podia acontecer a ela, morando com Adam, e ela sabia que, se Adam tivesse mostrado qualquer sinal de receio com relação a sua visita, seu pai teria dominado tanto Geraldine quanto ela mesma e recusado que ela viesse. Esse era o motivo pelo qual tinha aproveitado a oportunidade e tinha decepcionado até a madrasta, que achava ser seu direito informar o marido do que estava acontecendo.

Maria suspirou e saltou da cama. Graças a Deus, agora estava ali. O pai pareceu apreensivo ao telefone na noite anterior, mas não exigiu que ela voltasse imediatamente. Maria sabia que, com o tempo, Geraldine o convenceria.

Andou até a janela e olhou para o pequeno jardim embaixo das janelas. Abrindo o trinco, levantou o vidro e debruçou-se sobre o peitoril. O ar estava frio e ela ficou arrepiada, mais

pela expectativa do que pelo frio. De repente a vida parecia imensamente interessante e apresentava-lhe todo tipo de possibilidade.
Então viu que uma senhora de idade do outro lado do bosque, que estava para recolher suas garrafas de leite da porta da frente, olhava para ela com reprovação. Olhando para seus trajes sumários, viu que estava usando apenas o curto pijama de nailon com o qual dormira e apressadamente retirou-se e fechou a janela, rindo para sua imagem no espelho da penteadeira. Não era bom escandalizar os vizinhos em sua primeira manhã. Além disso, não havia dúvida de que todos estavam se perguntando quem era ela e por que estava lá. Afinal, Adam era um solteirão desejável e os mexericos eram o sabor da vida para algumas pessoas.
Encolhendo os ombros, foi lavar-se no grande banheiro que cheirava agradavelmente a creme de barbear e loção após barba, depois voltou e abriu as malas que deixara no chão a noite anterior. Inspecionou-as procurando algo para vestir. Mais tarde ela as arrumaria, agora estava com fome. Já passava das oito e em casa costumava tomar o café da manhã com seu pai por volta das sete.
Enquanto se vestia, pensou que gostaria de ter uma oportunidade para falar com Adam. Na noite anterior ele se mostrara indiferente e reservado, fazendo as habituais perguntas polidas sobre seus pais, parecendo não estar interessado nela. Claro, o telefonema para Kilcarney o havia aborrecido, mas isso era inevitável. Depois ele desapareceu para fazer a cirurgia noturna em sua clínica, que ficava no East End, em Londres, como lhe dissera a sra. Lacey e da qual Maria não conseguia lembrar o nome; mais tarde, quando Maria esperava que ele voltasse, a empregada informou que ele ia jantar fora. Por tudo isso fora uma noite insatisfatória e ela decidiu que hoje seria diferente.
Agora, com uma calça comprida de linho roxo brilhante e uma camisa creme que chegava até os quadris, ajustada por um cinto, os cabelos lisos ondulando sobre os ombros, ela desceu a escada até o saguão. Não usava maquilagem, mas sua pele era naturalmente macia.
Hesitou ao chegar ao saguão, olhando à sua volta com interesse. O tapete, como nos degraus, era estampado de azul e verde, e todas as portas eram almofadadas em madeira clara. Sobre uma arca polida havia um vaso com tulipas e narcisos e suas cores pálidas ficavam bem contra a madeira mais escura.
Enquanto estava em pé ali, imaginando se Adam tomava o desjejum na mesma sala em que ela jantara na noite anterior, a sra. Lacey surgiu da cozinha para olhá-la com certo receio.
— Oh, a senhorita levantou. Eu... eu ia levar-lhe uma bandeja. O doutor disse que a senhorita devia estar cansada depois da viagem.
Maria sorriu de maneira encantadora.
— Não estou cansada, sra. Lacey — afirmou ela decididamente, sacudindo a cabeça. — Sinto-me maravilhosamente! — Esticou os braços acima da cabeça à vontade. — Diga-me, sra. Lacey, onde está Adam?
A sra. Lacey tentou esconder sua reprovação. Estava reparando na cor brilhante de suas calças e Maria, percebendo isso, disfarçou um sorriso.
— O sr. Adam está acabando seu café, senhorita. Está... está aqui. Adiantou-se para abrir a porta da sala de jantar e Maria agradeceu com um sinal da cabeça, entrando silenciosamente na sala.
Adam estava absorto no jornal da manhã, de costas para a porta e mal percebeu a entrada dela. Decerto pensava que era a sra. Lacey, voltando para ver se nada lhe faltava. Vestia um terno escuro e a camisa imaculadamente branca contrastava com a pele mais escura do pescoço; Maria achou que ele parecia muito frio, muito moreno e muito ocupado, e uma certa excitação agitou-a por dentro. Com sua costumeira falta de inibição, atravessou o chão atapetado até onde ele estava e, curvando-se, passou os braços em volta de seu pescoço por trás, beijando-o docemente no pescoço, como fazia às vezes com o pai.

Adam soltou-se do abraço, levantando-se bruscamente e olhou-a com raiva.
— *Maria!* — falou rispidamente, atirando o jornal para o lado e passando a mão pelos cabelos grossos.
Ela sorriu de modo encantador.
— Bom dia, Adam — disse, sentando-se na cadeira ao lado da que ele estivera ocupando. — Sinto muito estar atrasada para o café.
Adam recuperava a compostura e, respirando pesadamente,
examinou-a com impaciência.
— Você não está atrasada — replicou friamente. — Não há necessidade alguma de se levantar tão cedo. Mas eu tenho de sair para a cirurgia por volta das oito e meia.
Maria encolheu os ombros e, pegando o bule, serviu-se de uma xícara de café com a calma de alguém acostumado à prática. Adam sentiu de novo a mesma frustração da noite passada pelas
atitudes dela.
— Mas eu quero levantar cedo — disse ela, tomando o café. — Além disso, será bom para você ter companhia, para variar. Sua mãe disse que sempre tomava o café da manhã com você.
— É um pouco diferente — retrucou Adam secamente, erguendo a xícara e terminando o café de um gole só.
— Não vejo por que deveria ser diferente. Afinal, sou sua irmã.
— Filha de meu padrasto! — corrigiu-a Adam asperamente.
— Você se perde em minúcias! Aliás, esta é uma expressão de sua mãe. — Ela riu. — Hum, este café está muito bom, mas... você come frituras no café?
Adam controlou seu aborrecimento.
— Isso é da minha conta. Maria deu de ombros.
— Claro que é. Você acha que a sra. Lacey espera que eu faça
o mesmo?
— Pergunte a ela. — Adam estava ríspido. Maria suspirou e olhou-o resignadamente.
— Você não vai sentar-se novamente, Adam? Adam tez questão de olhar para o relógio de pulso.
— Não tenho tempo — replicou, sem um traço de desculpas
na voz.
Maria suspirou novamente e disse:
— Está bem, vou tomar só um pouco de café e estarei com você. Adam tinha virado para examinar alguns papéis em sua maleta,
mas ao ouvir suas palavras voltou-se para olhá-la, sem compreender,
— O que você quer dizer com isso? Maria despejou mais café na xícara.
— Quero ir com você hoje de manhã, quero dizer, a sua cirurgia. Quero ver onde você trabalha e posso até ser capaz de ajudá-lo.
Adam estava atônito.
— Obrigado, mas isso não será necessário, Maria. Tenho uma recepcionista muito eficiente para tratar de meus negócios. Você deve divertir-se o melhor que pudor.
— Mas eu quero ir com você, Adam,
— Mas não pode. — Adam sacudiu a cabeça. — E eu mudaria essas roupas antes de ir a qualquer lugar, se fosse você.
— O que há de errado com minhas roupas? — Maria levantou-se devagar.
— Se você não sabe, então não sou eu quem vai lhe dizer — retrucou Adam, cruelmente.
— Você é exatamente igual a meu pai! — exclamou Maria com raiva. — Sei que está apenas tentando perturbar-me! Talvez você queira que eu diga que não vou com você, não é?

Adam lançou-lhe um olhar exasperado, depois voltou-se e foi para o saguão, quase colidindo contra a sra. Lacey, que vinha ver o que Maria queria comer. Mas, para sua surpresa, a própria Maria o seguiu até o saguão e pegou a jaqueta cor-de-rosa do armário.
— Você não pode vir, Maria — disse Adam firmemente. — Sinto muito, mas meu consultório não é lugar para uma... uma... moça como você. — Ele estivera a ponto de dizer criança, mas se conteve.
Os olhos de Maria refletiram mágoa e ele a examinou por longo tempo antes de dizer novamente:
— Sinto muito — e virando-se, caminhou até a porta da frente. Maria franziu o nariz para esconder o desapontamento que sentia. Depois, jogou a jaqueta de volta no armário, não se incomodando em levanta-la quando caiu no chão. A sra. Lacey precipitou-se e a apanhou, sentindo compaixão pela moça.
Maria voltou para a sala de jantar, taciturna, as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos da calça, perguntando a si mesma se fizera uma coisa certa vindo para ali.
Depois, afastou esse pensamento e pegou o jornal de Adam. Abriu-o na primeira página, enterrou-se na cadeira dele e fez uma corajosa tentativa de lê-lo. A sra. Lacey entrou alguns minutos depois e, notando seu olhar preocupado, pensou novamente que Maria parecia bastante magoada.
— O que gostaria de comer, senhorita? — perguntou, começando a recolher os pratos sujos de Adam.
Maria olhou-a relutantemente. Não estava com vontade de falar com ninguém naquele momento.
— Nada, obrigada — respondeu educadamente e a sra. Lacey olhou-a com ar de dúvida.
— Não acha que deveria comer alguma coisa, senhorita? Uma moça jovem assim... Deve estar com fome.
Maria apertou os lábios novamente.
— Eu estava — admitiu baixinho. — Mas passou.
A sra. Lacey suspirou, deixou a bandeja e cruzou os braços.
— Ora, isso é bobagem, senhorita, se não se incomoda que eu diga isso. Dizer que não quer comer só porque o sr. Adam não a levou junto...
Os olhos de Maria arregalaram-se.
— Eu não mencionei Adam — disse, tentando parecer fria. A sra. Lacey balançou a cabeça.
— Não, claro que não. Mas isso é que está errado. A senhorita queria ajudar, só isso, mas não pode, então precisa conformar-se.
Maria olhou-a e sorriu com má vontade. Não era de sua natureza permanecer calada por muito tempo, além disso a culpa não era da sra. Lacey.
— Está bem — concordou, suspirando. — Eu queria ir. Mas não pude e agora não estou com muita fome.
— Bem, o que me diz de um pouco de cereais? Ou talvez bacon? Maria parecia horrorizada com a idéia.
— Oh, não! — gritou. — Mas talvez umas torradas. A sra. Lacey acenou com a cabeça.
— Está bem, senhorita. Algumas torradas e, quem sabe, um pouquinho de minha marmelada feita em casa.
Maria sorriu.
— Está parecendo delicioso!
Depois do café, Maria perguntou à empregada se havia algo que pudesse fazer na casa. A sra. Lacey ficou surpresa e disse:
— O que, por exemplo? Maria franziu a testa.
— Eu poderia arrumar as camas — ofereceu-se ela —, ou talvez lavar a roupa. Também sei cozinhar.

A sra. Lacey estava visivelmente espantada. Habitualmente os hóspedes não ofereciam seus serviços, mas a idéia não deixava de ser agradável. Mesmo assim...
— É muita gentileza sua, senhorita — respondeu ela, um pouco embaraçada —, mas não é preciso, sabe? Não é uma casa grande e tomar conta de um homem só não dá muito trabalho.
— Mas agora somos dois — salientou Maria. Mas sra. Lacey sacudiu a cabeça.
— É muito gentil de sua parte, senhorita, mas acho que o sr. Adam não aprovaria. De qualquer forma, a senhorita ainda não saiu desde que chegou ontem à tarde. Que tal ir até as lojas em High Street e trazer-me as coisas de que preciso?
— Fazer compras? — Maria hesitou. — Oh, sim, eu gostaria.
— Ótimo — a sra. Lacey estava aliviada por ter encontrado uma solução para o problema de Maria e, na cozinha, fez uma lista do que precisava. Mais tarde, armada de uma cesta de compras e da carteira da sra, Lacey, Maria saiu, seguindo as orientações da empregada, em direção a High Street.
O frio matinal se dissipara. Era uma bela manhã de primavera e a sensação de bem-estar de Maria voltou. Era natural que Adam achasse difícil adaptar-se a ter alguém mais morando em sua casa, principalmente esse alguém sendo também seu parente. Ela não devia exigir muito dele imediatamente. A vida de um médico não era a de um fazendeiro. Ele não tinha hora de descanso e as responsabi-lidades que carregava certamente o tornavam mais sério. Com essa alegre disposição percorreu as lojas, usando seu inato senso de perspicácia do campo ao decidir que tipo de carne comprar ou quais os legumes que devia escolher. Insistiu em pegar os tomates antes de comprá-los, o que aborreceu o comerciante, mas finalmente teve a satisfação de saber que não fora enganada. Com a jaqueta rosa e a calça roxa não parecia deslocada em High Street, onde se podia ver todo tipo de vestuário, mas ao retornar a Virgínia Grove percebeu várias sobrancelhas levemente erguidas entre os moradores que passavam pela rua. A sra. Lacey ficou surpresa ao ver como Maria gastara pouco em suas compras, esperando que ela voltasse sem a metade das coisas que devia comprar. Fez um pouco de café para elas e enquanto se sentavam amigavelmente à mesa do desjejum na cozinha, conversando, a sra. Lacey descobriu algumas coisas a respeito da vida de Maria em Kilcarney. Logo depois, Maria mudou astutamente o assunto e disse:
— A que horas Adam volta para o almoço?
A sra. Lacey sorriu e levantou-se, levando a xícara vazia até a pia.
— Por volta de uma hora — retrucou. — Porém, nem sempre ele vem almoçar.
— Oh! — Maria mal pôde disfarçar seu desapontamento e a sra. Lacey prosseguiu dizendo que normalmente ele telefonava antes das onze quando não voltava para almoçar. — E ele telefonou hoje? — Maria não pôde evitar a pergunta.
A sra. Lacey sacudiu a cabeça.
— Não, senhorita. Ele vai voltar para casa. Afinal, seu único tempo livre é à tarde, antes da noite. Ele trabalha muito; ele, o sr. Hadley e o sr. Vincent.
— Quem são eles?
— Seus sócios.
— Ah, sei — Maria assentiu com a cabeça. — E a clínica fica em Islington, correio?
— Sim, senhorita.
— Onde é isso?
— No East End, depois de Camden Town. Não é uma região particularmente bonita, mas é muito populosa.
Maria franziu as sobrancelhas.
— O East End? Minha madrasta disse que havia uma porção de cortiços, lá.
— Ainda há e a maior parte fica em Islington.
— E por que não fazem alguma coisa a esse respeito?

— Estão fazendo. Um dia todas essas velhas construções serão demolidas e haverá apartamentos e outras coisas. Só que é mais fácil falar do que fazer.
— E Adam trabalha lá. — Maria fixou a sra. Lacey. — Por quê?
— Ele sabe que é onde mais precisam dele, senhorita. Lugar terrível para as doenças são casas úmidas. Há também muitas pessoas idosas. Muitas delas vivem sozinhas. Como a sra. Ainsley, que está no Hospital St. Michael neste momento.
— A sra. Ainsley?
— Sim, é uma velha senhora de quase setenta anos. Mora sozinha. Só tem um velho cão, Minstrel. Na semana passada tropeçou no alto da escada e caiu.
— Oh, isso é horrível! Ela está muito machucada?
— Bem, ela está viva. Mas houve ferimentos internos, sabe? Estava sangrando quando a encontraram.
Maria sacudiu a cabeça.
— E quem a encontrou?
— O próprio doutor. Ele costumava passar por lá, para visitá-la. Costumava dizer que ela precisava de alguém. Mas agora ela esta no hospital e só Deus sabe quando poderá sair, pobre criatura.
Maria mordeu o lábio.
— Ela não tem família?
A sra. Lacey parou para pensar.
— Acho que não. Pelo menos, não aqui. Tinha uma filha, mas ela emigrou há algum tempo.
Maria suspirou, segurando o queixo com uma das mãos.
— Acho que gostaria de trabalhar com pessoas — disse ela. — Deve ser muito compensador ajudar pessoas assim.
A sra. Lacey ficou surpresa.
— Mas eu pensei que tivesse vindo para Londres para fazer um curso de Secretariado na escola comercial.
Maria sorriu.
— Sim. Ou, pelo menos, foi o que Geraldine achou que eu gostaria de fazer. Mas depois de ouvir a senhora, não tenho mais tanta certeza.
Deve haver centenas de pessoas velhas como essa sra. Ainsley. Talvez haja oportunidades nesse tipo de trabalho social. A sra. Lacey parecia ansiosa.
— Não fique tão romântica pensando em cuidar das pessoas e resolver os problemas delas. Não é tão fácil assim. Precisa ter a paciência de Jó.
— Acho que a senhora tem razão. Lá em casa as famílias são maiores e sempre há alguém que tem vontade de cuidar dos velhos. Minha avó ainda está viva e mora num chalé perto de meu pai. Ele nem sonharia em abandoná-la, mudando-se de lá.
A sra. Lacey suspirou.
— É, mas as coisas são diferentes por aqui. As pessoas não têm tempo de fazer tudo o que gostariam. Estão muito ocupadas tentando melhorar sua vida. Não pensam que um dia também ficarão velhas.
Maria contornou preguiçosamente o desenho da fórmica sobre a mesa com o dedo indicador.
— No que me diz respeito acho que a senhora está certa. Mas não posso deixar de sentir pena das pessoas.
A expressão da sra. Lacey suavizou-se.
— Não seja vulnerável demais — aconselhou calmamente. — Há sempre alguém pronto a aproveitar-se de você.
Maria sorriu.
— Isso parece muito cínico.

— Talvez nesse ponte eu seja mesmo. — A sra. Lacey encolheu os ombros. — Trabalhando aqui como empregada do sr. Adam, vejo muito sofrimento, mas nem todos merecem a ajuda que recebem. A senhorita deve fazer seu curso de Secretariado, como planejou. Assim estará livre de complicações.
Maria ficou indignada.
— Posso tomar conta de mim. A sra. Lacey pareceu cética.
— Pode? Não tenho tanta certeza. Não aqui, pelo menos. Londres não é apenas a troca de guarda e o Palácio de Buekingham, sabe?
— Mas eu não sou imatura — retrucou Maria rapidamente.
— Ninguém disse que era. No entanto, só por tê-la aqui o sr. Adam tem mais responsabilidades, e ele já trabalha o suficiente.
Maria suspirou e desceu do tamborete. Já se cansara dessa conversa. Lembrou-se das malas, ainda arrumadas, lá em cima. Podia subir e arrumar as coisas antes do almoço e possivelmente encontraria algo diferente para vestir. Algo que Adam não achasse tão inconveniente.
Mas no momento em que estava para anunciar seus planos à sra. Lacey, a campainha da frente tocou e a sra. Lacey suspirou aborrecida.
— Você pode ir atender? — perguntou a Maria. — Minhas mãos estão molhadas. Se for para o doutor, diga que volte mais tarde.
— Está bem. — Maria consentiu com a cabeça e caminhou até o saguão. Alisando o cabelo, abriu a porta e olhou com certa sur-presa para a mulher que batia o pé impacientemente enquanto
esperava do lado de fora. Ela não esperara ver alguém tão decorativo na porta de Adam. A mulher era pequena e delicadamente proporcional, com sedosos cabelos dourados presos numa pequena coroa no alto da cabeça. Era muito bonita, mas sua expressão, enquanto olhava para Maria, examinando-a, não era agradável.
— Sim? — Maria olhou-a com expectativa. — Posso ajudá-la? A mulher olhou para trás, para a entrada de carro de Adam
t e então Maria percebeu a limusine com motorista parada no portão. A mulher olhou novamente para ela e disse:
— Você deve ser Maria. Adam falou-me a seu respeito. Maria tentou um leve sorriso.
— Oh, sim. A senhora não quer entrar? — Sentiu-se obrigada a convidar a mulher para entrar, pois obviamente ela não era uma paciente comum de Adam.
Os lábios da mulher abriram-se numa espécie de sorriso e ela entrou no saguão. A. sra. Lacey chegou à porta da cozinha e, quando viu quem era a visita, enxugou as mãos no avental e aproximou-se.
— Oh, é a senhora, srta. Griffiths — disse educadamente. — Temo que esteja adiantada para ver o sr. Adam.
Loren tirou as luvas cinza-pérola.
— Mas eu não vim ver Adam precisamente — replicou suavemente. — Queria.., conhecer Maria.
— Sei. — A sra. Lacey olhou duvidosamente para a jovem. — E o senhor Adam sabe que está aqui, senhorita?
Loren ergueu as sobrancelhas escuras.
— Ê provável que não. Isso tem importância? — Sua voz estava fria. — Tenho certeza de que não se oporá, sra. Lacey. — Olhou a mulher mais velha desafiadoramente e a sra. Lacey baixou os olhos.
— Não, senhorita — concordou finalmente a sra Lacey. — Ah, gostaria de tomar um café?
Loren encolheu os ombros.
— Se não for muito incomodo, sra. Lacey.

A sra. Lacey fungou e sem mais palavras voltou para a cozinha.
— Velha ignorante! — observou Loren maliciosamente e Maria sentiu as próprias faces ardendo quando escutou o comentário. Depois Loren virou-se para ela e disse; — Como a sra. Lacey esqueceu de nos apresentar, suponho que seja melhor fazê-lo eu mesma. Sou Loren Griffths.
Disse o nome como se esperasse que isso produzisse algum efeito em Maria, mas Maria simplesmente esboçou um leve sorriso e Loren prosseguiu: — Adam falou-lhe a meu respeito? Maria torceu as mãos.
— Não. Mas faz muitos anos desde que o vi pela última vez e eu só cheguei ontem à tarde.
— Ah, sim. — Loren sorriu quase ironicamente. — Bem, vamos para a sala de visitas?
Maria adiantou-se rapidamente, desculpando-se.
— Sim, claro — disse rapidamente; ainda não completamente certa de como tratar essa mulher, que parecia conhecer Adam tão intimamente e que se sentia tão à vontade na casa dele.
Loren precedeu-a na sala baixa e clara que ficava diante dos jardins atras da casa. Era uma sala agradável decorada simples e confortavelmente com sofás de couro e um tapete com desenhos creme sobre o chão. Aqui Adam tinha uma televisão, um rádio e estantes com todos os tipos de literatura, como Maria descobrira na noite anterior. As venezianas abriam-se para um pequeno pátio, onde havia vasos com plantas trepadeiras e uma grade coberta de rosas silvestres.
Loren sentou-se confortavelmente no sofá, abrindo o casaco para revelar um vestido de lã curto num atraente tom turquesa e indicou que Maria ocupasse a cadeira em frente. Maria a contrariou, fingindo não ver seu gesto. Obviamente essa mulher viera aqui cheia de curiosidade para ver como era a filha do padrasto de Adam e, embora Maria pudesse entender sua curiosidade, não pôde deixar de sentir que essa visita era precipitada. No entanto, foi ficar em pé perto da grade da lareira, sorrindo cautelosamente para sua hóspede, perguntando-se qual seria exatamente seu relacionamento com Adam.
Loren, por seu lado, parecia totalmente à vontade, acendendo um cigarro que tirou da pesada caixa sobre a mesa baixa a sua frente, aspirando satisfeita. Maria esperou pacientemente que ela falasse.
— Adam deve ter ficado bastante surpreso ao encontrar você aqui, ontem, não é?
Maria sorriu e relaxou um pouco.
— Oh, sim — concordou, com candura. — E acho que não ficou particularmente contente com isso.
Loren estudou-a atentamente.
— Talvez não. Não lhe ocorreu que teria sido mais diplomático esperar até ser realmente convidada?
Maria estava perplexa.
— Não. Achei que não era necessário — retrucou. — Adam é meu irmão.
— É filho de sua madrasta, o que é bem diferente.
— Apesar de tudo, faz parte de minha família.
— Uma parte que você não conhece muito bem, eu arriscaria dizer — observou Loren um pouco secamente.
— Talvez. Pretendo remediar isso — replicou Maria, instigada pelo ar de desprezo da outra mulher,
Loren. tragou profundamente e nesse momento a sra. Lacey entrou com a bandeja do café. Colocou-a sobre a mesa ao lado de Loren e endireitou-se rigidamente.
— Alguma coisa mais que a senhorita queira? Loren olhou de relance para a bandeja.
— Não, obrigada, sra. Lacey. Parece perfeito.

A sra. Lacey retirou-se, enquanto Maria a olhava duvidosamente. Será que a sra. Lacey aprovava o fato de ela estar entretendo essa mulher na casa de Adam, na ausência dele? Enganara-se ao pensar que Loren Griffiths era uma amiga de Adam? Loren serviu o café, mas Maria recusou. Ela já havia tomado café com a sra. Lacey. Além disso, não tinha vontade alguma de ser sociável com essa mulher. Havia algo cm suas maneiras que ela não gostava, embora Loren não tivesse dito quase nada ofensivo. E no entanto Maria tinha a sensação de que estava sendo julgada e perguntou-se novamente por que a mulher teria querido conhecê-la. Elas não pareciam ter nada em comum.
— Que curso você está planejando fazer? — Loren interrompeu o fio de seus pensamentos com a pergunta.
Maria encolheu os ombros.
— Ainda não sei, srta. Griffiths. Não tenho planos definidos.
— Ah, sei. — Loren franziu as sobrancelhas. — Eu penso que teria sido mais conveniente para você fazer seu curso perto de casa. Afinal, eles têm esse tipo de coisa lá, não têm? — Ela disse isso como se a Irlanda fosse habitada por primitivos.
No entanto, Maria fez que sim com a cabeça polidamente e disse:
— Sim, há tais cursos lá, mas eu queria vir a Londres.
— Sei — disse Loren novamente. — Mesmo assim, você deve admitir que vir para cá morar com o filho de sua madrasta é um tanto... como diria?... anticonvencional.
Maria sentiu suas faces se ruborizarem.
— É mesmo, srta. Griffiths?
— Você não acha?
— Não.
Loren suspirou, apertando o cigarro impacientemente.
— Você não é uma criança, Maria. E pode ver que teria sido bem mais adequado dividir um apartamento com outras moças do que viver aqui com Adam.
Maria ficou tensa. Tal idéia jamais havia passado por sua cabeça; além disso, sabia que seu pai nunca teria concordado com isso. Consequentemente, sua voz jovem estava excitada quando retrucou:
— Não vejo o que tem a ver com isso, srta. Griffiths, onde eu escolho viver!
— Maria! — A inesperada voz masculina surpreendeu ambas e Maria virou-se rapidamente para ver Adam de pé na soleira da porta da sala, o rosto escuro e aborrecido. Elas estavam tão absortas em sua discussão que não o haviam escutado entrar em casa.
Loren levantou-se imediatamente e, antes que Maria pudesse falar, precipitou-se para onde ele estava.
— Adam! Querido! — exclamou com voz suave e atraente, bem diferente do tom quase áspero que usara com Maria. — Estive esperando por você.
Adam olhou-a ironicamente por um instante, impedindo com o braço qualquer tentativa que ela pudesse fazer para abraçá-lo. Depois olhou para Maria interrogativamente. Maria torceu as mãos nas costas e ergueu os ombros num gesto de desafio. Não tinha intenção de dar explicações enquanto Loren Griffiths estivesse !á.
Como se tivesse sentido sua retirada. Adam olhou de novo para a mulher presa ao seu braço e seus olhos suavizaram-se.
— Então, Loren? — disse desafiadora mente. — Exatamente por que você está aqui? Ou posso adivinhar?
Loren fez um gesto eloquente e, percebendo que ele não estava disposto a ser bajulado, decidiu ser honesta.
— Vim para conhecer Maria — disse friamente. — Afinal, eu sou sua noiva, não é, querido?
— É mesmo? — Adam estava igualmente frio, perturbadora-mente frio.
Loren suspirou.

— É claro que sou. — Olhou para Maria. — Talvez você devesse explicar isso à sua... à filha de sua madrasta. Maria controlou-se com dificuldade. Agora Loren estava sendo francamente insolente, certa do apoio de Adam. Mesmo assim, Adam não parecia absolutamente se divertir com a situação e ela só pôde pensar que ele ainda estava zangado por ela ter falado com sua noiva como o fizera. Ele deveria ter-lhe contado que estava noivo. Deveria ter explicado que sua noiva poderia fazer-lhe uma visita. Não deveria ter permitido que ela fosse posta numa situação tão embaraçosa.
Com um abafado "desculpem-me", atravessou rapidamente a sala, passando por eles para escapar para o saguão. Assim que chegou lá, retirou-se apressadamente para o quarto, batendo a porta um pouco mais forte do que o necessário. Depois olhou de relance para seu reflexo no espelho da penteadeira. De repente, sentiu que o dia não estava tão lindo assim.

CAPÍTULO III

Foi com um pouco de relutância que Maria desceu para o almoço. Tinha desfeito as malas e pendurado as roupas no armário, sem se empenhar muito na tarefa. Se Loren Griffiths tivesse oportunidade, usaria sua influência junto a Adam para mandar Maria de volta a Kilcarney e essa perspectiva a deixava furiosa.
Pondo de lado esses pensamentos, lavou-se e pós um vestido de saia curta, cor de tangerina, que punha em evidência suas pernas longas e esbeltas, e escovou o cabelo até fazê-lo brilhar. Mesmo assim, só depois que a sra. Lacey a chamou se decidiu a descer. Enquanto entrava na sala de jantar, assumiu uma expressão de desafio, porém não precisaria ter se preocupado, pois estava só. Mas a mesa estava posta para dois e uma ruga de preocupação toldou sua fronte. Ouvindo passos, voltou-se, esperando ver a sra. Lacey, mas foi o próprio Adam que entrou na sala, e ela sentiu um rubor incômodo subir-lhe às faces.
— Sente-se — disse ele, indicando as cadeiras junto à mesa, e Maria resolveu obedecer a criar qualquer tipo de discussão nessa hora. Adam foi servir-se de um uísque no barzinho ao lado das janelas e Maria observou-o com certa impaciência. Ele a convidaria a acompanhá-lo? E onde estava Loren Griffiths?
Adam voltou, tomando metade de seu uísque, e colocou o copo sobre a mesa. Sentou-se e olhou Maria seriamente, enquanto ela brincava com o guardanapo, desejando que ele dissesse qualquer coisa. Finalmente ela perguntou:
— Onde está a srta. Griffiths?
Adam levantou os ombros num gesto comum. — Tinha um compromisso com o produtor dela, acho eu.
— Produtor? — Maria passou a língua pelo lábio superior pensativamente. — O que ela é? Atriz?
A expressão de Adam tornou-se ligeiramente zombeteira.
— Você nunca ouviu falar dela?
— Deveria ter ouvido?
Ele fez uma careta, pensativo.

— Talvez não. Mas ela é famosa, principalmente aqui e nos Estados Unidos. Tem tido lá um sucesso considerável.
— Sei. — Maria moveu levemente a cabeça. — Percebi que ela esperava ser reconhecida. Acho que a desapontei, Adam.
Ele apertou os olhos e perguntou brandamente:
— Diga-me exatamente, o que estava acontecendo quando interrompi vocês?
As faces de Maria ficaram de um vermelho-brilhante.
— Ela não lhe contou?
— Se tivesse contado, eu estaria perguntando? Maria ergueu os ombros na defensiva.
— Bem, ela disse que eu não deveria ter vindo aqui sem ser convidada e que deveria ter procurado um apartamento para morar com outras moças de minha idade.
— Ela disse isso?! — Adam parecia bastante interessado. — E qual foi sua reação?
Maria apertou os lábios.
— Você pôde vê-la — disse ela brevemente.
— Ah! — assentiu Adam. — Bem, fico feliz por você ter explicado. Prefiro a verdade às evasivas. Lembre-se disso, sim?
A sra. Lacey entrou com a comida nesse momento e por algum tempo houve silêncio enquanto os dois se ocupavam com o delicioso almoço que a empregada havia preparado.
Então Maria perguntou:
— Você não disse a sua mãe que estava noivo, disse? Adam levantou os olhos.
— Não.
— Por quê? — Maria mordeu o lábio. — Se você tivesse explicado, eu não teria dito o que disse.
Adam recostou-se preguiçosamente na cadeira.
— A esta altura, você já deve conhecer bem minha mãe. Acha que ela aprovaria Loren?
Maria descansou os cotovelos na mesa e apoiou o queixo nas mãos.
— Não sei. Talvez. Naturalmente, o mais importante é se você será feliz com ela.
Adam franziu a testa.
— Que conhecimento do mundo!
Maria suspirou.
— Acho que ela não o faria feliz — aventurou-se a dizer francamente.
Adam fitou-a, exasperado.
— Não me lembro de ter pedido sua opinião.
— Não, mas eu já a dei, se é que vale alguma coisa. — Maria examinava as unhas. — Você... você conhece a srta. Griffiths há
muito tempo?
— Há um ano — retrucou Adam, e Maria sentiu que o havia
aborrecido novamente.
Ele levantou-se da cadeira pouco depois, antes de a sra. Lacey trazer o café, e Maria observou-o com certa irritação. Certamente ele não ia deixá-la sozinha novamente.
Levantando-se, deu a volta à mesa, unindo os dedos nervosamente.
— Sinto muito. Eu aborreci você, não é? Adam olhou-a impacientemente.
— Você me provoca, Maria. Ainda não estou totalmente convencido de que Loren não tinha razão ao sugerir que seria melhor você dividir um apartamento com outras moças.
Maria estranhou.
— Você não está falando a sério!
Adam olhou-a atentamente e encolheu os ombros largos.
— Por que não? Você deve admitir que sua chegada aqui foi um tanto precipitada!
Maria apertou os lábios numa sensação de impotência, sentindo
raiva ao ouvir as palavras ferinas.

— Você agora está tentando me provocar — acusou-o, veemente. Adam passou a mão pelos cabelos. Talvez ela estivesse certa.
Talvez estivesse sendo deliberadamente cruel, mas isso se devia ao fato de a franqueza dela despertar sua irritação.
Voltou-se, ao ouvir o telefone tocar. Abriu a porta e foi atendê-lo. Quando voltou, a sra. Lacey o esperava com a bandeja do café.
— Ora, com certeza o senhor não precisa sair tão depressa, sem tomar seu café, doutor — protestou ela, enquanto Adam se desculpava, dizendo que a chamada era urgente.
Maria interveio, desolada.
— O que houve? — e Adam olhou-a por um momento.
— Um de meus pacientes teve um ataque cardíaco — respondeu rapidamente. — Sinto muito ter de sair, mas acho que isso faz parte do romance da vida de um médico! — Seu tom era irônico e Maria achou que ele estava bem contente por ter a chance de escapar da conversa com ela.
Logo depois ela ouviu o ronco do motor do Rover que partia. Durante a tarde, Maria decidiu sair.
A sra. Lacey não ficou muito satisfeita por ela aventurar-se a ir longe sozinha, mas Maria não ligou às advertências e, levando apenas um casaco de tricô nos ombros, saiu por volta das duas horas. Sentia-se doente e irritada consigo mesma. Era impossível esquecer que no dia anterior estivera cheia de perspectivas e esperança e hoje sentia-se tão melancólica e abatida.
Tentou lembrar mais coisas a respeito das visitas de Adam a Kilcarney, mas era difícil encontrar qualquer semelhança entre o homem que conhecera e o homem que conhecia agora. Naquela época suas impressões eram as de uma estudante e naturalmente ele impunha respeito por causa da idade e experiência. Mesmo assim, ele se mostrara humano e gentil e durante esse tempo todo Maria formara dele o retrato de um homem agradável, atraente, interessado em ouvi-la e em suas aspirações. Como ele era diferente, insistindo em considerá-la um transtorno desagradável! Pela primeira vez, perguntou-se se ele teria recusado a permissão de deixá-la vir, se ela tivesse esperado a resposta à carta da madrasta. Ela fora precipitada, como ele disse? De qualquer fornia, agora não importava mais e, repentinamente, sentiu saudade do calor e do afeto da casa do pai.
Parou em High Street, sem saber com certeza onde estava e lastimou não ter comprado um guia da cidade. No entanto, sempre imaginara que Adam estaria com ela para mostrar-lhe os lugares e nunca pensara que pudesse considerá-la um fardo.
Andou sem rumo, seguindo a rua principal sem muito entusiasmo e casualmente chegou a Piccadilly e, apesar de tudo, sentiu-se interessada em explorar as mecas dos turistas. Tinha uma sensação agradável e suave por sentir-se no meio da multidão, perdendo a identidade entre a massa. Afinal, esta era a cidade sobre a qual lera tão avidamente: "A *swinging* Londres", como alardeavam todos os guias. Não "dançava'' muito, pelo que Maria podia ver, no entanto sentiu o calor do povo e um pouco da saudade desapareceu.
Passou a tarde andando de um lugar a outro, olhando extasiada as antigas construções que eram tudo o que restava de um passado turbulento. Parou um pouco na ponte da Torre, ficou observando as barcaças passarem e olhando as altas paredes enegrecidas da própria torre. História sempre fora uma de suas matérias preferidas e ela conhecia bem os terríveis crimes que haviam sido cometidos naqueles calabouços. Outro dia entraria na torre para ver as jóias da rainha e talvez parar um pouco no pátio onde duas rainhas inglesas foram decapitadas. A História inglesa era tão fascinante! Sentia-se a magia do passado em lugares como esse. Havia muitos outros que queria conhecer, e, embora tivesse apreciado muito essa tarde, teria sido muito mais interessante se houvesse alguém com ela para compartilhar de suas descobertas. Quando o sol começou a desaparecer, sua

depressão voltou, e ela ficou pensando na perspectiva de mais um jantar solitário enquanto Adam se ocupava com seus próprios negócios.
Lágrimas quase vieram a seus olhos, mas ela as reprimiu e começou a andar novamente. Não devia chorar. Não devia entregar-se à autocomiseração dessa maneira. Era por sua própria culpa que estava ali e precisava conformar-se se pretendia ficar. Se...
Em Piccadilly Circus parou, sentindo-se totalmente desnorteada, enquanto muitas pessoas passavam por ela a caminho dos pontos de ônibus ou estações de metrô. Deveria chamar um táxi e voltar para casa, pois não sabia exatamente onde estava, mas as chances de conseguir chamar a atenção de um motorista de táxi nessa hora de *rush* eram mínimas.
Então entrou numa pequena confeitaria, pediu café com rosquinhas e decidiu esperar.
Era bem agradável sentar-se perto da janela e observar a multidão passando a caminho de casa. Lá não se sentia tão desanimada e ninguém a estava empurrando ou esbarrando nela.
Tomou o café vagarosamente e percebeu que o tráfego, aos poucos, se tornava menos intenso. Ao terminar a terceira xícara de café, já era possível andar pela rua sem dificuldade e, enfiando as mãos nos bolsos do casaco de lã, foi andando em direção ao Hyde Park.
Suas pernas estavam doendo, então sentou-se num banco e tirou um dos sapatos para examinar a bolha do calcanhar. Até essa hora não tinha percebido como seus pés doíam realmente e decidiu que teria de tomar um táxi.
Uma mulher de idade veio sentar-se ao seu lado, sorrindo-lhe com simpatia.
— Bem, minha querida, estão me parecendo bem desconfortáveis — disse ela, indicando as bolhas de Maria.
Maria forçou um sorriso.
— Estão mesmo — admitiu, estremecendo ao enfiar o pé de novo no sapato. — Estive caminhando quase a tarde toda.
A mulher examinou-a com interesse.
— É mesmo, querida? Você não é inglesa, não é? Maria sacudiu a cabeça.
— Não, sou irlandesa.
A mulher sorriu, à vontade.
— Foi o que pensei. Está há pouco em Londres, suponho.
— Oh, sim. — Maria suspirou. — E uma cidade tão grande!
— É sim. É difícil quando você não conhece ninguém. O que está fazendo aqui? Procurando emprego? À espera de algo, com certeza. Em hotel?
— Oh, não. Quero fazer um curso de secretária. — Franziu o cenho. — Gostaria de trabalhar num escritório.
A mulher observou-a detidamente.
— Então é isso? Trabalhar num escritório, hem? Então você não está atrás da fama?
Maria sorriu.
— Acho que não.
A mulher fitou-a penetrantemente.
— E se eu lhe dissesse que posso conseguir-lhe um emprego, num escritório, é claro, sem necessidade alguma do treinamento formal, que você faria?
Maria arregalou os olhos.
— Um emprego? Num escritório? A senhora poderia mesmo?
— Por coincidência, posso. Tenho um amigo, sabe, que está procurando uma moça bonita como você para fazer o arquivo e outras coisas. Trabalho fácil, boa remuneração, ótimas perspectivas. Exatamente o tipo de coisa para uma jovem como você.
Maria ficou perplexa.
— Não sei o que dizer.
A mulher sorriu e lhe bateu de leve na mão.

— Não diga nada, querida. Diga-me apenas seu nome, vou telefonar para meu amigo e combinarei.
Uma sombra projetou-se sobre elas e Maria olhou para cima, surpresa. Um policial alto estava de pé diante delas, olhando para baixo com solenidade.
— Então, Beatrice — disse ele severamente —, o que está acontecendo por aqui? De volta a seus velhos truques, hem?
A mulher levantou-se alisando o casaco de modo defensivo.
— Não sei o que o senhor quer dizer, seu guarda — disse ela altivamente. — Eu só estava sentada aqui, cuidando de minha própria vida, passando algum tempo com esta jovem.
— Isso é verdade, senhorita? — O policial olhou para Maria. — Ela não estava lhe oferecendo um emprego, estava?
Os olhos de Maria eram eloquentes e o policial olhou resigna-damente para a mulher que ele chamara Beatrice. — Oh, meu Deus, Beatrice—disse ele, — E depois de tudo que você prometeu...
A mulher olhou Maria com expressão zangada.
— Eu não fiz nada. Ela lhe disse que eu ofereci um emprego?
— Ela não precisou dizer — retrucou o policial, movendo a cabeça.
— Bem, o senhor está fazendo uma acusação?
— O policial franziu a testa.
— Isso depende.
— Dependo de quê?
— Depende da espécie de emprego que estava oferecendo à moça. Maria ouviu essa troca de palavras com uma crescente sensação
de ansiedade. O que estava acontecendo? A respeito do que era tudo isso? Por que o policial fazia todas essas perguntas? O que a mulher fizera?
Então ele se voltou para Maria.
— Bem, senhorita, o que ela lhe disse?
O olhar perturbado de Maria deslocou-se do rosto inquiridor do policial para o da mulher. Qualquer traço de amizade desaparecera e ela eslava olhando para Maria com uma expressão quase de medo. De repente, Maria decidiu que não queria ser envolvida nisso.
— Não sei — disse ao policial. — Realmente não sei. O policial enrijeceu-se e olhou Beatrice com resignação.
— Você tem sorte — disse secamente. — Uma sorte maldita! Beatrice apertou os lábios.
— Não estava fazendo mal algum — insistiu. — Posso ir agora? O policial encolheu os ombros e olhou de novo para Maria.
— Acho que sim — disse. — Desapareça.
A mulher afastou-se, caminhando rapidamente, apertando o casaco bem junto ao corpo e o policial olhou para Maria com olhos
Preocupados,
— E você, de onde vem? Maria engoliu em seco.
— Ken... Kensington — gaguejou.
— O que está fazendo por aqui?
— Eu estive visitando a cidade — replicou Maria.
— Sozinha?
— Sim.
— Você não tem pai nem mãe?
— Na Inglaterra, não.
O policial sacudiu a cabeça lentamente.
— Você mora sozinha, então?
— Não, moro com o filho de minha madrasta.

— Em Kensington?
— Sim. Ele é médico.
— E ele deixa você vir até aqui, correndo todo tipo de perigo? — O policial parecia atônito.
Maria engoliu em seco novamente.
— Não estou entendendo. Eu só estava sentada aqui, descansando os pés, quando aquela mulher chegou e falou-me. Pensei que ela estava apenas sendo gentil e amigável.
O policial olhou-a com ar de piedade.
— Oh, sim, Beatrice ia ser muito gentil e amigável. Pelo menos, até persuadir você de que perderia tempo tentando construir uma vida decente nesta cidade!
Maria levantou-se vacilante.
— Desculpe-me — disse trêmula. — Eu não estou entendendo. O policial suspirou.
— Naturalmente você sabe sobre o que estou falando. Uma moça de sua idade conhece os fatos da vida, ou não?
— O quê? — Maria fitou-o incredulamente. Depois apertou a boca com a mão, sentindo-se levemente enjoada. — O senhor não quer dizer...
— Isso mesmo. — O policial olhou-a com ar de exasperação. — Olhe, pegue um ônibus ou o metro e vá para casa, sim? Volte logo para o filho de sua madrasta. Gostaria de que ele tivesse um pouco mais de cabeça. E lembre-se, não fale novamente com estranhos no parque.
Maria sentiu uma onda de horror percorrê-la e com um rápido aceno com a cabeça, afastou-se dele, correndo em direção à rua. De repente sentia-se assustada o a casa de Adam acenava como um santuário abençoado em toda essa cidade hostil.
Agora os táxis estavam vazios e pôde facilmente chamar um deles, aconchegando-se no canto após ter dado o endereço ao motorista. Ela achou que ele a olhava com certa dúvida, mas não fez comentários e quando alcançaram o bosque ela desceu com as pernas trêmulas. Tentou encontrar troco suficiente para pagá-lo e depois subiu tropeçando pela entrada de carros até a casa. Enquanto se atrapalhava com a maçaneta da porta, esta foi subitamente escancarada e ela quase caiu nos braços de Adam.
— Pelo amor de Deus, onde você esteve? — perguntou ele selvagemente e então notou o rosto pálido e assustado de Maria e puxou-a para dentro sem cerimónia, batendo a porta.
Maria ficou tremendo apreensivamente e ele resmungou uma exclamação e precedeu-a a caminho da sala.
— Venha cá! — ordenou, ao ver que ela não o seguiu imediatamente. Então com passos relutantes e vagarosos ela obedeceu.
Ele estava pondo conhaque num copo e, enquanto ela hesitava incerta ainda na porta, meteu-lhe o copo na mão e disse:
— Beba isso! Você parece um fantasma!
Maria obedeceu, embora o álcool a fizesse tossir por um instante enquanto descia, queimando, até o estômago. Adam ficou parado, olhando para ela pensativamente. Enquanto o calor da bebida penetrava em seu estômago, ela pensou na aparência triste que devia ter. Terminando a bebida, devolveu-lhe o copo e ele o segurou, continuando a olhar para ela com expectativa.
— Bera? — disse ele com voz controlada. — Já se sente pronta para dar algumas explicações, agora?
Maria moveu-se, na defensiva.
— Você esteve preocupado por minha causa? Adam soltou uma imprecação.
— Você já percebeu que são quase oito horas? — vociferou rudemente. — Fiquei quase maluco de preocupação por você, e você ousa ficar aí parada, perguntando isso!
Maria tremeu sob seu olhar penetrante.
— Sinto... sinto muito.

Adam respirou profundamente.
— Onde esteve? — perguntou tenso. Maria mordeu o lábio.
— Fui conhecer a cidade. Eu não pensei que fosse sentir a
minha falta.
— O que você pretende? — ele voltou-se rapidamente.
Ela tremeu.
— Nada. Mas, bom, pensei que você estaria trabalhando.
— Você só está tentando me contrariar! — disse com raiva. — Só porque fui um pouco rude com você, pensa que pode vingar-se, é isso?
— Não! — Maria estava indignada. — Ora, não foi por isso!
— Então o que foi? Que tipo de bobo você pensa que *eu* sou? Desaparece por mais de cinco horas e espera que a trate com gentileza! Isto é Londres, Maria, não Kilcarney! Pode ser perigoso para uma jovem sem experiência como você, não acostumada aos problemas de um lugar como este. Será que não pode entender isso?
Depois daquela horrível conversa com o policial, a raiva de **Adam** foi demais para Maria. Com os dedos trémulos, cobriu os olhos e virou-se, tentando impedir que ele visse sua humilhação.
Com uma exclamação de impaciência Adam foi até junto dela, fazendo-a virar-se para olhá-lo de frente. Fitou exasperado as lágrimas que corriam por suas faces, depois deu um suspiro.
— Está bem, está bem — disse roucamente —, sinto muito. Estou sendo um pouco cruel, eu sei, mas você quase me fez perder a cabeça desaparecendo dessa maneira!
O lábio superior de Maria tremia.
— Foi um dia horrível — disse ela com ar deplorável — horrível! Primeiro foi sua zanga no café da manhã, depois aquele negócio com a srta. Griffiths, depois... depois... agora mesmo...
Adam franziu a testa,
— Agora mesmo... o quê? Maria engoliu em seco.
— Eu estava no parque, acho que no Hyde Park e uma mulher começou a conversar comigo. Pensei que ela estava apenas querendo ajudar-me. Perguntou-me várias coisas a meu respeito e parecia mesmo interessada. Mas depois um policial chegou e enxotou-a, dizendo-me que ela...
A voz faltou-lhe.
Adam apertou os lábios com força.
— Não precisa continuar — murmurou severamente. — Por Deus, Maria, você não tem juízo?
Maria fungou, esfregando as faces com os dedos, deixando marcas de sujeira.
— Aparentemente, não — sussurrou sufocada.
— Oh, Maria! — Adam sacudiu a cabeça preocupado. — O que vou fazer com você? — Levantou a mão e puxou uma mecha de cabelo sedosos que cobria um dos olhos da jovem. — Acho realmente que eu mereço ser censurado. Não tentei entender exata-mente os motivos pelos quais veio para cá.
Maria olhou para ele com ar de súplica.
— Não queria ser um estorvo, Adam. Pensei, e sua mãe também, que você gostaria de minha companhia.
— Sim, acredito que minha mãe está por trás disso tudo — comentou. — Só me surpreende seu pai ter concordado.
— Meu pai gosta de você. Confia em você. Pensou que eu estaria
segura com você.
Adam sacudiu a cabeça.

— O que todos vocês parecem ter esquecido é que meu trabalho me deixa muito pouco tempo para ser sociável com alguém.
— Exceto Loren Griffiths — murmurou Maria com amargura, imperceptivelmente, mas Adam ouviu e seu maxilar endureceu.
— Não pretendo discutir meus problemas com você — disse ele com voz cortante. — Nem preciso de sua opinião, lembre-se disso- Mas por enquanto vamos tentar salvar algo da confusão. Você comeu alguma coisa desde que saiu?
— Um pouco de café e uma rosquinha lá pelas seis horas.
— E está com fome?
— Não muita.
Adam examinou-a com resignação. Depois deu de ombros.
— A sra. Lacey saiu para visitar a irmã, hoje à noite. Se você quiser algo para comer terá de confiar em minhas práticas culinárias não muito hábeis.
Maria ergueu as sobrancelhas.
— Sei cozinhar — disse baixinho.
Adam inclinou a cabeça com deferência proposital.
— É mesmo? Então talvez gostasse de preparar uma ceia para nós.
Maria arregalou os olhos.
— Você também está com fome? Adam olhou-a ironicamente.
— Bem, como eu só comi uma salada, e isso por volta das cinco e meia, pois a sra. Lacey queria sair cedo, acho que comeria alguma coisa.
— Você gostaria mesmo que eu fizesse...
— Por que não? Temos a casa ao nosso dispor.
— Você precisa, quero dizer... você vai sair de novo? Adam hesitou, depois ergueu os ombros.
— Espero que não — comentou secamente, e Maria também desejou isso, fervorosamente.
Mais tarde, sentada com ele à mesa, comendo a omelete de camarão e as batatas fritas que preparara, Maria sentiu-se mais feliz do que em qualquer outra ocasião, desde que deixara Kilcarney. Assim ela imaginara que seria, falar com Adam sobre seu trabalho, escutar enquanto ele contava anedotas engraçadas de seus dias de hospital. Ela não pensava mais nas horas deprimentes que passara sozinha; não pensava em Loren Griffiths; ia apenas viver cada minuto e apreciá-lo.

CAPITULO IV

Na manhã seguinte, Maria dormiu demais e já passava das nove quando os raios de sol, passando através da cortina verde-limão, fizeram-na abrir os olhos. Ficou deitada por

alguns momentos, recordando com prazer os acontecimentos da noite anterior. Depois saltou da cama com agilidade.
Lavou-se e vestiu-se, desceu e foi para a cozinha, onde podia ouvir o rádio de pilha da sra. Lacey.
— Oh, a senhorita acordou finalmente — observou a empregada com um sorriso. — O doutor disse para não incomodá-la.
— Disse? — Maria fez um muxoxo, imaginando se o motivo de Adam ao dizer tal coisa era tão inocente quanto parecia. Decidiu ser otimista e disse: — Está um dia maravilhoso, não?
A sra. Lacey concordou e diminuiu o volume do rádio.
— Sim, muito bonito. Que tal se eu lhe servisse o café no quintal? Maria sorriu.
— Bem, só vou querer um pouco de café. Mas a idéia do quintal parece interessante.
— Então está bem. — A sra. Lacey ligou a cafeteira elétrica e Maria abriu a porta dos fundos e saiu para o jardim. Era surpreendente saber que estavam realmente no centro de Londres. Ali tudo era silencioso, as árvores formavam uma massa de folhagem que proporcionava alamedas de sombra.
Depois do café, voltou para a cozinha, mordendo os lábios pensativamente.
— Adam disse o que queria que eu fizesse hoje? — perguntou. — Isto é, estou aqui há dois dias e não estou acostumada a ficar sem fazer nada. Em casa havia sempre muito para fazer.
A sra. Lacey franziu a testa.
— Bem, senhorita, o doutor não me disse nada, exceto que eu não deveria deixá-la ir muito longe sozinha.
Maria ruborizou-se.
— Ele disse isso?
— Sim, senhorita. Ontem a senhorita o fez passar horas de preocupação e é natural que...
—O que me aconteceu ontem poderia ter acontecido a qualquer pessoa! — retrucou zangada. — Afinal, o que a senhora teria feito se alguém lhe falasse no parque?
— Foi isso que aconteceu, senhorita?
— Pensei que a senhora soubesse.
— Não sei ao certo. O doutor disse apenas que tivera um encontro com o pior lado de Londres e que a senhorita não estava acostumada a uma cidade tão grande.
— Dublin não é uma aldeia, a senhora sabe! — exclamou. A sra. Lacey abaixou a cabeça, evitando envolver-se.
— Não, senhorita — replicou polidamente e Maria afastou-se com impaciência.
— E o que ele espera que eu faça? — gritou ela. — Vai voltar para o almoço hoje?
— Não disse que não voltaria.
— Está bem. Então vou tomar banho de sol.
Maria correu para o quarto, indignada. Sentia-se infantil e irresponsável, seu sentimento anterior de alegria se evaporara. Afinal o que havia sido a noite anterior? Uma tentativa de acalmar seus sentimentos exaltados? Pensava que ele tivesse apreciado sua companhia, mas agora não tinha mais tanta certeza. Ele se sentira, talvez, culpado de negligência, talvez tivesse ficado alarmado quando ela desapareceu, principalmente porque sua mãe, assim como o pai dela, esperavam que tomasse conta dela. Mas, mesmo assim, se ele imaginava que, tratando-a como uma criança, tudo ficaria bem, estava enganado. Ela não viera a Londres para ficar mais presa do que em casa. Era melhor que fizesse logo os arranjos para começar o curso comercial, subtraindo-se assim à autoridade de Adam. Quando ele voltasse para o almoço, ia falar-lhe sobre isso.
Abrindo uma gaveta, tirou um biquini e olhou-o criticamente. Geraldine o havia comprado numa das grandes lojas de Limerick, sabendo que o pai jamais a deixaria usar semelhante roupa em Kilcarney, Elas haviam dado risadas por causa disso e, quando Maria estava

arrumando a bagagem, enfiara-o numa das maletas. Agora sentia-se com vontade de ser rebelde e o biquini era o tipo de coisa ideal para provar sua independência.
Quando passou pela cozinha a caminho do jardim, a sra. Lacey olhou-a com ar escandalizado.
— Srta. Maria! O que está fazendo? Maria fingiu não entender.
— O que quer dizer, sra. Lacey? — Olhou para o traje de banho. — A senhora não está gostando?
A empregada suspirou.
— E muito bonito, senhorita, mas não é bom o tipo de coisa para tomar sol no jardim de uma casa, não acha?
Maria deu de ombros.
— Será que os vizinhos vão reclamar?
A sra. Lacey enxugou as mãos no avental.
— Não é esse o problema e a senhorita bem o sabe. Depois de ontem, eu podia pensar...
Maria enrijeceu-se.
— Ah, é? O que a senhora pensou? Talvez que eu fosse apenas uma ingênua no estrangeiro?
— Srta. Maria, esta é a casa de um médico. Já pensou o que o sr. Adam poderá dizer?
Maria franziu as sobrancelhas.
— A senhora acha que ele não vai gostar do biquini?
— Estou certa de que não vai gostar.
— Então, ótimo! — Maria franziu o nariz para a mulher e saiu graciosamente.
A sra. Lacey fitou-a com uma expressão preocupada, a toldar-lhe as feições amáveis. Agora estava certa de que o sr. Adam iria ter aborrecimentos.
O som da campainha fez a sra. Lacey voltar o olhar para a porta da cozinha com expressão de dúvida, e Maria apareceu na porta dos fundos, os olhos brilhando maliciosamente.
— A senhora acha que é a srta. Griffiths outra vez? — perguntou insolentemente.
A mulher não respondeu e, deixando-a, foi até a porta. Maria ficou ouvindo por algum tempo, mas ao escutar uma voz de homem desapareceu novamente. Obviamente não era Loren Griffiths, o que era uma pena.
Deitou-se numa espreguiçadeira do jardim que havia estrategicamente colocado ao sol e, fechando os olhos, colocou óculos escuros no nariz. Logo ouviu som de vozes se aproximando e abriu os olhos curiosa. Será que vinham em sua direção?
Quase certa, quando olhou para a grade coberta de rosas que escondia o caramanchão onde estava sentada, viu a sra. Lacey com um homem, um homem jovem. Tirando os óculos, olhou para a empregada com expectativa, antes de olhar novamente para o rapaz.
O rapaz era muito atraente, com cabelos castanhos ondulados e um físico forte e atlético. Vestia uma camisa estampada com uma gravata combinando e calça marrom bem justa. Parecia ser calmo e desembaraçado e olhava para Maria com indisfarçável interesse.
A sra. Lacey olhou para Maria com ar de reprovação. Depois disse:
— Este é o filho de um dos sócios do sr. Adam, o sr. Larry Hadley, senhorita.
Maria pôs as pernas no chão e olhou em direção a ambos, sorrindo, enquanto retirava os óculos.
— Olá — disse educadamente. — Veio para ver Adam?
— Não. Eu... bem, eu estava na clínica hoje de manha, falando com papai, enquanto Adam (alava sobre você. Ele parecia achar que você estava se sentindo sozinha, então eu me ofereci para vir e... bem... — ele estava sem jeito... — oferecer meus serviços, foi isso.
Maria olhou de relance para a sra. Lacey, depois estendeu as mãos.
— Foi muita gentileza sua. Não quer sentar-se? Tenho certeza de que a sra. Lacey nos trará um café, não é, sra. Lacey?
A mulher suspirou.
— A senhorita não vai trocar de roupa? Maria ergueu os ombros.

— Daqui a pouco, sra. Lacey.
A empregada rodeou-os ainda incerta por alguns instantes, depois virou-se e encaminhou-se para a casa. Maria sorriu para Larry Hadley, quase se desculpando e disse:
— Pegue uma cadeira! Acho que a sra. Lacey considera meu biquini pouco próprio, por isso não pense que a cordialidade forçada seja por sua causa.
Larry Hadley sorriu maliciosamente e foi pegar uma espreguiçadeira, colocando-a em frente à dela. Então falou:
— Adam disse que você está aqui para fazer um curso comercial. Maria assentiu com a cabeça.
— Essa é minha idéia, embora por enquanto ainda não tenha feito planos reais.
Larry esticou as pernas.
— Na realidade, eu não sabia que Adam tivesse uma irmã. Isto é, até hoje de manhã.
Maria balançou as hastes dos óculos.
— E não tem. Isto é, sou filha do padrasto dele. A mãe dele casou-se com meu pai.
— Sei. E claro, agora eu me lembro. Mas isso foi antes de Adam entrar em sociedade com meu pai e, naturalmente, eu esqueci.
Maria examinou-o com curiosidade,
— O que você faz? Você quer ser médico também?
— Maldição, não! — Larry mostrou-se decidido. — Não é o que chamo de emprego decente. Acabo de chegar de Cambridge. Ainda não decidi para onde dirigir meus talentos.
— Você quer dizer que não tem ocupação?
— Isso mesmo. Oh, acho que terei de fazer alguma coisa, mas não faço parte dos trabalhadores do mundo. Gosto deste tipo de vida: à vontade e apreciando o dia como ele é, não pelo que possa tirar dele.
Maria parecia um pouco cética.
— Isso parece muito bom na teoria, mas é meio aborrecido na prática, não acha? Quero fazer alguma coisa. Não gosto de ficar à toa o tempo todo.
Larry pôs os braços atrás da cabeça.
— Espero que você não seja uma daquelas horríveis mulheres que apoiam o movimento feminista e essas coisas todas!
— Não. Embora deva admitir que eu penso que as mulheres se subjugaram durante tantos anos à vontade dos homens porque achavam que essa era a **única** saída. Acho que as mulheres são tão inteligentes quanto os homens, quando se esforçam.
Larry riu.
— Bem, se elas forem decorativas também, não me oporei. Maria sorriu e a sra. Lacey voltou com a bandeja do café. Não
fez comentário algum, a não ser para perguntar se tinham tudo o que queriam e Maria controlou-se, não desejando alarmar ainda mais a empregada.
Era agradável estar sentada ali. tomando café e conversando, e a manhã voou. Foi apenas quando ouviram o motor de um carro que Maria percebeu que devia ser Adam, de volta para o almoço.
Larry levantou-se.
— Acho que é Adam — disse, passando a mão pelos cabelos ondulados. — Olhe, agora eu preciso ir, mas que tal você sair comigo hoje à noite? Tenho carro. Poderíamos ir até Maidenhead. Há um restaurante por lá que serve uns bifes ótimos.
Maria hesitou, depois assentiu.
— Por que não? — concordou, levantando-se também. — Acho que Adam não fez nenhum plano para mim.
Larry sorriu.

— Bom! Ótimo! Bem, acho que é melhor ir andando... Enquanto ele falava, Adam apareceu e avançou pela grama até
eles, com uma expressão severa. Olhou brevemente para Larry, respondendo aos cumprimentos do jovem, mas seus olhos estavam voltados para Maria e não pareciam amigáveis.
No entanto, ela estava imperturbável. Se ele não queria que Larry ficasse tanto tempo, não deveria tê-lo mandado lá.
— Você teve uma boa manhã? — perguntou ela, andando pela grama e acompanhando Larry ao caminho que levava à parte lateral da casa. — Larry estava de saída.
Adam olhou-a fixamente, enquanto ela passava perto dele e disse: — Até logo, Larry — com voz controlada. Larry sorriu, mas piscou para ela e acrescentou:
— Virei buscá-la por volta das sete, está bem?
— Ótimo.
Maria acenou com a cabeça e o jovem saiu. dirigindo-se para o carro, fora dos portões da entrada. Maria virou-se e percebeu que Adam ainda estava de pé no centro do gramado, observando-a. Estava com as mãos nos bolsos e sua expressão nada tinha de encorajador.
— Acho que vou trocar de roupa para o almoço — começou ela, mas ele deu um passo à frente e disse:
— Espere um pouco, Maria, quero falar com você. Agora! Seu tom estava denso de maus presságios e Maria hesitou.
— Não pode esperar até eu me trocar, Adam?
— Não. — Adam tirou uma cigarrilha de uma caixinha que estava no bolso, acendeu-a e aspirou profundamente antes de prosseguir: — Diga-me, seu pai sabe que você possui um traje como esse? — Apontou com a mão para o biquini.
Maria sentiu que ficava vermelha e deliberadamente colocou os óculos para ter a vantagem de esconder sua expressão.
— Ele sabe que eu o tenho... claro! — replicou em tom de desafio, mas desejando ter levado também uma saída-de-praia. A ironia de Adam era desmoralizante.
— Sei — Adam franziu a testa pensativamente. — Você me surpreende! No entanto, tenho certeza de que ele o aprovaria apenas para ser usado na praia!
Maria comprimiu os lábios.
— Está bem, está bem. Isso é tudo que você tem a dizer?
— Não, que diabo, não é. — A voz de Adam estava alterada. — Tire esses malditos óculos. Não quero falar com uma nuvem
de fumaça!
Suspirando, Maria tirou os óculos e tentou manter a compostura. Não permitiria que ele levasse a melhor. Se ele escolhera ser rabugento, então ela também seria rabugenta.
Adam tirou a cigarrilha da boca e examinou a ponta acesa, de
mau humor.
— O que aquele rapazola estava fazendo aqui? — perguntou
rudemente.
Maria arregalou os olhos.
— Rapazola? Você quer dizer Larry?
— Quantos homens você recebeu nesses trajes?
Maria cerrou os punhos ao sentir o sarcasmo e disse com o máximo de frieza que pôde demonstrar: — Você deveria saber. Você o mandou.
— Eu? — Adam foi forçado a olhá-la com raiva. — Não fiz tal
coisa. Ele disse isso?
Maria colocou uma das mãos na têmpora e tentou pensar.

— Eu... bom... acho que não foram exatamente essas as palavras, mas foi isso que ele quis dizer.
— Verdade? — Adam parecia irônico.
— Sim, é verdade. — Maria enrijeceu os ombros. — Não tenho o costume de mentir. Quanto a você, não sei.
— O que você quer dizer com isso? Maria ficou vermelha.
— Ora, nada! Mas existe uma coisa chamada decepção e você parece ser um adepto disso. Adam fitou-a.
— Continue! — disse com veemência controlada. — Continue... quem eu estou decepcionando?
— Bem... bem... sua mãe, para começar — retrucou ela em voz baixa.
— Exatamente de que modo estou decepcionando minha mãe?
— Você mesmo disse que ela não sabia que estava noivo.
— Ora, pelo amor de Deus! Se você imagina que minha mãe não sabe a respeito de Loren, então está enganada. Ela simplesmente prefere ignorar nosso relacionamento.
Maria cerrou os punhos.
— Posso acreditar nisso? Adam agarrou seu pulso.
— Agora, o que quer dizer isso?
— Nada. — Maria enrubesceu, desejando controlar sua língua.
Adam mordeu o lábio inferior.
— Como eu disse antes, Maria, não pretendo ouvir sua opinião sobro meus romances. — Afastou-a de si. — Não tente justificar suas próprias ações incriminando-me.
— Não estou tentando incriminar ninguém. Só não quero ser tratada tão mal. Posso não ter tido muita liberdade em casa, mas pelo menos era tratada coroo uma pessoa adulta. Ontem a noite pensei que você fosse humano, mas estava enganada.
— Ontem à noite você merecia uma bronca pior do que a que levou. Envolvendo-se com indesejáveis logo que ficou um minuto fora de minha vista! — Passou a mão pelos cabelos. — Uma criança de seis anos teria mais juízo!
— Como ousa falar-me assim! Se sua mãe soubesse!...
— Se minha mãe soubesse, você estaria no próximo avião de volta às plantações de batatas — grunhiu Adam.
Maria estava ofegante.
— Seu... seu bruto! — gritou e, sem pensar no que fazia, esbofeteou-o com força.
Adam deu um passo para trás, completamente surpreso, e Maria aproveitou a ocasião para fugir, correndo para dentro de casa com toda a rapidez que as pernas lhe permitiam. No quarto, atirou-se sobre a cama, e as lágrimas que reprimira até então começaram a sair livremente.
Uma hora depois, enquanto ainda estava deitada com o rosto comprimido contra a colcha, ouviu uma batida à porta.
— Vá embora! — gritou em tom surdo, mas a porta se abriu e a sra. Lacey entrou, carregando uma bandeja.
— Ora, o que é isso? — perguntou ela em tom bajulador. — Vai ficar doente de tanto chorar! Trouxe-lhe o almoço. Coma e vai sentir-se melhor.
— Não quero nada. — Maria não olhou, mas a sra. Lacey colocou a mão em seu ombro amavelmente.

— Ande, filha — disse ela gentilmente. — Não adianta continuar assim. Seu rosto está ficando inchado e acho que ouvi a senhorita dizer àquele rapaz que ia sair com ele hoje à noite.
Maria fungou e, relutantemente, apoiou-se sobre os cotovelos.
— Oh, sra. Lacey — falou com voz abafada. — Eu o esbofeteei. Eu esbofeteei Adam.
— E eu não sei? — A sra. Lacey escondeu um sorriso. — Marcou-lhe o rosto.
Maria sentou-se.
— Ele nunca me perdoará, a senhora sabe. Não sei o que me fez fazer isso. Nós costumávamos dar-nos tão bem. Isto é, quando ele ia ã Irlanda. E!e foi muito impaciento comigo, mas não havia necessidade de... — Suspirou profundamente. — Não sei o que me aconteceu. Sempre pensei em Adam como sendo uma espécie de irmão mais velho e achei que ele ficaria satisfeito por eu querer vir e ficar com ele. Mas não está... não está!
A sra. Lacey estalou a língua.
— Não vá tirar conclusões apressadas, Maria. Você não sabe realmente muito sobre ele por enquanto. Ele sabe ser o mais compreensivo dos homens; você deveria falar com os pacientes dele!
— Talvez eu devesse ser um deles — observou Maria com infelicidade. Olhou, medrosa, para a porta aberta. — Onde está ele agora?
— Tinha uma conferência no hospital hoje à tarde. Você conhece esse tipo de coisa. Atividades extras e assim por diante.
Maria pôs uma das mãos na boca.
— Mas, e o seu rosto?
A sra. Lacey encolheu os ombros.
— Sim, eu também pensei nisso. Sem dúvida vai pensar em alguma coisa.
Maria balançou a cabeça.
— Eu realmente o odiei, sabe?
— Não, não o odiou. Só pensou que o odiava — retrucou a sra. Lacey. — No entanto, não posso dizer que tenha ficado surpresa com a reação dele a esse biquini. Por que decidiu usá-lo?
— Só queria provar a mim mesma que era independente. De qualquer forma, ele não ficou zangado por causa do biquini. Tem algo a ver com Larry Hadley.
— Ah, sim — concordou a sra, Lacey. — Gostaria de saber se ele realmente pediu àquele rapaz para vir aqui.
— Mas por quê? Eu gostei de Larry. Pensei que fosse um bom rapaz.
— Bem, há outras coisas envolvidas — disse ela desajeitadamente. — E não cabe a mim falar sobre isso. Como disse, Larry parece um bom rapaz. Vai sair com ele hoje à noite?
— Disse-lhe que sim. Adam sabe?
— Não tenho certeza. De qualquer forma, vai vê-lo antes de sair. Mas Maria não viu Adam antes de sair. Ele telefonou à sra.
Lacey por volta das quatro e meia para dizer que ia direto para a cirurgia e como ela não tinha nenhum chamado para ele, não havia motivo para voltar. Não mencionou Maria nem pediu para falar com ela e Maria hesitou bastante depois, pensando se devia telefonar a Larry e adiar o compromisso.
Porém, apesar de seus receios, resolveu sair. Afinal, se Adam voltasse depois da cirurgia, a noite se arrastaria, longa e desagradável. Além disso, não havia dúvidas de que Adam gostaria muito de vê-la pelas costas por algum tempo.
Tomou banho e pôs um vestido longo de veludo, cor de âmbar, que realçava o brilho de seus cabelos castanhos. Não precisava de casaco, pois estava uma noite quente, então pegou um xale de lã marrom bem macia para pôr sobre os ombros.

Larry foi pontua!, levando o carro até a entrada para ela entrar. A sra. Lacey foi até a porta e, se não parecia exatamente reprovar, havia uma expressão ansiosa em seu rosto enrugado.
Larry ficou entusiasmado com a aparência de Maria, elogiando o vestido e, aos poucos, devolveu-lhe a confiança que Adam tanto abalara pela manhã. Foram ao restaurante sobre o qual ele falara e comeram bifes e salada e dançaram ao som da música *beat* de um quarteto, a um canto do salão. No decorrer da noite, Maria começou a divertir-se, tentando não mais pensar em Adam. Larry era uma boa companhia e, embora não tivesse tido muita experiência com rapazes, sabia quando devia parar.
Larry levou-a para casa por volta das onze e meia. Ele teria gostado de ficar até mais tarde, mas Maria tinha consciência de que era a primeira vez que saía com ele e não tinha intenção de dar a Adam mais razões para queixar-se dela.
Mesmo assim, entrou em casa com alguma preocupação, enquanto Larry ia embora, e ficou quase desapontada quando viu que não havia ninguém à sua espera. Havia um bilhete da sra. Lacey sobre a moldura da lareira, na sala de estar, mas Maria viu que era dirigido a Adam e não a ela.
Com uma estranha sensação de depressão, foi deitar-se.
Na manhã seguinte, levantou-se cedo, decidida a falar com Adam antes que ele saísse. De propósito, vestiu uma saia branca pregueada e uma blusa vermelha, não querendo mais despertar antipatias por causa de suas roupas. Desceu às sete e quarenta e cinco o, quando ele entrou na sala, ela já estava sentada fingindo ler o jornal da manhã.
Olhou para ele cautelosamente, percebendo que começava a sentir sua presença intensamente. Com um terno escuro e camisa e gravata creme, ele estava perturbadoramente atraente. Olhou para Maria com surpresa, sentou-se à frente dela e respondeu a seu murmurado bom-dia com indiferença.
Maria suspirou e pôs o jornal de lado, decidindo que era melhor começar logo.
— Quero falar com você, Adam — disse com voz tensa. Adam, que ia pegar o jornal que ela abandonara, franziu a testa.
— Oh, é mesmo?
— Sim.
Maria apertou as mãos no colo, para esconder o nervosismo. Não havia mais sinal da marca lívida que ela deixara no rosto dele e ela se perguntou se tudo desaparecera tão completamente de sua memória também. — Não era possível! Parecia-lhe estar sentada diante de um estranho, e perguntava-se como isso tinha acontecido. Buscando as palavras para começar, viu um ar de impaciência passar pelo rosto de Adam, ele levantou o jornal e passou os olhos pelas manchetes.
A sra. Lacey trouxe o creme de aveia e sorriu para Maria. Adam agradeceu e começou a comer, enquanto Maria recusava, exceto algumas torradas, como era costume. No entanto, a sra. Lacey colocou a cafeteira elétrica ao lado de Maria e a jovem começou a servir o café com alguma relutância.
— Você quer nata e açúcar? — arriscou ela, enquanto a sra. Lacey retirava-se.
— Só açúcar, obrigado — retrucou com frieza e Maria colocou dois cubinhos e passou-lhe a xícara. Ele a pegou, colocando-a sobre a mesa, e continuou a ler o jornal.
— Oh, pelo amor de Deus! — Maria ficou impaciente. — Você não tem nada para dizer-me?
— Eu acho que você é que tem algo para me dizer.
— Eu tinha. Eu tenho! Mas, sobre ontem...
— É melhor esquecermos o que aconteceu ontem.
— Mas você não esqueceu. Oh, Adam, não podemos continuar assim, discutindo o tempo todo.
— Concordo.

— Você espera que eu diga que vou embora?
— Não seria tão otimista — observou Adam com sarcasmo e ela precisou controlar-se para não fazer um comentário vingativo.
— Vai permitir que eu fique e faça o curso, então?
— Tenho outra escolha?
— Ora, pare de falar comigo assim! Sabe que tem a última palavra. Você só precisa escrever a meu pai contando o que tenho feito e ele exigirá que eu volte para casa. Especialmente se você usar as palavras que eu sei que usaria.
— Você deve admitir, Maria, que procura me irritar deliberadamente.
— Não é verdade!
— Então por que usou aquele biquini ontem? Maria abaixou a cabeça. Agora tudo parecia tão tolo.
— Não sei — disse finalmente. — Nunca o havia usado antes e parecia uma boa idéia.
Adam soltou uma exclamação impaciente e ela o olhou cautelosamente.
— Você é uma ingênua! — disse Adam. — Você tem a idéia boba de que só por causa de suas roupas serem sofisticadas, você é sofisticada também. As roupas nada fazem a não ser cobrir você!
— Acho que você não teria feito tantas objeções se Loren Grif-fiths estivesse usando o biquini — resmungou ela com expressão de rebeldia.
A expressão de Adam tornou-se rígida.
— Vou ignorar essa observação, Maria. Maria bateu nos dentes com a unha.
— Vai mandar-me de volta para Kilcarney, Adam? — perguntou, implorando.
— O que há de tão ruim em Kilcarney?
— Você não sabe como é, como a vida pode ser tão restrita! Tudo o que as pessoas fazem lá é casar, ter filhos, criá-los.
Adam lançou-lhe um olhar irônico.
— É uma existência bastante comum.
— Mas não para mim!
— Vá direto ao assunto, Maria. Por que você não quer voltar?
— Meu pai acha que já tenho idade suficiente para assentar
minha vida.
— Você quer dizer, casar?
— É...
Adam franziu a testa.
— Sei. E ele tem alguém em mente?
— Sim, Matthew Hurley.
— O nome não me é estranho. Não tenho bem certeza, mas não é o nome do homem cujas terras confinavam com as de seu pai? Lembro-me vagamente de ter conhecido alguém com esse nome quando seu pai me levou à estalagem.
Maria abaixou a cabeça.
— Isso mesmo. Você provavelmente conheceu o pai de Matt. Mas ele morreu há dois anos e a fazenda é de Matt.
— Ah! E seu pai pensa que, se você se casar com Matthew Hurley, ele terá o controle de ambas as fazendas.
— É mais ou menos isso.
— E como conseguiu persuadi-lo a deixá-la vir à Inglaterra?
— Não fui eu. Foi Geraldine. Ela disse que não era certo que uma moça da minha idade saísse da escola e fosse logo empurrada para um casamento com um homem que mal conhecia. Disse que eu precisaria de alguns meses de liberdade para decidir o que queria

fazer e persuadiu meu pai a deixar-me vir à Inglaterra fazer esse curso, de modo que eu teria oportunidade para algo além de criar filhos! — Ficou intensamente vermelha.
— Sei. E típico de minha mãe, claro, usar você para os objetivos dela assim como para os seus próprios.
— Não sei nada sobre isso. Só sei que não quero voltar e ser praticamente forçada a casar com Matt.
— Suponho que não o ama.
— Não! — O tom de Maria era decisivo. — Ele é um bom rapaz, mas não há nada entre nós, nenhuma faísca... nada!
— Acho que minha mãe encheu sua cabeça de idéias românticas e pouco práticas — comentou ele secamente. — Casar-se, ter filhos. Não são coisas para serem desprezadas.
— Eu não as desprezo. Quero casar-me, quero ter filhos! — Enrubesceu novamente. — Mas com o homem certo, não simplesmente com o mais conveniente!
Adam encolheu os ombros, enquanto a sra. Lacey voltava, trazendo ovos com bacon. Maria ocupou-se passando manteiga e a deliciosa marmelada caseira da sra. Lacey numa fatia de torrada, enquanto Adam comia sua refeição. De vez em quando ela arriscava uma olhada para ele. Ele não dissera nada para fazê-la pensar que se sentia mais tolerante a seu respeito, mas Maria sentia que uma parte do antagonismo desaparecera.
Quando ele começou a passar manteiga numa torrada, ela não pode mais conter-se e perguntou sem jeito:
__Vai escrever a meu pai, Adam?
Antes de falar, ele estendeu-lhe a xícara e Maria encheu-a de café. Depois ele a olhou severamente.
— Se eu disser que não farei isso, você deixará de comportar-se como uma estudante em férias?
— Não usarei o biquini, se é isso que quer dizer.
— Não é isso que quero dizer, embora isso também esteja incluído. É esse comportamento infantil toda vez que procuro impor um pouco de disciplina. Está bem, concordo que seu pai tenha sido muito severo com você no passado e que você queira sua independência, mas não perdoarei atos irresponsáveis. Estou sendo claro?
Maria olhou para o prato. Sentia que isso era uma astuta chantagem e que iria arrepender-se mais tarde se aceitasse. Mas o que podia fazer? Ele tinha todos os trunfos.
— Está bem — falou com voz fraca. — Tentarei fazer o que você quer.
— Muito bem. — Adam limpou a boca no guardanapo e levantou-se da mesa. — Agora preciso ir. Quanto à sua intenção de fazer o curso comercial, gostaria que pedisse a Janet para informar-se sobre isso?
— Quem é Janet?
— Minha recepcionista.
— Ah. Está bem, se é isso que você quer. Adam controlou sua impaciência.
— E o que você quer, não é?
Maria levantou os ombros e depois abaixou-os. — Eu acho que sim.
Adam virou-se para não demonstrar sua exasperação e Maria viu-o, com certa apreensão, deixar a sala. Ela sabia que vencera uma batalha menor; isto, na verdade, era muito pouco. Ele praticamente a forçara a aceitar suas condições e agora conseguira um meio de tirar de suas mãos até a escolha do que pretendia fazer. Talvez fosse até bom, uma vez. frequentando o colégio, as coisas seriam diferentes.

CAPÍTULO V

No sábado de manhã, ao completar a primeira . semana de Maria na Inglaterra, a recepcionista de Adam telefonou-lhe para dizer que se informara, em seu nome, a respeito de cursos comerciais e que tinha duas sugestões. A primeira era Maria entrar numa classe que começara no início do verão, há quatro semanas, e tentar acompanhar o curso. A segunda era esperar o término das férias de verão e começar numa classe desde o **início.**
Maria anotou todos os detalhes e agradeceu polidamente a recepcionista pelo trabalho que tivera. Depois leu os dados que anotara, com certa dúvida. Naturalmente, a segunda sugestão era a mais interessante, mas pensou que Adam talvez não concordasse com isso, pois não havia razão para que ela *não* entrasse na classe que já começara e que poderia acompanhar e dedicar-se perfeitamente.
Suspirando, foi até a cozinha consultar a sra. Lacey, que preparou café enquanto passavam juntas a costumeira meia hora. Durante os últimos dois dias, vira Adam muito pouco, só às refeições, e acostumara-se a procurar a sra. Lacey para conversar. Desde a discussão com Adam não se aventurara a ir além de High Street e sentia-se inquieta e aborrecida. A sra. Lacey não a deixava fazer nada em casa e Adam parecia pensar que ela não se interessava por seus problemas. Ela teria adorado visitar a clínica e conhecer alguns dos pacientes, mas ele parecia decidido a mantê-la afastada de sua vida o máximo que pudesse.
Maria nunca havia lido tanto antes, e, algumas vezes colocava uns discos na vitrola, embora alguns dos discos de Adam não lhe interessassem muito. No entanto descobriu que, quanto mais os ouvia, mais os apreciava e entendia, e quando encontrava livros sobre esses compositores na estante de Adam, lia-os também.
Apesar disso tudo, porém, não desejava voltar para a Irlanda, e com eterno otimismo garantia a si mesma que, mais cedo ou mais tarde, as coisas melhorariam.
A sra. Lacey não tinha sugestões a oferecer sobre cursos comerciais e sua última palavra, como sempre, foi que Maria deveria consultar Adam.
— Mas ele nunca tem tempo para conversar comigo! Tenho a impressão de que sempre o chamam no meio de nossa conversa.
— A vida de um médico não se baseia em horários — retrucou a sra. Lacey, tomando seu café. — Ele está constantemente às voltas com seus pacientes.
— Eu sei.
— Bem, de qualquer forma — confidenciou a sra. Lacey, tentando consolá-la —, a partir da hora do almoço começa o fim de semana de folga do ar. Adam, outra pessoa se encarregará de seus chamados.
— É mesmo?
— Claro. Não pensa que alguém pode trabalhar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, sem uma única parada, não é?
Maria ergueu os ombros, com ar de expectativa.
— Na realidade, não havia pensado nisso. É maravilhoso! Agora teremos oportunidade...
— Espere um pouco! — O tom da sra. Lacey era desanimador. — Está esquecendo que o sr. Adam tem outros compromissos além de seu trabalho.
— A senhora se refere a Loren Griffiths, não é?
— Também.
— Há quanto tempo Adam a conhece?
— A srta. Griffiths? — A sra. Lacey franziu a testa. — Há dezoito meses, talvez dois anos. Não tenho certeza. Por quê?
Maria fez um gesto de indiferença.
— Só por curiosidade. — Franziu as sobrancelhas. — Ele a ama?

— Bem, acho que sim, não é? Vendo como está comprometido com ela e tudo.
— Quando vão se casar?
A sra. Lacey levou sua xícara até a pia.
— Sei tanto quanto você. Acho que ela gostaria de que ele desistisse de seu trabalho e fosse para uma daquelas clínicas em Harley Street, onde vão os ricos.
— E Adam fará isso?
— Quem sabe? Eu diria que não, se me perguntassem, mas nunca se pode saber. Se gosta dela o suficiente, ele o fará, penso eu.
Maria olhou fixamente para os desenhos na superfície da mesa, sentindo-se de repente muito perturbada. Em sua mente podia ver Adam claramente como o havia visto a noite passada durante o jantar. Embora achasse suas ordens severas, admirava-o muito pelo que estava fazendo, e imaginar que ele poderia abandonar tudo por aquela boneca de atriz fazia-a sentir-se levemente enjoada. Entendia por que Loren Griffiths o achava tão atraente, mas eram as qualidades que Loren gostaria de destruir que o tornavam o que era. Uma imagem clara dos dois juntos, os braços macios de Loren possessivamente em volta dele, todo seu corpo apertado contra o dele, fez Maria soltar em sua imaginação uma observação de desagrado. Desceu agilmente do banco e saiu da cozinha com passos rápidos.
Por volta das onze, Adam telefonou para dizer que não iria almoçar e Maria precipitou-se escada abaixo, enquanto a sra. Lacey colocava o receptor no lugar.
— Ele não vai voltar para o almoço? — perguntou desapontada.
— Não.
— E para onde vai? Pensei que a senhora tivesse dito que hoje terminaria na hora do almoço.
— Isso mesmo. Acho que vai almoçar com a srta. Griffiths.
— Ora! Droga!
Maria afundou no degrau, apoiando o queixo nas mãos com ar de infelicidade. Estivera planejando o que ia dizer-lhe quando voltasse para casa e agora sabia que isso não seria possível. Ele não ia voltar.
A sra. Lacey suspirou.
— Ora, senhorita, isso é tolice. Já deve ter aprendido que não pode fazer exigências sobre o tempo do sr. Adam. Ele tem tão pouco tempo livre. É natural que queira companhia feminina.
— E eu não sou feminina?
— A senhorita sabe perfeitamente o que estou querendo dizer.
— Sim, eu sei — resmungou Maria demonstrando um certo mau humor. — Oh, sra. Lacey, o que vou fazer o dia inteiro?
— Bem, vou visitar minha irmã hoje à tarde, senhorita. O sr. Adam sempre me dá folga no sábado à tarde e à noite. Vou à casa de Elsie e depois vamos ao clube jogar bingo. Se eu fosse a senhorita, procuraria um bom livro e o leria no jardim, O sr. Adam sempre volta às cinco para trocar-se, quaisquer que sejam seus pianos, e poderá vê-lo.
Maria engoliu em seco.
— Está bem, está bem — disse, sentindo-se deprimida. — Sei que terei que entreter-me sozinha, como sempre. — Suspirou. — Surpreende-me que Larry Hadley não tenha telefonado. Disse que ia telefonar. Não recebeu nenhum telefonema para mim enquanto fui fazer compras, sra. Lacey?
A sra. Lacey ficou repentinamente pouco à vontade. Viran-do-se, disse:
— Preciso ir e continuar o almoço. Nós vamos comer, mesmo que o sr. Adam não volte.
Maria levantou-se, preocupada.
— A senhora não me respondeu. Alguém telefonou? Esqueceu de dizer-me?
A sra. Lacey sacudiu a cabeça.

— Como se eu fosse esquecer, senhorita — respondeu evasivamente. — Agora, se me der licença...
— Não, espere! — Maria colocou-se de frente para a empregada, de modo a poder ver sua expressão. — Sra. Lacey, está dizendo a verdade?
A sra. Lacey suspirou, dobrando e desdobrando o avental nervosamente.
— Bem, senhorita, se quer saber, o doutor disse que, se o sr. Hadley telefonasse, devia dizer que não estava.
— O quê! — Maria ficou perplexa. — Como ele ousa fazer tal coisa? E por quê? Por causa do meu encontro com ele na outra noite?
A sra. Lacey fez que não com a cabeça.
— Não, senhorita. O sr. Adam não sabe nada sobre esse encontro.
— Não sabe? — Maria encarou a empregada. — Mas... ele deve saber!
— Não, não sabe. Se a senhorita lembra, ele não estava quando a senhorita saiu, e voltou antes dele. Então na manhã seguinte ele me disse para não receber telefonemas do sr. Hadley e eu não quis contar-lhe que tinha saído com o rapaz na noite anterior.
— Oh, Deus! — Maria passou a mão nervosamente pelos cabelos. — E quais os motivos que ele tem para proibir-me de ver Larry?
— Prefiro não dizer, senhorita.
— Vamos! Isto é ridículo, sra. Lacey.
— Bem, talvez seja, talvez não. De qualquer forma, não tenho nada com isso, senhorita. Não sou mexeriqueira.
Maria lançou-lhe um olhar exasperado.
— E, afinal, Larry telefonou? A sra. Lacey deu de ombros.
— Não sei se devia contar-lhe. — Depois suspirou. — Ora, muito bem, sim, telefonou... duas vezes.
— Duas vezes! — Maria estava ofegante. — Honestamente, isto é pior do que estar em casa. Vou falar com Adam quando ele voltar.
— Eu não faria isso, senhorita. Só vai causar mais confusão.
— Confusão! Confusão! — gritou Maria tremendo. — Ele não sabe o significado dessa palavra... ainda!
A sra. Lacey saiu logo depois das duas. Maria observou seu corpo volumoso desaparecer em direção ao ponto de ônibus, depois entrou no saguão e pegou o telefone. Meia hora depois Larry Hadley chegou, entrando à vontade no saguão, quando Maria abriu a porta.
— Oi — disse rindo. — Pensei que tivesse ofendido você ou coisa parecida, pelas frias recusas que recebi de sua empregada.
Maria sorriu-lhe.
— Ora, foi apenas uma confusão com telefonemas — explicou graciosamente. — Foi sorte estar em casa, quando telefonei há pouco.
— Foi mesmo — assentiu Larry, apreciando o quadro atraente que ela formava com a calça justa creme e a camisa vermelha..
— Estava me vestindo para ir ao clube de tênis e gostaria de saber se o programa lhe interessa. Você joga?
— Sim, é claro. Mas não tenho raquete.
— Não tem importância. Pode arrumar uma no clube. Então, quer ir?
— Adoraria. Espere só um instante enquanto vou vestir algo mais apropriado.
— Está bem.
Larry ficou andando pela sala e Maria correu para cima. Num instante tirara a camisa vermelha e a calça creme e vestira uma túnica branca de saia curta, uma roupa adequada para um jogo enérgico como o tênis. Quando desceu, Larry assobiou, aprovando.

— Ótimo — disse, com as mãos nos bolsos. — Você vai fazer sensação no clube. E raro ver rostos novos por lá.
O Blakeley Tennis Club era um local bastante privativo, destinado principalmente à diversão dos jovens das famílias de profissionais que moravam na área. Maria nunca estivera num lugar assim, mas felizmente foi aceita como irmã de Adam Massey e sua juventude e exuberância natural atraíram muita atenção por parte dos sócios do sexo masculino. Foi fácil alugar uma raquete para a tarde e o primeiro jogo de Maria foi com Larry.
Sentindo os olhos dos espectadores, Maria jogou mal e Larry ganhou facilmente, mas mais tarde, quando jogou em dupla com ele contra outro casal jovem, eles venceram e Larry levou-a até o bar para oferecer-lhe uma bebida como prêmio.
Foi apresentada a dezenas de pessoas, mas os nomes só passavam pela sua cabeça, e o único casal que ela realmente conheceu foram Evelyn James e David Hallam. Evelyn era filha de um gerente de banco, o pai de David era procurador. Maria gostou de David, que era muito divertido, e, mais tarde, quando ele perguntou se queria sair com ele a noite, teve vontade de aceitar. No entanto, pudera perceber o olhar ciumento de Evelyn desde que David começara a mostrar um crescente interesse por ela e, além disso, havia Larry a ser levado em consideração. De modo que recusou, e David disse que lhe telefonaria no começo da semana seguinte.
Como já era tarde, Larry sugeriu que voltassem para casa. No carro, disse:
— Sobre o que você e David falavam tão seriamente?
— Sobre várias coisas.
— Ele está interessado em você, não está? — O tom de Larry parecia irritado. — Assim é demais!
— O que é demais? — Maria olhou-o com ingenuidade. — Jogar um contra o outro.
— Não seja tolo. Eu não estava fazendo isso. Se quer saber, David convidou-me para sair hoje à noite e recusei.
— Oh! — Larry ficou silencioso por algum tempo. — Sinto muito, Maria. Acho que estou com ciúme de você, é isso. Diga, que tal irmos a um show hoje à noite? Poderíamos tomar um lanche antes e depois jantar.
— Não sei, Larry — começou em tom de dúvida. — Não sei o que Adam vai fazer, sabe?
— Bem, ele não parece importar-se com o que você faz.
— Ele não se importa? Não sei. — Maria ficou incerta. — Olhe, Larry, vamos deixar por hoje à noite. Telefone-me amanhã a qualquer hora, se você quiser.
Larry ficou desapontado, mas não havia nada que pudesse fazer e deixou-a à entrada da casa de Adam, indo embora meio rudemente, aumentando a velocidade do carro com uma demonstração infantil de força.
Maria subiu vagarosamente a entrada; o carro de Adam estava estacionado num dos lados da casa e não tinha pressa em começar as discussões que certamente iriam sobrevir. Entrou silenciosamente no saguão e fechou a porta com movimentos furtivos.
Depois esperou, escutando, perguntando-se onde estaria ele e o que estaria fazendo. Na parte de cima não se ouvia um *só* ruído e ela apertou os lábios e caminhou até a porta da saleta. Estava deserta, assim como a cozinha e a sala de jantar. Ficou inquieta. Devia estar lá em cima trocando-se. A sra. Lacey dissera que ele voltaria para mudar a roupa.
Suspirando, entrou na sala, atirando-se no sofá e tirou os ténis. Era agradável esticar os dedos e era isso que estava fazendo quando um ruído a fez olhar para cima. Adam estava parado na porta, muito sofisticado num terno azul-escuro e gravata e camisa azul-claras.
— Você voltou! — observou friamente. — Onde esteve? Maria recostou-se no sofá, decidida a não deixar-se intimidar.
— Estive no clube de tênis, com Larry.
— Hadley?

— Sim.
Adam franziu a testa.
— Sei. Ele veio aqui?
— Não, telefonei para ele e pedi-lhe que viesse buscar-me para sair.
— Você fez o quê? — Adam estava atônito.
— Telefonei-lhe e pedi que viesse buscar-me para sair — repetiu calmamente, mais calma do que realmente estava. — A sra. Lacey contou-me que você deu ordens para que ele não falasse comigo, então decidi que eu falaria com ele!
Adam não replicou a essa imprudência, mas entrou vagarosamente na sala, tomando posição perto dela, fazendo-a sentir-se ainda menor e completamente vulnerável, por estar sentada no sofá, enquanto ele permanecia de pé.
Maria sentou-se, sentindo-se levemente desconfortável sob seu exame minucioso.
— Não se preocupe, a sra. Lacey não traiu sua confiança por vontade própria. Eu praticamente a forcei a confessar.
— Nunca duvidei da integridade da sra. Lacey — disse com voz branda.
Maria soltou um suspiro.
— Bem, de qualquer forma, eu estava cansada de ficar sozinha. Queria alguém para conversar. E a sra. Lacey ia sair.
— Sim, para a casa de sua irmã. Ela vai todas as semanas.
— Ela me contou. — Maria observou as unhas. — E como você também não estava...
Adam ergueu as sobrancelhas escuras.
— Almocei com Loren.
— E o que você fez depois?
— Muito pouco.
Maria sentiu o rosto ficar vermelho.
— Que bom! — comentou com impertinência.
Adam estendeu a mão. colocou-a no queixo da jovem, levantando-lhe o rosto de maneira que fosse forçada a olhar para ele.
— O que eu faço é da minha conta — disse severamente, — Agora, pensei que nós tivéssemos um acordo a respeito de disciplina.
— Você quer dizer, fazer o que me mandam! — disse ela entre dentes, afastando o queixo de sua mão, perturbada pela dura frieza de seu toque.
A expressão de Adam era de indiferença.
— Fazendo o que eu acho melhor — emendou-a friamente, — Meus motivos para não querer que você faça amizade com Larry Hadley são válidos, pode crer!
Maria olhou-o com uma expressão de rebeldia.
— Você parece esquecer que passo nove décimos de minha vida entre estas quatro paredes. Acontece que fico chateada, sabe?
— Ninguém lhe pediu que viesse — retrucou Adam rapidamente, e Maria curvou os ombros.
— Acho que está decidido a me tornar tão infeliz que eu decida partir por minha própria vontade, não é assim?
— Não estou. Bom Deus, Janet já não falou com você a respeito dos cursos comerciais hoje de manhã? Se estivesse tentando livrar-me de você, não faria minha recepcionista perder tempo buscando informações sobre cursos de taquigrafia e datilografia.
— Não pode proibir-me de ter amigos!
— Não estou tentando fazer isso. Mas até agora você teve poucas oportunidades para fazer amigos.
— De quem é a culpa?
Adam enfiou as mãos nos bolsos da calça.
— Minha, acho — disse, exasperado. — Oh, Maria, você cria problemas!

— Obrigada. — Maria olhou com infelicidade para seus joelhos. Depois ocorreu-lhe uma idéia. — Vai sair de novo?
Adam passou a mão pelos cabelos. — Ia — resmungou com impaciência.
— Onde? — Maria olhou para ele, os olhos amarelados bem abertos e desiludidos.
Adam afastou-se dela e ficou olhando para o jardim, através das venezianas.
— Ia para Fincham, com Loren — disse em tom resignado.
— Fincham? — Maria fez uma expressão interrogativa, — O que é isso?
Adam virou-se, e olhando-a através do véu de seus longos cílios, que eram a única coisa feminina num rosto atraente pela dureza.
— É uma aldeia de pescadores em Kent — respondeu. — Loren tem um chalé em Fincham.
Maria encarou-o e a cor de suas faces tornou-se mais forte.
— Eu entendo — disse, sentindo algo horrível no peito. Adam mordeu raivosamente o lábio inferior.
— Ora, pelo amor de Deus, não me olhe com tanta desaprovação! Já estive lã antes.
Maria tentou agir com indiferença.
— Tenho certeza que sim — respondeu caprichosamente. — Parece que vai ser um fim de semana agradável. Você vai se divertir.
Adam soltou uma exclamação e aproximou-se dela com impaciência. — Vá preparar algumas roupas — disse severamente. — Você vai comigo.
Maria fitou-o com uma expressão de horror.
— Oh, não... não, não vou! Eu... eu jamais pensaria em... atrapalhar!
A expressão de Adam era selvagem. — Vá e faça o que eu mandei, Maria — resmungou com violência —, ou posso sentir a tentação de usar outros métodos para fazê-la obedecer.
Maria fitou-o como um coelho fita uma serpente, depois com uma exclamação levantou-se do sofá.
— Mas o que a sra. Lacey vai pensar? — começou.
— Deixarei um bilhete para ela — retrucou Adam, tirando uma caneta do bolso. — Agora vá!
Maria correu para cima, o coração batendo furiosamente. Como podia Adam decidir levá-la para o chalé de fim de semana de Loren, de uma hora para outra? E o que diria Loren? Ficaria absolutamente furiosa, Maria sabia. Não era o tipo de mulher que permitisse essas liberdades. O que Maria podia prever era um fim de semana como a terceira pessoa entre duas que estavam interessadas apenas uma na outra. Esse pensamento provocou-lhe uma dor repentina na boca
do estômago. A última coisa que queria era passar o tempo vendo
Adam fascinado pelo indubitável encanto de Loren.
Depois de ter vestido novamente a calça creme e a blusa vermelha, que usara antes, e de pôr numa maleta alguns shorts, vestidos e um maiô inteiriço, desceu e encontrou Adam, ainda na saleta, fumando um charuto e lendo um artigo num de seus volumosos livros médicos de consulta. Levantou os olhos quando ela entrou e seu olhar percorreu a calça e a camisa com uma fugaz expressão de apreço.
— Eu estou pronta — disse ela sem jeito. — Você tem certeza de que a srta. Griffiths não vai fazer objeções?
Os olhos de Adam estreitaram-se levemente.
— Deixe a srta, Griffiths por minha conta — replicou novamente e guardou novamente o livro na estante. — Está levando um casaco?
— Só minha jaqueta.
— **Ótimo**. Vamos?
Maria assentiu com a cabeça e, enquanto se virava para sair da sala, viu o bilhete para a sra. Lacey sobre a moldura da lareira. Lá fora, no carro, a mala de Adam estava atirada no

banco de trás. Adam pegou-a e a colocou, juntamente com a de Maria, no porta-malas. Ela hesitou antes de entrar na frente, ao lado dele, e ele comentou brevemente:
— Pode entrar. Depois de apanharmos Loren, você irá sentar-se atrás.
Maria curvou os ombros e entrou na frente, enquanto Adam dava a partida. Era a primeira vez que andava de carro com ele e, em circunstâncias normais, teria apreciado muito; agora, contudo, estava apreensiva a respeito das reações de Loren e não desejava presenciar seu nervosismo.
Passaram pelo movimentado tráfego de Londres até a casa de Loren, onde Adam estacionou ao pé de um lance de escada que conduzia até a porta de uma estreita mansão georgiana, cujas janelas com cortinas de renda eram alegradas por jardineiras e vasos de hortênsias iluminavam a entrada. Adam olhou para ela e disse:
— Vai esperar aqui ou quer entrar comigo? Maria enrubesceu.
— Esperarei aqui. Irei para o banco de trás enquanto estiver esperando.
Adam hesitou, como se quisesse dizer alguma coisa mais, depois saiu abruptamente do carro. Enquanto subia os degraus, Maria rapidamente transferiu-se com todas as suas coisas para o banco traseiro e olhou disfarçadamente quando ele se aproximou da porta. Para seu espanto, ele tirou uma chave do bolso e entrou na casa, e ela mergulhou de novo no banco, sentindo-se infeliz. A antipatia natural que nutria por Loren era aumentada pela intimidade que Adam demonstrava. A jovem percebeu, com uma profunda sensação de mal-estar, que parte da aversão que sentia pela outra mulher era provocada pelo ciúme.
Passaram-se quase quinze minutos antes de Adam reaparecer, acompanhado por Loren Griffiths e uma mulher mais velha. Maria começara a ficar inquieta, sonhando em sair do carro e desaparecer entre a multidão. Quando viu a expressão do rosto de Loren, desejou ter feito isso mesmo. A mulher tinha um ar venenoso e nem se preocupou em falar com Maria enquanto Adam a ajudava a entrar na frente do carro. A outra mulher abriu a porta de trás e sorriu para Adam enquanto ele a ajudava a entrar, antes de lançar um olhar de dúvida em direção a Maria. Maria acomodou-se num dos cantos e desejou desesperadamente ter tido uma desculpa para dar quando Adam sugerira esse arranjo.
Adam entrou e disse, olhando para trás:
— Alice, esta é Maria, filha de meu padrasto. Maria, esta é a empregada de Loren, Alice, Ela normalmente nos acompanha a Fincham. —A maneira como pronunciou a última frase não deixou dúvida sobre seu significado e Maria esforçou-se por cumprimentar Alice polidamente, preferindo evitar o olhar zombeteiro de Adam. A viagem até Kent não foi tão desagradável quanto havia temido. Para começar, Loren parecia ter resolvido ignorar sua presença de uma vez e, enquanto tinha só para si a atenção de Adam, não se importava com os outros atrás. Isso deixou Maria à mercê do olhar especulativo de Alice; depois de algum tempo, porém, todos se relaxaram, e Alice começou a conversar com ela cordialmente, fazendo-lhe perguntas sobre sua vida na Irlanda e discutindo o que ela iria fazer após terminar o curso comercial. Maria chegou à conclusão de que gostava de Alice, apesar de ser a empregada de Loren, e logo estava conversando com naturalidade, esquecendo que Adam e a noiva podiam ouvir tudo o que elas diziam.
— Lá em casa, vivemos perto do mar — estava dizendo, após uma curva, quando todos puderam vislumbrar a imensidão da água à distância. — Realmente, temos sorte, temos tanto as vantagens da montanha quanto as do litoral.
Alice assentiu com interesse.
— E o que a trouxe a Londres? — perguntou curiosa.
— Oh, Geraldine falava tanto sobre Londres que estava morrendo de vontade de conhecê-la — confessou. — Geraldine é a mãe de Adam, a senhora sabe, casou-se com meu pai.
— Sim, eu sei — Alice assentiu novamente.

— Bem, de qualquer forma, pensei que seria bastante divertido vir à Inglaterra e morar com Adam. — Maria suspirou. — Acho que ser médico é mesmo muito interessante, não acha? Quero dizer, a gente está lidando com a vida das pessoas, não é?— Franziu a testa. — Toda vez que Adam ia a Kilcarney, costumava falar muito com meu pai sobre seu trabalho e eu ficava escutando. Sempre me fascinou aprender sobre a complexidade do corpo humano.

— E nunca pensou em ser enfermeira?

— Oh, não. Ficaria muito envolvida — disse Maria honestamente. — Acho que nunca me acostumaria à idéia de que para algumas pessoas não há cura... não há final feliz.

Alice examinou-a gentilmente.

— E tem se divertido? — perguntou. — Londres corresponde a suas expectativas?

Maria hesitou.

— Acho que sim — respondeu cautelosamente. — Não que eu tenha conhecido muitos lugares até agora, é claro. Na próxima semana... na próxima semana, quando tiver arranjado tudo para começar o curso, então poderei conhecer um pouco da cidade.

— Então decidiu ficar?

— Sim, por quê?

— Pensei ter ouvido a srta. Griffiths dizer que havia alguma dúvida. As faces de Maria começaram a arder e ela olhou fixamente

para a nuca de Adam.

— Não — disse com clareza. — Não, não há dúvida alguma. Fincham não era maior do que uma aldeia, mas havia algumas

casas grandes na entrada que demonstravam a prosperidade de alguns de seus habitantes. Era o local ideal para os londrinos em busca de um fim de semana longe da cidade, com uma boa praia e uma pequena marina para os iatistas.

Adam conduziu o carro através da aldeia, até seu lado mais afastado, e Maria olhou pelas janelas com interesse, esquecendo momentaneamente a raiva anterior. Era um fim de tarde encantador, o sol transformando o céu em ouro derretido. Seguiram por uma pequena trilha à beira do rochedo e finalmente chegaram aos portões de uma elegante casa de campo, pousada no alto dos rochedos. Maria fitou as paredes pintadas de branco, com curiosidade, perguntando-se onde poderia ser o chalé de Loren.

Alice começou ajuntar suas coisas e Maria olhou-a com expectativa.

— Chegamos — disse Alice, sorrindo. Maria olhou novamente peia janela.

— Quer dizer que esta mansão... este é o chalé? Nesse momento Loren lançou-lhe um olhar irritado.

— Claro que é. O que você esperava? Uma cabana de pedra sem água nem eletricidade?

Maria refreou qualquer resposta e, enquanto Adam estacionava o carro, abriu a porta e saiu,

O vento do mar estava frio depois do calor do carro, mas ao mesmo tempo era maravilhosamente refrescante. Tinham uma vista *magnífica* da aldeia embaixo deles, ao pé dos rochedos e Maria viu que havia uma escada que levava da casa até a praia embaixo. Era muito bonito e reservado, o esconderijo ideal para alguém como Loren,

Adam também subiu e olhou de relance para Maria antes de abrir a porta de Loren. Maria devolveu-lhe o olhar desafíadoramente e viu um ar de exasperação passar por seu rosto, antes de dizer:

— Você gosta daqui?

Maria levantou os ombros, não querendo concordar com ele.

— Está bem — replicou com indiferença, enquanto ele ia abrir a porta do carro.

Loren saiu com elegância, mostrando a esguia curva das pernas. Estava usando um vestido mini e um casaco de camurça macia. O casaco era longo, mas ela deixou que se abrisse

para mostrar a saia mais curta por baixo. Era muito delicada e miúda, e Maria sentiu-se enorme a seu lado.
Enquanto Adam tirava as malas do porta-malas, a porta da casa abriu-se e uma mulher apareceu. Estava usando casaco e chapéu e carregava uma sacola de compras. Quando viu Loren, apressou-se em sua direção e Alice, que estava ao lado de Maria, explicou em voz baixa que era a sra. Jennings, a faxineira, que cuidava da casa e preparava o lugar antes da chegada de Loren. A sra. Jennings disse que havia deixado uma refeição fria pronta para eles e foi embora, enquanto os outros subiam pela trilha até a porta. Adam carregando as malas.
Entraram numa saia enorme que atravessava a casa toda, de onde saía uma escada para a parte superior da casa. Era mobiliada com conforto, embora não luxuosamente, e tinha vigas que indicavam que a casa não era tão nova quanto aparentava por fora, A direita da sala, uma porta abria-se para a sala de jantar, que, por sua vez, dava para uma grande e moderna cozinha. Maria, seguindo Alice até a cozinha, percebeu que a casa não era tão grande quanto parecia à primeira vista.
A mesa já estava posta na sala de jantar e Maria ficou andando enquanto Alice tirava o casaco e punha a chaleira no fogo.
— Vá até a sala — disse Alice, finalmente, olhando para ela. — A srta. Griffiths não vai comê-la, sabe?
Maria suspirou.
— Gostaria de ter certeza, Ela não aceitou a minha vinda facilmente, não é?
Alice sorriu, compreensiva.
— Não, acho que não, mas é que ela considera o doutor sua propriedade única e exclusiva e detesta ver seus planos alterados.
Maria ficou vermelha.
— Entendo. E ele é?
— Ele é o quê? — Alice olhou-a interrogativamente.
— Adam é propriedade dela?
Alice abriu a boca para fazer algum comentário, depois soltou uma exclamação de surpresa, olhando para além de Maria, para alguém que estava atrás dela. Maria virou-se rapidamente, com o coração batendo furiosamente, e defrontou-se com Adam, que estava na porta da cozinha, apoiado ao batente.
Enrijeceu-se quando ela o olhou e disse:
— O que você quer dizer exatamente com esse comentário, Maria? O rosto de Maria estava ardendo.
— Eu... eu... onde está a srta. Griffiths?
— A srta. Griffiths foi trocar-se para o jantar — retrucou Adam friamente. — Agora, venha até a sala. Quero falar com você.
Maria hesitou.
— Não pode esperar, Adam? — perguntou hesitante. — Eu estou ajudando Alice.
— Está ajudando coisa nenhuma! — Adam controlou-se com dificuldade. — Venha. Tenho algumas palavras para dizer-lhe a sós!

CAPÍTULO VI

Na sala, Adam olhou-a zangado. — O que você pretende exatamente ao falar a meu respeito com Alice? — exclamou rudemente. Maria moveu-se pouco à vontade.
— Estava perguntando algo a respeito do que ela disse — defendeu-se desajeitadamente.
— Sei. — Adam olhou-a pensativo. — Não lhe ocorreu que seria melhor não fazer fofoca?
— A seu respeito? Não.
— Por quê?
— Porque obviamente você tem falado a meu respeito — retrucou ela.
— Ah, eu falei, é? O que a faz pensar isso?
— Deve ter ouvido o que Alice disse no carro. Ela disse ter pensado que havia alguma dúvida a respeito de minha permanência aqui... na Inglaterra, quero dizer.
— O que isso tem a ver comigo?
— Bem, você deve ter dito alguma coisa.
— O que Loren conta à empregada não é da minha conta Maria ficou vermelha.
— E você se recusa a falar com ela a meu respeito? Adam estreitou os olhos.
— Maldição, não tenho de prestar contas a você! Maria suspirou.
— Bem, de qualquer forma, é evidente que ela não queria que eu viesse para cá, não é?
— Acho que sim. — Adam passou a mão pelos cabelos. — Apesar de tudo, se eu digo que você vai ficar, vai ficar, está claro?
Maria comprimiu os lábios.
— Perfeitamente.
Adam voltou-se, e pegou sua caixa de charutos. — Você pode divertir-se, já pensou nisso?
— Francamente, não. — Maria não estava disposta a ser diplomática. — Quanto tempo vamos ficar?
— Até segunda-feira de manhã. Voltaremos à cidade em tempo para o almoço.
— Segunda-feira! — Maria ficou surpresa. Isso significava passar mais de um dia inteiro lá.
— Devo trocar-me para o jantar, também?
Adam olhou para sua camisa e calça com ar de crítica.
— Não, se não quiser.
Maria abaixou a cabeça. Não importava, afinal. Loren, com certeza, eclipsaria a todos com seu rosto e corpo delicados. Deixando cair os ombros, Maria caminhou em direção às janelas amplas, para olhar a vista espetacular formada pelo rochedo, o mar e o horizonte. A escuridão estava caindo e lá embaixo, na aldeia, podia ver-se o brilho das luzes. Ela deveria sentir-se feliz e animada ante a perspectiva de um fim de semana à beira-mar. Em vez disso, sentia-se nervosa e pouco à vontade, e desejava poder escapar do iminente jantar com Adam e Loren. Sentia-se irremediavelmente demais ali e Adam deveria ter pensado nisso antes de convidá-la.
Ele se aproximou dela, olhando-a pensativo.
— É uma vista magnífica, não é? — perguntou, oferecendo-lhe uma chance de esquecer o que se passara.
— Sim. Não é absolutamente o que eu esperava.
— Não, já senti isso. O que esperava? Algo parecido com o que Loren disse?
— Mais ou menos.

— Deveria ter imaginado que alguém tão exigente como Loren não se contentaria com algo que não fosse luxuoso.
— Acho que sim. — Maria sentiu-se desapontada. — Pensei que vocês ficassem sozinhos aqui. Nunca imaginei que ela trouxesse a empregada.
— Ah, é? — Adam estava circunspecto. — Por quê? O rubor de Maria tornou-se mais intenso.
— É evidente, não é? — retrucou, com imprudência. Adam forçou-a a virar-se para olhá-lo.
— Não, não é evidente, para mim, pelo menos — disse ele- — Se está pensando o que eu acho que está pensando, pode esquecer tudo isso! Se eu quiser dormir com Loren, não preciso guiar cento e quarenta e cinco quilómetros até a costa de Kent para fazê-lo!
As faces de Maria queimavam e lutou para livrar-se dele.
— Deixe-me ir! — gritou com tom de infelicidade. — Oh, eu gostaria que você nunca me tivesse trazido para cá! Não queria vir. Sabe que não queria. Acho que está só querendo me humilhar!
Adam soltou-a de repente e esse movimento inesperado a fez recuar até tropeçar numa mesa baixa perto da lareira e ela caiu, desastradamente, num canto ao lado da lareira. Quando caiu bateu a cabeça e, por um momento, a sala pareceu-lhe rodar vertiginosamente. Imediatamente Adam aproximou-se dela, abaixou-se e ajudou-a a se levantar, examinando atentamente sua têmpora, com os olhos perturbados e escuros.
— Você está bem? — perguntou, quase bruscamente, — Sinto muito ter feito isso. Não pretendia machucá-la.
Maria estremeceu sob o toque de suas mãos, subitamente fraca pela emoção, e tentou afastar-se dele.
— Eu estou bem — protestou roucamente. — Foi por minha culpa. . Ele observou-a cuidadosamente, examinando-a com os olhos,
— A culpa não foi sua — contradisse-a suavemente. — Eu fui o culpado. Se não tivesse perdido a calma, isso não teria acontecido. Olhe, não podemos tentar fazer uma trégua este fim de semana? Não poderíamos tentar desfrutar a companhia um do outro?
Maria olhou-o, trêmula.
— Eu gosto de sua companhia — murmurou com franqueza, colocando a mão em seu braço, O tecido caro do terno era macio sob seus dedos, mas o braço era duro e musculoso. Sentiu vontade de aproximar-se dele e não havia nada fraterno nesse pensamento. Adam olhou-a, apertou os olhos e, por um breve instante, ela teve certeza de que ele a estava vendo como algo mais que uma criatura que nada mais lhe causara, senão inconvenientes, desde sua chegada.
— Maria — disse ele, com voz rouca, mas foi interrompido pelo som de passos no andar superior e alguns segundos depois Loren apareceu na curva da escada.
Adam afastou-se rapidamente de Maria, com certo alívio, pensou ela, e foi ao encontro da outra mulher. O olhar de Loren pousou atentamente no rosto de Maria e captou a atraente imagem que ela formava, com a calça creme e a camisa vermelha, o cabelo castanho ondulando naturalmente sobre os ombros. Loren, que estava usando um vestido justo de crepe verde-escuro, o cabelo preso no alto da cabeça, parecia maravilhosa e Maria perguntou-se como as pessoas podiam perceber a presença de mais alguém quando Loren estava por perto. A dor que sentira na cabeça ao cair e que se dispersara sob a influência de Adam estava voltando, fazendo-a sentir-se com dor de cabeça. Com uma decisão repentina disse:
— Eu não estou me sentindo muito bem. Será que Alice pode mostrar-me onde vou dormir? Gostaria de ir para a cama.
Adam virou-se, deixando Loren.
— O que há de errado? — perguntou bruscamente. — E a cabeça? Maria ficou vermelha.

— Estou só me sentindo um pouco enjoada. Naturalmente, não se importam...
— Claro que não, Maria. — Quem falou foi Loren, muito satisfeita com o arranjo.
— Eu me importo — afirmou Adam rudemente. — Maria, se você está doente, vou examiná-la.
Maria olhou-o, trêmula.
— Não estou doente...
— Então vai ficar e comer alguma coisa — acrescentou rapidamente, ignorando o olhar de espanto de Loren.
— Oh, está bem. — Maria enfiou as mãos nos bolsos. — Mas gostaria de um banho antes de comer. Onde vou dormir?
Loren suspirou.
— Você terá de dividir o quarto pequeno com Alice. Sinto muito, Maria, aqui há apenas três dormitórios e, naturalmente, não posso pedir-lhe para ficar no meu quarto.
Adam olhou para Maria com ar pensativo.
— Maria pode ficar no meu quarto — disse ele calmamente. Loren olhou-o, franzindo a testa.
— Mas, Adam...
— Este sofá está ótimo para mim — replicou ele bruscamente, — E agora, devo mostrar a Maria onde vai dormir ou você vai?
Loren estava absolutamente furiosa, mas não havia nada que pudesse fazer e, de má vontade, subiu a escada. Maria foi pegar a mala, mas Adam adiantou-se e as seguiu, levando a mala para o segundo quarto. Após a saída de ambos, Maria afundou debil-mente na cama. Sentia-se abalada e não era *só* por causa da batida que levara na cabeça. Era algo mais... algo que tinha muito a ver com Adam e em que não queria pensar.
Tomou um banho e pôs um vestido curto, amarelo. Penteou o cabelo com movimentos deliberadamente lentos, sabendo que estava adiando o momento de reunir-se a Adam e sua noiva; quando, finalmente, desceu a escada, fez barulho suficiente para preveni-los de sua chegada. Não tinha desejo algum de encontrá-los um nos braços do outro.
Contudo, quando chegou à sala, pensou que eles tivessem saído pois não havia nem sinal dos dois. Olhou em volta e viu que as venezianas no fundo da casa abriam-se para um terraço e lá os achou, sentados na semi-escuridão, tomando coquetel. Adam levantou-se quando ela apareceu, dizendo:
— Quer uma bebida, Maria? Suco de fruta ou talvez um pouco de xerez?
Maria apertou as mãos atrás das costas.
— Prefiro um coquetel — disse com voz clara. — Você sabe que não sou uma criança, Adam.
Adam inclinou ligeiramente a cabeça e ela se afastou para deixá-lo entrar na sala, onde ia buscar sua bebida. Nesse momento, Loren voltou-se e disse:
— Venha para fora, Maria. Não vou comê-la. . Maria enrubesceu, sentindo-se feliz pois a escuridão a ajudava a esconder o embaraço. Foi até o terraço, arrepiando-se ao sentir a brisa fria. Loren indicou a cadeira a seu lado e Maria foi forçada a sentar-se lá.
— Bem — disse Loren, em tom de desafio —, você certamente tem mais coragem do que pensei. Ou deveria dizer... mais atrevimento?
Maria encarou-a.
— O que quer dizer?
Loren deu um suspiro exagerado.
— Ora, querida, não queira brincar comigo. Nós duas sabemos sobre o que estou falando. Acho que não há necessidade de fingirmos uma com a outra.
— Refere-se à minha vinda aqui?
— E o que mais? — Loren soltou anéis de fumaça no ar com perícia.
— Adam insistiu para que eu viesse.

— É exatamente o que quero dizer. Você certamente conseguiu um jeito de fazê-lo sentir-se obrigado.
— Não sei o que está querendo dizer.
— Claro que sabe, Maria. Oh, eu sei, quando você chegou ele ficou muito aborrecido com isso mas, gradualmente, você conseguiu fazer com que se sentisse obrigado a aturá-la! — Maria tentou falar. Mas Loren prosseguiu: — Você não acredita que Alice sempre nos-acompanhe até aqui, não é?
Maria tentou levantar-se, para escapar da língua venenosa dessa mulher, quando Adam chegou ao terraço e entregou-lhe um copo com urna pequena quantidade de líquido. Maria foi obrigada a pegá-lo, depois afundou na cadeira novamente.
Loren olhou para Adam, de maneira encantadora, dizendo: — Alice já terminou os preparativos para o jantar?
Adam assentiu.
— Não havia muito a fazer. A sra. Jennings deixou quase tudo pronto.
— Como sempre — murmurou Loren, sentindo-se satisfeita e lançando um olhar zombeteiro em direção à Maria.
No que se refere a Maria, o jantar foi um desastre. Sentiu muita dificuldade para comer o que quer que fosse, embora tentasse engolir algo só para não despertar a curiosidade de Adam. Mesmo assim, percebeu que ele a olhara diversas vezes durante a refeição e seu rosto mudava de cor de modo alarmante.
Finalmente acabou e, para seu alívio, Loren sugeriu que ela e Adam fossem dar uma volta de carro. Adam lançou a Maria um olhar de expectativa, dizendo:
— Que tal lhe parece, Maria?
Maria sacudiu a cabeça um tanto precipitadamente.
— Não, obrigada — respondeu. — Eu prefiro ir dormir.
Ela pensou que a expressão dele se endurecera por causa da maneira abrupta como respondera, mas não teve coragem de ser diplomática.
— Você está bem, não está? — perguntou ele rispidamente. — Percebi que comeu muito pouco no jantar.
— Estou bem. Apenas um pouco cansada, só isso.
Adam teve de contentar-se com essa resposta, Loren estava começando a ficar impaciente de novo e Maria não via a hora de chegar ao quarto. Jamais, em sua curta vida, encontrara alguém como Loren Griffiths e tivera razão de sentir-se pouco à vontade com ela desde o início.
Apesar de todos os seus pensamentos, Maria adormeceu quase imediatamente e acordou na manhã seguinte com o grasnar das gaivotas, enquanto passavam voando pelo chalé. Ficou por alguns instantes escutando seus gritos melancólicos, depois levantou-se e foi até a janela. Era ainda muito cedo, mas a praia e as ondas espumantes acenavam irresistivelmente e, com gestos decididos, tirou o pijama" e vestiu o maiô que levara. Vestiu a calça creme e a camisa vermelha sobre o traje de banho e prendeu o cabelo num rabo-de-ca-valo com um elástico. Pegando uma toalha, saiu silenciosamente do quarto e desceu. Naturalmente, ninguém estaria acordado ainda e não tinha vontade de acordar ninguém.
No entanto, ao descer os últimos degraus, um som fê-la voltar-se surpresa, e ela viu Adam que vinha da cozinha usando apenas um short azul-marinho e uma toalha enrolada no pescoço.
— Maria! — exclamou ele, atônito. — Pensei que fosse Alice. São só seis e meia, sabe?
Maria engoliu em seco.
— Eu pensei em dar um mergulho — disse ela. Olhou em volta nervosamente, esperando ver Loren atrás de si, mas a sala estava deserta. Sobre o sofá havia travesseiros e mantas de

là e ela percebeu pela maneira como estavam desarrumados que Adam dormira lá, como havia dito. Ele viu seu olhar demorar-se sobre o sofá e disse:
— Está bem. Loren ainda está dormindo. Só vai levantar daqui a algumas horas.
Maria tentou controlar seu embaraço e aproximou-se da porta.
— Não há problema se eu for nadar, não é? — perguntou, ignorando o comentário que ele fizera.
— Claro que não. Também estava indo nadar. Vamos juntos?
— Se você quer.
— Ótimo.
Adam abriu a porta e ambos saíram. O ar da manhã estava fresco mas já fazia calor e o nevoeiro leve dispersava-se no horizonte.
— Parece que vai fazer um dia quente — observou Adam, ca- minhando a seu lado, em direção aos degraus. — Talvez você acabe gostando, apesar de tudo.
Maria fingiu não perceber o tom zombeteiro de sua voz e deixou que ele descesse os degraus primeiro para que pudesse estender-lhe a mão. A escada era bastante íngreme e ela gostou de estar em sua companhia. Não se importava se caísse dali.
A areia estava quente sob seus pés descalços e ela olhou para Adam quando começou a desabotoar a blusa. Adam sentiu seu problema e afastou-se dela, deixando que tirasse a roupa. Para sua surpresa, ele tirou o short e revelou um pequeno calção de banho preto, depois correu e mergulhou entre as ondas.
Maria hesitou à beira da água. As ondinhas que se formavam a seus pés estava geladas e ela relutava em mergulhar o corpo quente numa água tão gelada. No entanto, sabia que não adiantava hesitar demais pois logo iria sentir-se realmente gelada e, prendendo a respiração, seguiu o exemplo de Adam. .
Após a primeira impressão de frio, sentiu-se maravilhosamente bem; depois de nadar alguns metros, olhou em volta à procura de Adam. Logo de início não pôde vê-lo, depois viu que estava subindo numas rochas, a certa distância da praia. Deitou-se e acenou para ela, que decidiu nadar até lá. Não era longe, mas quando chegou perto dele estava arfando e mal teve forças para ir deitar-se a seu lado.
— Você deveria fazer mais exercício — comentou. — Você não nada em Kilcarney?
— Às vezes, não com muita frequência — admitiu ela. — Além disso, não há ninguém para fazer-me companhia. Papai nunca tem tempo e sua mãe não nada, não é?
— Não — concordou Adam, deitando-se de bruços e olhando para seu rosto, pois ela estava deitada de costas, expondo o corpo ao calor do sol. — E quanto a esse jovem do qual me falou, Matthew Hurley? Não vai nadar com ele?
— Não. — Maria franziu o nariz. O rosto de Adam estava muito perto do seu e isso a perturbava pois, se ele não sentia a presença dela, ela a sentia e muito; essa proximidade fez-lhe lembrar o que Loren dissera a noite anterior. Seria possível que estivesse lhe dando atenção agora apenas para apaziguar sua consciência? Estaria aproveitando a oportunidade de Loren estar ainda dormindo porque se sentia obrigado a isso?
Sentou-se repentinamente, alisou o cabelo molhado e olhou para a água. Não queria esse tipo de relacionamento com ele. Preferia que a ignorasse de uma vez a que sentisse pena dela. Fitou a imensidão da água até a beira da praia e os penhascos. Tudo era tão bonito aqui e por um curto espaço de tempo ela se divertira; agora, contudo, as palavras de Loren haviam destruído tudo e não pôde aguentar ficar tão perto dele.
Com movimentos graciosos mergulhou na água, que se fechou sobre sua cabeça e nadou vigorosamente até a praia. Lá chegando, caminhou até onde deixara a toalha e começou a enxugar-se rapidamente, não se concedendo tempo para pensar. Estava torcendo os cabelos para tirar o excesso de água quando Adam se aproximou, com expressão preocupada.

— Foi repentino, não é? — observou, apontando para as rochas com a cabeça. — Num instante você estava lá, no instante seguinte desapareceu. O que eu disse?
Maria levantou os ombros com descaso propositalmente.
— Nada — respondeu. — Fiquei com vontade de voltar, só isso. Adam examinou-a ironicamente.
— Acho muito difícil acreditar nisso, Maria — comentou secamente.
— Não vejo por quê. — Acabou de secar os cabelos e começou a vestir a calça.
— Agora, espere! — Adam pôs a mão em seu braço, impedindo que enfiasse a calça. — Está molhada, vai estragar a roupa. Sente-se um pouco e deixe o sol secar o maiô.
Maria olhou-o desafiadoramente.
— Não precisa preocupar-se comigo, sabe? Posso cuidar de mim mesma.
— Sobre o que você está falando agora? — Adam fitou-a surpreso. Maria encolheu os ombros novamente.
— Bem, não é necessário fazer-me companhia. Estou acostumada a ficar sozinha.
— Em nome de Deus, o que há com você? — Adam agarrou seu pulso. — Há alguns momentos parecia feliz com minha companhia, agora está se comportando como se eu tivesse tentado violentá-la ou algo parecido.
Maria mordeu o lábio com força.
— Se é essa a impressão que teve, não poderia estar mais enganado! — exclamou, tentando afastar seus dedos do pulso com a mão livre.
— Então o que há de errado? — perguntou Adam rudemente, assistindo a todos os esforços que ela fazia para libertar-se. Estreitou os olhos. — Loren disse alguma coisa para você?
Maria não quis encará-lo e ele levantou-lhe o queixo e fitou seu rosto rebelde interrogativamente.
— Ela disse alguma coisa — disse com ar resignado. — Devia ter imaginado.
Maria não desejava causar mais confusões com Loren e sacudiu vigorosamente a cabeça, libertando-se de seu aperto,
— O que ela poderia ter dito? — respondeu vingativamente. — Não é nada disso. Só não quero que pense que é obrigado a divertir-me.
Adam suspirou.
— Eu não *sinto* que sou obrigado a distrair você. Pode ser uma surpresa para você, mas eu estava gostando de sua companhia até agora. — Soltou-a — Se você quer voltar, porém...
Maria observou-o enquanto se abaixava para pegar a toalha e começava a enxugar o peito. Por um momento fitou o mar com ar pensativo e ela teve oportunidade de observá-lo sem que ele percebesse. Era sem dúvida um homem atraente e podia entender o fascínio que Loren sentia por ele. Não havia um só grama de gordura supérflua em seu corpo rijo. O cabelo era grosso e macio, mas seus dedos longos e a penetrante escuridão dos olhos demonstravam que possuía muita sensibilidade. Ela percebia agora mintas pequenas coisas que não estavam claras em suas impressões de adolescente há cinco anos e perguntou-se, pela primeira vez, se os motivos que a haviam levado a Londres diziam realmente respeito a sua vontade de escapar do confinamento da vida de Kilcarney ou se, bem no fundo de si mesma, desejara inconscientemente vê-lo de novo.
Adam virou-se de repente e captou seu olhar; por um instante olhou-a, sustentando seu olhar, até que, enrubescendo, ela desviou os olhos.
— Não vá — disse ele. — Ainda não.
As pernas de Maria ficaram trêmulas e ela se desprezou por ser tão submissa.
— Está bem — disse e estendeu a toalha, sentando-se. Ele fez o mesmo, esticando-se a seu lado e, colocando os braços acima da cabeça, relaxou os músculos do estômago. Depois virou a cabeça para o lado e olhou-a ironicamente.

— Você percebeu que é praticamente a primeira vez que faz alguma coisa que lhe peço sem provocar uma discussão?
Maria descansou os braços ao longo das pernas, inclinando-se para a frente, deixando que os cabelos soltos caíssem como uma cortina molhada sobre o rosto. O sol já estava mais quente e podia senti-lo arder na pele fria. Não queria mais nada a não ser passar o dia todo na praia, mas logo teriam de voltar e essa perspectiva era deprimente.
— Já decidiu que curso vai fazer? — perguntou Adam repentinamente, apoiando-se nos cotovelos. — Janet disse-me que lhe telefonou.
Maria voltou-se para olhá-lo.
— Queria discutir isso com você — disse. — Acho que vai dizer que devo fazer o curso que já começou.
Os olhos de Adam estreitaram-se.
— Poderia dizer que escolheu um momento inconveniente para fazer qualquer curso — retrucou irónico. — Embora, em minha opinião, seria melhor que esperasse até depois das férias de verão.
Maria arregalou os olhos.
— Mas ainda faltam três meses.
— Eu sei.
— E o que espera que eu faça até lá? Que vá para casa?
— Você é que decide.
— Quer dizer que me deixaria ficar? — Parecia incrédula.
— Poderia impedi-la?
— Sabe que sim. — Maria fitou-o exasperada. — Por favor, Adam, não me provoque. O que devo fazer?
Adam olhou-a firmemente.
— Deve decidir sozinha. Você é a tal que se aborrece entre quatro paredes, lembre-se.
Maria apertou os lábios e voltou a contemplar o horizonte. Estava desconcertada pela mudança de sua atitude e não sabia mais o que devia fazer.
— Vou pensar nisso — respondeu baixinho.
— Está bem. — Adam fechou os olhos e por algum tempo nenhum dos dois falou. Maria pensou que ele estivesse dormindo e relaxou. Era muito agradável estar deitada deixando o sol secar o maiô e o cabeio. Pensou que Adam era mais perturbador com esse tom conciliador do que quando se zangava com ela; perguntou-se se essa mudança de tática por parte dele era deliberada. Talvez tivesse percebido que não conseguiria nada continuando a ser briguento.
O tempo passou depressa demais e Adam acordou e sentou-se, olhando para o relógio de pulso.
— Está na hora de voltarmos para o café da manhã — observou preguiçosamente. — Alice já deve estar preparando as coisas; não sei quanto a você, mas eu estou faminto.
Maria levantou-se, sacudindo a areia da toalha e pegou a camisa e a calça.
— Deve ser uma distração para Alice, ter vindo para cá — murmurou em tom de insinuação, incapaz de resistir à observação.
Adam lançou-lhe um olhar rápido, depois franziu a testa.
— Não mais do que para qualquer um de nós — respondeu rispidamente. — Devo subentender alguma alusão?
Maria encolheu os ombros, enrubesceu e desejou ter mantido a boca fechada. A hora que passara em companhia de Adam fora deliciosa e agora estragara tudo.
Jogando a toalha sobre o ombro, virou-se e começou a caminhar em direção à ascada, mas ele a segurou pela nuca e impediu que continuasse. Estava bem atrás dela e Maria podia sentir o calor de seu corpo.

— Maria! — disse — você não me respondeu. Maria recusou-se a encará-lo.
— Você é sensível demais. Adam — respondeu. — Não quis dizer nada de especial.
— Ora, quis sim. Mesmo que não saiba nada sobre você, já aprendi a entender quando está provocando. Está querendo dizer que a presença de Alice aqui é uma novidade? — Segurou-a com mais força. — Está?
— Está me machucando! — Maria tentou afastar sua mão.
— Você merece ser machucada — murmurou, sacudindo-a. Maria perdeu o equilíbrio e caiu em cima dele; por um instante
seu corpo esteve junto ao dele. Foi só por um instante, no entanto, pois Adam empurrou-a sem dizer uma só palavra e, virando-se, foi buscar a toalha. Tremendo, Maria caminhou aos tropeções *até* os degraus do rochedo, subindo com as pernas bambas. Fora só por um momento e, provavelmente, a raiva tomara conta dele; porém, naquele momento ela sentira, com instinto feminino, que os dedos dele, ao passarem por seus ombros, teriam desejado acariciar...

CAPÍTULO VII

O Colégio de Tecnologia Bellamy ficava a vinte minutos de ônibus do final de Virginia Grove. Maria descobriu isso na terça-feira de manhã, ao comparecer a uma entrevista com o diretor. Telefonara-lhe na segunda-feira à tarde e, após ouvir o caso, ele sugerira que seria melhor ir conversar pessoalmente com ele, com o que ela concordou prontamente. Contudo, na segunda-feira, ainda estava ferida devido aos acontecimentos do fim de semana.
Desde a chegada a casa com Adam, após terem nadado no domingo de manhã, desejara ir embora; além disso, as reações malignas de Loren a tudo o que fazia tornaram-se insuportáveis. Ficou imensamente aliviada quando Loren levou Adam para visitar uns amigos no domingo à tarde, e os dois só voltaram depois que ela tinha ido dormir.
Na segunda-feira de manhã ficou na cama deliberadamente, até ouvir que Alice se levantara; quando Adam voltou da praia com o cabelo molhado, evitou seu olhar interrogativo.
Chegaram a Londres logo depois das onze e Adam deixou Maria primeiro dizendo que ia ao hospital visitar um paciente depois de deixar Loren em casa. Depois disso, ela não o viu mais durante o resto do dia, sendo obrigada a fingir para a sra. Lacey que se divertira muito.
A entrevista com o diretor do colégio foi um sucesso, quando *ela* sugeriu que poderia entrar no curso já começado, ele concordou, dizendo estar certo de que ela não teria dificuldades em acompanhar o curso. Saiu do edifício sentindo a confiança renascer, ao mesmo tempo que se sentia aliviada pois, a partir do dia seguinte, estaria ocupada o dia todo, em vez de ficar à toa.
Voltou a Virginia Grove e contou a novidade à sra. Lacey, que a encorajou ainda mais.

— Será muito bom para a senhorita encontrar pessoas de sua idade. Esta casa é muito chata para uma jovem.
Maria esteve a ponto de contradizê-la, depois mudou de idéia.
Era bom que a sra. Lacey pensasse que ela achava a casa e seus habitantes aborrecidos. Dessa maneira, não precisaria passar muito tempo lá.
O telefone tocou e a sra. Lacey suspirou.
— Eu atendo — disse Maria rapidamente. Para sua surpresa, era David Hallam,
— Oi! — disse ele. — Lembra-se de mim?
— Claro — Maria sorriu. — O que você quer?
— Você — respondeu ele rindo. — Disse que telefonaria. Pensou que não ia telefonar?
— Nem pensei nisso — retrucou ela com honestidade.
— Ora, isso é que é sinceridade — disse secamente. — Falando sério, o que vai fazer hoje?
— Agora mesmo? Estou ajudando a sra. Lacey a preparar o almoço.
— Que tal lhe parece vir à nossa casa hoje à tardinha? Vou dar uma festa e pensei que gostaria de vir. Irei buscá-la, é claro.
Maria hesitou.
— Está bem — disse vagarosamente. — A que horas? Depois de combinar a hora com David, desligou e foi contar a sra. Lacey o que combinara,
— O sr. Adam sabe, senhorita?
— Como poderia saber? Nem eu sabia até alguns instantes atrás. Vou dizer-lhe na hora do almoço. Também tenho de falar-lhe sobre o curso.
— Sinto muito, senhorita, o sr. Adam não vai voltar para o almoço. Telefonou pouco antes que a senhorita voltasse para dizer que a sra. Ainsley teve uma recaída e vai precisar ser operada hoje à tarde. Disse também que vai ser uma operação muito arriscada.
— Oh! — Maria mordeu o lábio. — É a senhora que caiu, não é?
— Isso mesmo, senhorita. Maria sacudiu a cabeça.
— Que pena!
A sra. Lacey encolheu os ombros.
— Ela é idosa — disse, suspirando. — A idade é seu pior inimigo. Maria virou-se. De certa forma, parecia-lhe terrível ir a uma
festa em casa de David quando as pessoas estavam passando muito mal, até morrendo, talvez. Era um pensamento inconsequente: pessoas morriam a toda hora. Mesmo assim, pensou que, na verdade, ela era feliz e arrependeu-se da autopiedade que sentira no fim de semana, quando Loren fora tão maldosa com ela.
A festa em casa de David foi um sucesso. Maria sentiu-se aliviada ao descobrir que Larry Hadley não estava presente; no entanto, Evelyn James lá estava e olhou para Maria com interesse, ao ver como David estava sendo atencioso com ela.
A casa de David era velha e grande e seus pais haviam instalado quadras de tênis e uma piscina. Havia cerca de trinta jovens em volta da piscina ou correndo energicamente pelas quadras, e Maria ficou contente por ter levado o maiô.
Depois de apresentá-la à mãe, David elegeu-se seu guia e acompanhante. Embora a apresentasse a muitos dos outros hóspedes, alguns dos quais ela reconhecia da visita que fizera ao clube com Larry, deixou bem claro que, naquela tarde, ela estava com ele.
Maria vestiu o maiô numa das cabines disponíveis, depois sentaram-se à beira da piscina, tomando Coca e conversando. Era outra tarde quente e ela se perguntou como todos aqueles jovens podiam dar-se ao luxo de passar a tarde toda sem fazer nada. Com certeza, alguns deles tinham muitos trabalhos para fazer.
— Você saiu no fim de semana — comentou David, deitando-se numa cama de ar ao lado dela. — Telefonei duas vezes.
Maria sorriu, puxando o cabelo para trás das orelhas.

— É mesmo? Fui a Kent com Adam e Loren Griffiths.
— Ah, sim, a bela Loren — observou ele levemente. — O que acha dela?
— Mal a conheço.
— É uma resposta diplomática — disse David rindo. — Ela já começou a mostrar as garras?
— Não sei o que está querendo dizer.
— Claro que sabe. Já deve ter percebido que ela considera Adam seu homem.
— É o que todos dizem!
— E você não pensa o mesmo? — David sorriu preguiçosamente. — Nem eu. Acho que Adam não é o homem de ninguém. Não é do tipo que deixa uma mulher tomar conta dele.
— Não?
— Não. E é isso o que encanta Loren Griffiths.
— Você parece conhecê-lo bem.
— Conheço-o há muito tempo. Meus pais conheciam a família antes de o pai de Adam morrer.
— Ah, entendo — disse Maria, assentindo com a cabeça.
— E a mãe de Adam casou-se com seu pai. E isso, não é? — **Maria** anuiu e David continuou:
— Mas o que a trouxe à Inglaterra? Adam convidou-a?
— Não. Vou fazer um curso comercial. Começo no Colégio Bel-lamy amanhã.
— Amanhã? Tão cedo?
— Bem, vou entrar numa classe que já começou há diversas semanas. Tenho de tentar alcançá-la. Senão teria de esperar até setembro, para começar.
— Então espere até setembro. Bolas, o tempo está começando a melhorar. Poderíamos nos divertir muito, juntos.
— Você também não tem um emprego?
— Não, pelo menos até setembro. Depois começarei a trabalhar. Com meu pai.
— Ah, sei, ele é procurador, não é? — Larry lhe falou sobre isso?
— Sim. — Maria olhou em volta. — Ele não está aqui, não é? David sacudiu a cabeça.
— Não, achei melhor não convidá-lo, nestas circunstâncias.
— Que circunstâncias? — Maria fitou-o.
— O fato de você estar aqui. — David apertou os olhos e olhou-a. — E o que tem isso? Afinal, somos apenas amigos.
David segurou os dedos dela.
— Quem? — perguntou suavemente. — Você e Larry, ou você e eu?
Maria ficou vermelha.
— Todos nós.
David ergueu-se para olhá-la interrogativamente.
— Pensei que poderíamos ser mais do que amigos — murmurou roueamente. Passou-lhe os dedos pelo braço e, com um gesto gentil mas firme, ela o afastou. David era um ótimo rapaz; realmente, gostava mais dele *do* que de Larry, e mais nada. Não tinha intenção alguma de envolver-se com quem quer que fosse; após um instante, David encolheu os ombros expressivamente e deitou-se novamente.
Embora a mãe de David a convidasse para jantar e conhecer o pai dele, Maria recusou. Estivera fora de casa praticamente o dia todo e queria ver Adam, para falar com ele.
No entanto, depois de despedir-se de David, entrou em casa e descobriu que ele ainda não havia voltado.
A sra. Lacey suspirou resignadamente.
— Acho que ainda está no hospital — disse. — Provavelmente irá direto para a cirurgia, de modo que é melhor a senhorita jantar sem esperá-lo.
Maria hesitou, depois fez que sim com a cabeça. Poderia comer agora. Não havia garantias de que Adam iria diretamente para casa, depois da cirurgia.

De fato, eram quase onze horas quando ele chegou. A sra. Lacey já tinha ido dormir e Maria estava a ponto de subir. Sentia-se deprimida e zangada, por ter esperado tanto tempo para falar com ele, e pensou como ele era despreocupado por ter ido diretamente ao encontro de Loren Griffiths, sem nem mesmo telefonar após a cirurgia. Passou pela sua cabeça a idéia de que talvez não tivesse jantado ainda, mas isso não evitou que se sentisse sozinha e rejeitada.
Continuou enrolada no sofá da sala e ouviu-o atravessar o saguão e abrir a poria, sem virar a cabeça. Ele havia visto a luz das lâmpadas, claro, mas ela não ia fazer esforço algum para demonstrar que percebera sua presença.
Ele entrou na sala desabotoando o paletó de seu terno escuro, e pegou a caixa de charutos. Olhou em direção a Maria, mas ela se concentrou no livro e não olhou para cima.
— Pensei que estivesse dormindo — disse ele, bruscamente, acendendo um charuto.
Maria olhou-o pela primeira vez.
— É mesmo? Bem, como pode ver, não estou. Adam aspirou profundamente.
— Há café feito? A sra. Lacey deixou café para mim? Maria assumiu um ar de indiferença.
— Melhor você olhar na cozinha — disse ela. — Não tenho a menor idéia.
Adam olhou-a por algum tempo, depois saiu da sala. Depois que saiu, Maria sentiu-se envergonhada. Poderia ter ido buscar o café para ele. Não era pedir muito, já que era sua hóspede.
Levantou-se do sofá e atravessou o saguão. Viu uma luz por baixo da porta da cozinha e com um esforço decidido abriu a porta e entrou. Adam estava enchendo a cafeteira elétrica; depois de lançar-lhe um olhar superficial, concentrou-se no que estava fazendo.
Maria mordeu o lábio.
— A sra. Lacey não lhe deixou nada?
— Não. — Adam fez um eloquente gesto com a mão. — O que quer? Pensei que estivesse mergulhada no livro.
— Chegou muito tarde — disse, tentando não sentir-se ofendida. Afinal, era ele que estava atrasado. Não deveria sentir-se culpada por não correr atrás dele, pois ele escolhera ficar fora até tal hora.
— Sim. — Adam parecia aborrecido.
— Eu... queria falar com você.
— Oh, sim. Sobre o quê? Não poderia esperar até amanhã?
— Não. Isto é... bem, vou começar o curso amanhã. Adam desviou os olhos do conteúdo da frigideira..
— Amanhã? — repetiu sem entender. — Não sabia.
— Não. Por isso fiquei acordada até agora. Para contar-lhe. Hoje de manhã falei com o diretor.
Adam enrijeceu-se.
— Vai entrar no curso que já começou?
— Sim.
— Acha que vai dar certo? Afinal, é tudo novo para você... Maria torceu as mãos.
— Não posso ficar à toa durante três meses, sem fazer nada. Adam encolheu os ombros.
— Ora, está bem, é sua decisão. Maria suspirou exasperadamente.
— Céus, está se comportando como se não quisesse que eu faça o curso! Pensei que ficaria contente por ver-me fora de seu caminho.
O rosto de Adam ficou rígido.
— Não me lembro de ter dito nada a esse respeito — retrucou bruscamente. — De qualquer forma, fará o que quiser, como sempre.
Maria encarou-o com impaciência.

— Esperei acordada de propósito para falar com você! — exclamou zangada. — Não posso fazer nada, se você volta para casa quase à meia-noite, e tenho de contar-lhe as coisas quando está cansado e obviamente, mal-humorado!
Adam aproximou-se dela, os olhos queimando de violência contida.
— Um dia, Maria, você irá longe demais! — disse selvagemcnte. — Não tenho de aguentar esse tipo de conversa de ninguém, muito menos de você!
Maria fez uma careta e afastou-se.
— Vou para a cama! — disse, vacilando. — É evidente que você está de péssimo humor. Sinto muito por não ter-lhe dado uma boa acolhida, mas pensei que a srta. Griffiths tivesse tomado conta de você adequadamente.
Adam com os olhos faiscando, agarrou-a pelos ombros e obrigou-a a virar-se para encará-lo,
— Talvez lhe interesse saber que não vi a srta. Griffiths hoje à noite — murmurou raivosamente. — Acabo de vir do Hospital St. Michael. A sra. Ainsley morreu há meia hora.
— Oh! — Maria apertou a boca com a mão, horrorizada, — Oh, Adam! Eu... eu sinto muito!
Adam soltou-a de repente e virou-se; um músculo saltava em *seu* rosto.
— Vá para a cama! — Disse rudemente. — Como você observou, não sou a melhor das companhias.
Maria mordeu nervosamente o lábio.
— Vá sentar-se, Adam — disse. — Farei o café.
— Não é necessário. — A voz de Adam estava fria. Tirou uma caneca do armário e olhou para a água na cafeteira, que começava a ferver.
— Oh, por favor, deixe-me fazê-lo. — Maria mexeu-se com expressão infeliz. — Você deve estar com fome também. Comeu alguma coisa?
Adam virou-se e olhou-a.
— Não, mas não estou com fome. E tampouco preciso de sua ajuda. Vá e deixe-me sozinho.
Maria hesitou por um instante, depois saiu da cozinha sem uma palavra. Era culpa sua, não havia ninguém mais em quem jogar a culpa, fora muito apressada em tirar conclusões a respeito de Adam. Ela era sensível demais e, além disso, não tinha nada a ver com o fato de Adam passar todas as noites com a noiva. Ou, pelo menos, não deveria ter...
Maria não viu Adam ao café da manhã, no dia seguinte. Recebera um chamado cedo e ela safra para o colégio antes que ele tivesse voltado. Só quando já estava no ônibus lembrou-se de que não mencionara a Adam que estivera em casa de David no dia anterior. A conversa deles, na noite anterior, fora formal, para não dizer mais, e duvidava de que ele ainda se interessasse por alguma coisa, depois disso.
O primeiro dia passou razoavelmente depressa. As vagas idéias que tivera a respeito das matérias do curso dissiparam-se logo, ao saber que, além de taquigrafia, datilografia e inglês, deveria aprender também comércio e contabilidade. Recebeu uma lista de livros de texto de que precisaria e, logo depois de ter almoçado na cantina do colégio, foi comprá-los. Voltou a casa de Adam por volta das quatro e meia da tarde, os braços cheios de livros e papel, e uma razoável quantidade de lições de casa para fazer.
Adam estava na sala quando entrou e observou seus braços carregados apertando os olhos.
— Você não pretende trabalhar a noite toda também, não é? — perguntou brevemente.
Maria colocou as coisas sobre uma poltrona e sacudiu os braços doloridos.
— Por que não?
Adam levantou-se e pegou um dos livros com indiferença. Maria ficou com os dedos cruzados, observando-o, até que ele olhou para seu rosto apreensivo.
— Não é necessário, você sabe—observou ele, quase ofensivamente.
— O que não é necessário? — Maria não o estava entendendo. Adam deixou o livro cair.

— Tudo isto! — Contraiu os músculos. — Estou pronto a aceitar que você achava a vida em Kilcarney muito limitada e sentiu vontade de escapar por algum tempo. Não farei objeções se ficar aqui mais um pouco.
Maria fitou-o indignada.
— Você pensa que vim para cá sem intenção alguma de fazer o curso, é isso?
Adam encolheu os ombros.
— Oh, não. Acho que suas intenções estavam bastante claras. Só que não é necessário, só isso.
Maria suspirou.
— No entanto, você pediu à sua recepcionista que se informasse a esse respeito.
— Sabendo que não haveria nenhum curso que começasse antes das férias de verão — retrucou Adam impacientemente. — Estava certo de que você esperaria até lá para comprometer-se.
— E comprometer você! — exclamou Maria zangada. — Enquanto eu estiver livre, você poderá despachar-me, quando tiver vontade!
A expressão de Adam tornou-se sombria.
— Espero que saiba o que está fazendo. Esses cursos podem durar até um ano.
— Esse é um curso particular. Não dura tanto assim!
— Ousaria dizer que você se esqueceu de que haverá as férias, de qualquer forma.
Maria apertou os lábios. Esquecera-se desse pormenor. Seriam dois meses perdidos.
— Eu... eu irei para casa no verão — retrucou decididamente. — Agora, se me dá licença...
Adam segurou-a pelo braço.
— Não trabalhe hoje à noite.
— Por que não? — Maria sacudiu a cabeça.
— Porque é demais. Está apenas começando. Dê-se tempo para adaptar-se ou poderá ficar doente. Além disso, está quente demais.
Maria puxou o cabelo para trás da orelha com a mão livre.
— Não tenho nada melhor para fazer! — respondeu.
— Sim, tem. — O polegar de Adam moveu-se sobre sua pele. — Tenho de ir ver um paciente particular em Staines. Você poderia ir comigo.
Um arrepio correu pela espinha de Maria e seu rosto ficou vermelho. Não. havia nada que desejasse mais do que passar a noite com Adam, mas algo a advertiu de que não devia. Não por ter medo dele; sabia que podia confiar nele, estava preocupada consigo mesma. Temia que chegasse um momento em que ele percebesse sua presença, como acontecera no fim de semana anterior, na praia, e ela poderia sucumbir à tentação de tornar isso físico assim como mental. Ele talvez pensasse que ela era ainda uma criança, no entanto ela sabia que não era assim, e os sentimentos que tinha com relação a Adam não deviam ser estimulados.
— O-obrigada, mas não posso — murmurou. — Eu preciso continuar. Prometi a meu tutor, o sr. Lawson, que tentaria aprender algo disso tudo até amanhã.
Adam soltou-a.
— Muito bem — disse; sua voz estava fria novamente. — Esqueça!
Durante a semana seguinte, Maria viu Adam muito pouco. Parecia estar constantemente sendo chamado e até mesmo as refeições eram interrompidas. Raramente fazia perguntas sobre seu trabalho, e como ela achasse difícil sentir-se à vontade com ele, conversavam pouco. Uma ou duas vezes ela tentou falar sobre David Hallam, o que não era fácil, pois as tentativas chocavam-se com um elevado grau de frieza.
Maria sabia que ele também não estava encontrando Loren Griffiths. A atriz telefonou diversas vezes e Maria ficava feliz quando a sra. Lacey atendia ao telefone. Larry Hadley também telefonou, mas Maria recusou todos os convites, para ter bastante tempo livre para os deveres de casa.

No fim de semana aceitou um convite para jogar tênis no domingo è tarde, na casa de David; desta vez conheceu seu pai. Victor Hallam era igual ao filho, tanto em aparência quanto em personalidade; Maria conversou com ele bem à vontade, discutindo suas ideias sobre como utilizar o tempo, juntando-se a ele contra a indolência assumida de David.
Não sabia muito bem como Adam passara o fim de semana. Sabia que estava de plantão, naturalmente e, ficou feliz por não encontrá-lo em casa, quando voltou da visita aos Hallam.
Na terça-feira seguinte Adam desceu para o café com aparência aborrecida e truculenta. Sentou-se à frente dela sem dar-lhe o bom-dia habitual, e ela olhou para ele com apreensão. E agora?
Ao passar-lhe o café, evitou seu olhar, e ele disse asperamente:
— Por que não me contou que andou saindo com David Hallam? Maria ficou vermelha.
— Eu... bem... eu pensei que você não estava interessado — murmurou desajeitadamente.
Adam fechou o punho.
— Você pensou que não estava interessado — repetiu friamente.
— Por que não?
Maria engoliu em seco..
— Bem, eu só saí com ele duas vezes — admitiu, pouco à vontade.
— Foi à casa dele duas vezes, o que é bem diferente! — vociferou Adam com raiva. — Naturalmente, ele lhe contou que os Hallam eram amigos meus.
— Contou.
E não lhe ocorreu que eu pareceria estúpido, se mencionassem que vocês dois eram amigos e eu não soubesse nada sobre isso? — Seu tom de voz era furioso,
Maria abaixou a cabeça.
— Eu ia contar-lhe. Não tive muitas oportunidades.
— Em dez dias? Deve estar brincando!
— Oh, Adam, não é importante.
— Como não é? Não gosto de bancar o trouxa! — Levantou-se de repente. — Entendi você dizer que precisava passar o tempo tentando alcançar seus companheiros de estudo, não espreguiçando-se na piscina dos Hallam!
Maria olhou-o indignada.
— Não posso trabalhar o tempo todo! Você mesmo disse isso.
— No entanto recusou vir a Staines comigo. — Adam encarou-a com frieza.
Maria arregalou os olhos.
— O que está havendo? — escarneceu-o, zangada. — Está com ciúme?
Assim que acabou de faiar, desejou poder retirar as palavras. Algo tão ridículo. Adam com ciúme dela!
Adam olhou-a com desdém por alguns instantes, depois precipitou-se para o saguão, no momento em que a sra. Lacey entrava trazendo os ovos com presunto. Olhou-o consternada.
— O que há de errado? — perguntou. — Não escutei o telefone.
— Não há nada errado, sra. Lacey — respondeu Adam rapidamente. — Não quero mais nada, obrigado.
Com isso saiu, batendo a porta.
Maria continuou sentada, imóvel, controlando o tremor que ameaçava tomar conta de seu corpo. A sra. Lacey levou a bandeja até a mesa e aí a colocou, sem entender o que se passava. Olhou para a expressão tensa de Maria e estalou a língua.
— E agora, o que aconteceu? — exclamou com impaciência. — Nunca vi o sr. Adam fazer isso antes.
Maria tremeu fortemente.
— Fazer o quê? — perguntou, fingindo não entender.

— Sair sem o café da manhã — retrucou a sra. Lacey. — O que andou lhe dizendo, senhorita?
Maria levantou-se da cadeira.
— Nós tivemos apenas uma... uma divergência de opiniões, só isso. Também não quero mais nada.
— E o que vou fazer com tudo isto? — gritou a sra. Lacey, mostrando a bandeja com 0 presunto, os ovos e as torradas.
Maria sacudiu a cabeça.
— A senhora mesma poderá comer tudo — sugeriu, tentando fazer uma brincadeira; depois saiu para buscar os livros do colégio.
O dia todo foi péssimo. Para começar, o sr. Lawson não estava no melhor dos humores e, como o tempo estivesse escuro e abafado, as coisas só pioraram. Maria estava agitada, batia nas teclas erradas da máquina de escrever, até que o sr. Lawson ficou impaciente com seu descuido e quase a fez chorar.
Foi um alívio quando, às quatro horas, pôde escapar. Juntou os livros e saiu pela entrada principal, descendo os degraus até a rua. Um carro como o de Adam estava estacionado perto da entrada, mas ela não lhe prestou muita atenção até que a porta foi escancarada e Adam disse:
— Entre! — num tom que não admitia recusas.
Maria obedeceu, entrando na parte dianteira do carro, bastante nervosa.
— É uma surpresa — murmurou, sem jeito.
— Pensei que ia chover — retrucou Adam, engrenando o carro. Maria olhou para cima. O céu estava carregado de nuvens e
um barulho fraco de trovão podia ser ouvido à distância.
— Obrigada — foi tudo o que conseguiu dizer; com um aceno da cabeça, ele ligou o carro.
No entanto, Adam não se dirigiu a Kensington. Foi em direção contrária, atravessando o Tamisa e continuando na estrada que leva a Richmond. Maria olhou-o ansiosamente. De imediato, pensara que ele pretendia passar pelo hospital, mas ele passou direto, sem parar: ela não sabia para onde a estava levando.
Como se sentisse seu desconforto, Adam deu-lhe uma olhada.
— Pensei em tomarmos chá num lugar que conheço perto do rio — comentou baixinho. — Se não se opõe.
— Claro que não. — Maria apertou os lábios.
— Ótimo. — Adam voltou a concentrar-se na direção e, por algum tempo, o único ruído foi o do motor.
Parou diante dos portões de uma estalagem que ficava afastada da estrada e cujo fundo confinava com o rio. Os trovões pareciam ter diminuído bastante, embora o ar ainda estivesse pesado, quando Adam estacionou o Rover. Maria saiu do carro sem esperar sua ajuda; depois de fechar as portas do carro, encaminharam-se para a entrada.
Em volta da casa havia uma varanda; segundo Adam, Maria observou que atrás da construção havia um pequeno ancoradouro com um ou dois barcos. Salgueiros tocavam a superfície da égua, providenciando sombra em tardes de sol. Era muito atraente e Maria esqueceu sua apreensão ao apreciar a paisagem.
No entanto, havia poucas pessoas e 0 proprietário foi ao encontro de Adam com um amplo sorriso.
— Olá — disse, o que deu a Maria a certeza de que eram velhos conhecidos. — O que posso oferecer-lhe hoje?
Adam sorriu, passando a mão pelo cabelo; tinha uma aparência consideravelmente mais jovem do que quando seu rosto estava sério.
— Só chá, Bert, e alguns dos bolinhos de Linda.

— Está bem — Bert assentiu, e foi buscar o pedido, enquanto Adam indicava que podiam sentar-se à mesa da varanda, perto do parapeito, sobre o ancoradouro e o rio.
Maria sentou-se, sentindo-se levemente nervosa, e olhou para o rio onde uma família de patos estava mergulhando entre os juncos. Aí tudo era calmo, sossegado. Era difícil acreditar que estavam a poucos quilómetros de Londres. Segurando o queixo com a mão, jogou os cabelos para trás e suspirou. Depois percebeu que estava sendo observada por Adam e tentou não notá-lo.
— A sra. Lacey vai se perguntar onde você está — comentou ele estranhamente.
Maria olhou rapidamente para ele.
— Não disse a ela que ia encontrar-se comigo?
— Não. — Seu tom foi seco.
— Por quê?
Encolheu os ombros, acendendo um charuto.
— Não tenho o costume de prestar contas de meus movimentos, a menos que esteja de plantão, e hoje à tarde não estou de plantão.
— Ela ficará preocupada. Normalmente estou em casa por volta das quatro e meia.
Adam ergueu as sobrancelhas num gesto de indiferença e ela desviou o olhar, perguntando-se se devia entrar e pedir para usar o telefone. Depois ocorreu-lhe, sem motivo aparente, que Adam podia não querer que a sra. Lacey soubesse que tinha convidado Maria para tornar chá. Se Loren Griffiths telefonasse, certamente a sra. Lacey ia dizer-lhe onde ele estava, e isso não agradaria à outra mulher.
Maria mordeu o lábio e Adam olhou-a pensativo.
— Pelo amor de Deus, vá telefonar, se isso significa tanto para você! — esbravejou ele. — Certamente a sra. Lacey não chamará uma patrulha de busca porque você está meia hora atrasada.
Maria ia dizer que iria atrasar-se mais do que meia hora mas guardou esse pensamento para si mesma; nesse momento Bert chegou com uma bandeja contendo chá para dois, bolinhos quentes com geléia e creme e uma grande variedade de doces. Colocou a bandeja diante de Maria, que, depois de Bert ir embora, serviu o chá e ofereceu-o a Adam.
Adam tomou duas xícaras de chá, mas não comeu nada, e Maria teve de mostrar que os bolinhos eram tão deliciosos quanto pareciam. Mesmo assim, ela também não estava com muita fome e sentiu-se aliviada quando Adam apagou o charuto e perguntou se ela estava pronta para ir embora.
Ele disse até logo a Bert, parando na porta da cozinha para uma palavrinha com a mulher de Bert, Linda; depois voltaram para o carro. Ele abriu a porta de Maria e ela entrou rapidamente, alisando a saia sobre os quadris. Ele deu a volta ao carro e sentou-se ao lado, e ela pensou, com um arrepio de excitação, como seu relacionamento agora era diferente do que fora quando ela o vira pela última vez, tantos anos atrás, em Kilcarney. Então ela era uma estudante, sem nada de especial, com um uniforme de ginástica azul-marinho e uma blusa branca. Não se lembrava do que ele lhe tivesse dito algo, a não ser que puxara seu rabo-de-cavalo algumas vezes e a chateara por causa de sua conversa de adolescente.
Talvez ele pensasse que era ainda a mesma. As pessoas têm a tendência de lembrar as coisas como eram sem pensar na maturidade que sempre se segue. Com Adam era diferente. Cinco anos atrás era o mesmo; no entanto, agora ela era uma mulher e não mais uma criança.
Adam soltou o colarinho e afrouxou a gravata.
— Está quente demais! — murmurou, dando a partida. Olhou para Maria uma vez, notando como estava atraente com um vestido' sem mangas, listrado de vermelho e branco, cuja saia curta deixara] as pernas à mostra, e notou o rubor repentino em seu rosto, que se devia menos à temperatura do que a suas emoções perturbadoras.

Adam conduziu o Rover para fora do estacionamento e parou na entrada, olhando atentamente para a esquerda e para a direita.
— É uma pena que não tenhamos roupa de banho — comentou secamente. — Conheço um lugar perto daqui onde poderíamos nadar.
— Parece ótimo — murmurou ela sem jeito, e ele a olhou rapidamente.
— Não está sugerindo que deveríamos desrespeitar as convenções, não é? — perguntou severamente,
— Claro que não. — Seu rosto queimava. Adam ergueu as sobrancelhas escuras.
— Você me surpreende. Com sua maneira moderna de encarar a vida, não pensei que considerasse essencial ter roupa de banho!
— Seu tom era deliberadamente ferino.
Maria virou a cabeça, concentrando-se num inseto que tentava desesperadamente escapar através de uma das janelas.
— Não tem o direito de dizer-me tal coisa! — disse tensa. — Foi para isso que me trouxe aqui? Para humilhar-me de todas as formas que puder?
Adam engrenou o carro e entrou de repente na estrada, no sentido que levava de volta à cidade. Não falou mais nada, e Maria não poderia participar de uma conversa, se ele tivesse tentado faiar. Depois dos dez minutos tensos que haviam acabado de passar, sentia-se mole e abalada; não podia entender por que Adam desejara ser tão brutal. Por um instante, olhara-a como se a odiasse, e isso a fizera sentir-se fraca e trémula.
Entraram num engarrafamento na periferia da cidade, porém Adam saiu das avenidas principais, passando por um labirinto de ruas secundárias, até saírem na avenida que levava a Virgínia Grove. Ele parou o carro perto do bosque e, inclinando-se sobre ela, abriu a porta. Por um instante, a rijeza de seu corpo encostou-se ao corpo dela e ela pôde sentir o cheiro suave do tabaco, da loção após-barba e o calor que emanava dele. E nesse instante desejou tocá-lo, desejou tanto que teve de apertar seus livros com força para evitar fazê-lo.
— Obrigada — tentou dizer, sem jeito, e saiu do carro; sem uma palavra, Adam bateu a porta e foi embora.

CAPÍTULO VIII

Durante o resto da semana Maria viu Adam poucas vezes e disse a si mesma que estava contente. Teve muito trabalho no colégio e, no fim da tarde e à noite, ocupava-se com os estudos. Larry Hadley telefonou-lhe no sábado de manhã, convidando-a para jogar tênis. Maria aceitou, decidindo que esse era o melhor método de mostrar a David que não tinha intenções de envolver-se seriamente com qualquer um dos dois. No entanto, David estava lá e ele e Larry passaram a tarde olhando um para o outro com hostilidade pouco contida.
No domingo, Maria tomou banho de sol no jardim, pela manhã. Adam desapareceu depois do café e a sra. Lacey disse a Maria que ele havia ido jogar golfe com um de seus colegas. Durante a tarde ela leu. Adam não voltou para o almoço e já era quase noite quando ela

ouviu o carro chegar. Depois não o viu mais. Adam voltou para casa, trocou-se e desapareceu novamente antes do jantar. Ela não precisava perguntar aonde havia ido. Podia adivinhar.
Quase na metade da semana seguinte, Adam voltou a casa para jantar e deixou cair um envelope branco diante de Maria. Ela, que só trocara com ele cumprimentos distantes, na última semana, levantou os olhos, surpresa. Ele a olhou desafiadoramente e disse:
— É um convite. Abra-o!
Maria hesitou, depois obedientemente abriu o envelope. Dentro havia um cartão branco gravado com letras douradas. Para sua surpresa, descobriu que era de Loren Griffiths, convidando-a para um *buffet* em sua casa de Londres, na sexta-feira à noite.
Maria leu o convite mais uma vez, depois olhou inexpressiva-mente para Adam.
— Por que fui convidada? — perguntou, com mais calma do que realmente sentia.
Adam levantou os ombros com indiferença.
— Imagino que seja porque ela achou que você se divertia. Maria abaixou os olhos antes que ele pudesse ler o ceticismo
que continham. — Bem, não irei, naturalmente.
— Por quê? — Adam foi rude.
— Porque não conheço ninguém, lá. Os amigos de Loren Grif-fiths não são meus amigos.
— Eu estarei lá.
— Sim, eu sei. — Maria mordeu o lábio. Não ousava dizer que era pouco provável que ela o visse com Loren por perto. — Além disso — continuou, procurando uma desculpa —, não tenho nada para vestir.
— Tem tempo de sobra para comprar alguma coisa.
— Então, está bem — disse com certa relutância. — É que não quero ir.
Adam soltou uma exclamação:
— Por quê, pelo amor de Deus?! Pensei que ia achar um acontecimento interessante.
— Você pensou? — Maria olhou para cima. — Então você sugeriu que eu deveria ser convidada. Devia ter sabido!
Adam passou a mão pelos cabelos.
— Estou tentando manter a calma, Maria, mas você torna as coisas muito difíceis!
Maria pôs o cartão de volta no envelope.
— Não tem de se preocupar comigo. Já lhe disse antes.
— Maldição! Não diga mais nada! — vociferou com violência. — Loren a convidou e o mínimo que você pode fazer, decentemente, *é* aceitar.
— Mas ela nem mesmo gosta de mim.
— Você mal a conhece — retrucou Adam. — Por que deveria imaginar que ela não gosta de você?
Maria encolheu os ombros, não querendo começar uma discus-são sobre seu relacionamento com Loren.
— Não é bem esse o ponto — disse ela.
— Então qual *é* o ponto? — inquiriu Adam ironicamente. — Que desculpa vai dar quando recusar o convite? Devo dizer-lhe que não tem idade suficiente para participar de uma reunião de adultos como essa ou prefere dizê-lo você mesma?
Maria sentiu-se atingida por aquele tom zombeteiro.
— Eu só não quero envolver-me, mais nada! — exclamou. — por que, de repente, ela decidiu convidar-me? Precisa demonstrar niais uma vez que você é sua propriedade exclusiva?
Adam parecia querer usar a força física contra ela e ela desviou o olhar de seus olhos penetrantes e escuros.
— Que mente pequena e miserável você tem, Maria — disse ele com desdém. — Você tem a idéia ridícula de que o meu relacionamento com Loren não é convencional. Precisa

categorizar tudo, pôr rótulos nas pessoas, como se fossem coisas. Bem. assim não pode ser. Quanto antes perceber isso, melhor.
— Não sei o que está querendo dizer. — O rosto de Maria queimava.
— Oh, sim, sabe. Está constante mente sondando, tentando sugerir que, no que se refere a Loren, não tenho vontade própria. Talvez lhe interesse saber que eu gosto do nosso relacionamento!
— Não quero saber nada sobre isso — gritou, respirando depressa. — E pode dizer a Loren Griffiths o que quiser! — E com isso correu para fora da sala.
No quarto, jogou-se sobre a cama, afundando o rosto nas cobertas macias. Adam conseguia ser tão cruel e ela era uma tola por permitir que a ferisse tanto. No entanto, quase sem que percebesse, tudo o que Adam dizia ou fazia tornava-se importante para ela, e a corrosiva angústia que ele despertara dentro dela não podia mais ser ignorada. Suas razões para evitar a festa de Loren Griffiths tinham menos a ver com a própria atriz do que com a tortura de ver Adam com ela, perto dela, falando-lhe, fazendo-lhe carinhos...
Apertou a mão trêmula contra a boca. Devia parar de pensar nisso. Não importava o que acontecesse, Adam a via apenas como uma criança, uma espécie de irmã, o envolvimento deles era aumentado pelo relacionamento de sua mãe com o pai dela. Sem esse relacionamento, ele nunca a teria notado. Encontrava dúzias de moças como ela em seu trabalho moças para as quais sorria, falava e depois as esquecia. Mas quando se tratara de problemas emocionais, escolhera alguém como Loren, uma mulher tão bonita e sofisticada quanto experiente, capaz de satisfazê-lo de todas as maneiras. Ela era imatura, como ele dissera, e sua recusa em aceitar o convite de Loren era uma prova disso.
Mordendo os lábios, levantou-se decididamente da cama. Ia provar que não era uma criança. Iria à festa de Loren e mostraria a Adam que podia ser adulta e interessante para outros homens, já que não o era para ele.
Quando entrou na sala de jantar de novo, encontrou Adam lendo o jornal da tarde, enquanto se servia de um pedaço do delicioso bolo de morangos da sra. Lacey; sentiu, com uma frustração crescente, que sua discussão não tivera efeitos visíveis sobre ele.
Ele olhou para cima, quando ela se aproximou da mesa, e disse:
— A sra. Lacey levou seu jantar. Pensou que não estivesse com fome.
Maria apertou os lábios.
— Não estou — retrucou altivamente, depois reuniu toda sua segurança e acrescentou: — Pode dizer à srta. Griffiths que ficarei encantada era aceitar o convite para sua festa.
Adam apertou os olhos.
— Você vai?
— Sim.
Ele levantou os ombros num gesto eloquente.
— Muito bem — respondeu friamente. — Eu mesmo a levarei. Esteja pronta às nove.
Maria esteve a ponto de dizer que preferia ir sozinha, mas percebeu que isso também pareceria infantil, o que era verdade.
— Está bem — disse, fazendo um gesto com a cabeça. — Obrigada.
Na sexta-feira à tarde Maria passou horas em seu quarto, arrumando-se. Estava decidida a mostrar sua melhor aparência e desejou que Geraldine estivesse por perto para aconselhá-la. No passado, a mãe de Adam interessara-se ativamente em ajudá-la a escolher as roupas, e, sem sua orientação, o pai de Maria teria considerado o tipo de roupas que ela usava inadequadas e extravagantes.
Na quinta-feira à tarde, após as aulas, Maria caminhara pelas lojas em Knightsbridge, procurando algo para vestir, e finalmente, numa butique, encontrara exatamente o que queria. Era um ves-tido longo, em estilo de caftan, com grandes mangas e gola alta; fundo azul estampado de dourado c verde. A simplicidade do modelo era compensada pela cor, que

combinava muito bem com sua pele ligeiramente escura e o cabelo castanho. Usou pouca maqui- lagem, iluminando apenas os olhos e os cílios, e passou nos lábios um batom incolor. Eram quase nove horas quando se aventurou a descer e encontrou a sra. Lacey no saguão. A empregada olhou-a com o cenho franzido e riu.
— Bem, bem — disse, apreciando o vestido —, está muito bonita.
Maria mordeu o lábio.
— Acha que estou bem? Não é brilhante demais ou algo parecido?
— Não, senhorita, pelo menos não adere como uma segunda
pele, como certos vestidos de noite.
Maria olhou as pregas suaves em torno das pernas e dos quadris.
— Acho que um vestido desses não me ficaria bem — murmurou.
— Talvez a srta. Griffiths... — Parou e deu de ombros, e a sra.
Lacey acenou com a cabeça, concordando.
— Oh, sem dúvida ela ofuscará a todas — disse resignadamente, e Maria teve de sorrir.
— A senhora não gosta dela, não é?
A sra. Lacey abriu a boca para responder, depois ambas perceberam que a porta da sala se abrira e Adam estava apoiado ao batente da porta, olhando-as. Maria nunca o vira de smoking, antes, e o escuro do traje acentuava o tom escuro de sua pele, o colarinho branco formando uma linha divisória. Estava perturba-doramente atraente, e a cor de Maria acentuou-se, ao sentir os olhos dele passarem por ela.
— Está pronta? — perguntou, com voz fria e sem expressão.
— Estou. Preciso levar um casaco?
— Acho que não. Está uma noite quente. Podemos ir?
Cumprimentou a sra. Lacey com um aceno da cabeça e adiantou-se para abrir a porta, deixando que Maria saísse primeiro. Embora fosse uma noite quente, Maria tremeu involuntariamente, perguntando-se o que havia com Adam que a reduzia a um trêmulo amontoado de nervos. Ele abriu o Rover e ajudou-a a entrar, dobrando a saia para que não ficasse presa na porta. Depois sentou-se ao seu lado e acendeu um charuto, antes de ligar o motor. Olhou para os lados e saiu habilmente do estacionamento, conduzindo com facilidade o carro até a avenida principal.
Maria concentrou-se na estrada, considerando, com uma sensação desagradável, se fizera bem em aceitar o convite. Uma coisa era pensar na idéia na segurança de seu quarto, outra bem diferente era realizá-la. Porém agora já se comprometera e o melhor era aproveitar o máximo.
Adam brecou de repente, quando um Mini entrou perigosamente à sua frente, e Maria segurou-se ao banco para não ser atirada para a frente. Adam soltou uma exclamação não muito gentil, depois lançou-lhe um olhar, como se o incidente imprevisto com o outro carro o tivesse feito lembrar-se da presença dela.
— Diga-me — disse, com sarcasmo proposital —, fala a meu respeito com a sra. Lacey também?
Maria virou a cabeça de repente. Estivera tão absorta era seus pensamentos que a cena passada no saguão saíra-lhe completa-mente da cabeça. Mas não ia dar-lhe a satisfação de desconcertá-la mais uma vez; com relutância estudada, retrucou:
— Às vezes.
Sua resposta naturalmente o surpreendeu, pois lançou-lhe um olhar rápido de apreço antes de dizer:
— Sem dúvida, terá muito que dizer depois desta noite. Maria não respondeu. Sabia que ele só estava tentando ator-
mentá-la e não queria dar-lhe o prazer de vê-la aborrecida. Voltou a concentrar a atenção no cenário que se desenrolava do lado de fora, achando o panorama constantemente

mutável mais do que satisfatório. Havia algo cativante em Londres, à noitinha, as ruas repletas de turistas de todas as nacionalidades. Desejou conhecer bem a cidade para poder passear em segurança e sorriu para si mesma, ao lembrar os primeiros dias que passara na Inglaterra e o encontro com a desconhecida no parque. Adam percebeu seu divertimento e disse:
— Algo engraçado? — E ela suspirou, relaxando um pouco.
— Estava pensando naquela mulher que falou comigo no parque — disse.
— Pensando nisso agora, parece que aconteceu há muito tempo.
— Sim, você foi bastante maluca — observou Adam com ar de troça. — Espero que não vá ter dificuldades sociais hoje à noite. Tem a especialidade de fazer amizade com as pessoas erradas!
Maria sentiu-se furiosa.
— Como ousa dizer tal coisa? — exclamou zangada. — Só porque falei com uma mulher que parecia inofensiva, você age como se
- eu tivesse o costume de me meter em situações complicadas!
— E não tem? — perguntou Adam secamente.
— Recuso-me a discutir com você. Não sei o que há com você. Convidou-me a acompanhá-lo a esta festa. Se soubesse que ia comportar-se assim, teria chamado um táxi. O seu não é o único transporte de Londres, sabe? Talvez, se eu tivesse falado com a srta. Griffiths, ela teria dito que eu podia convidar David ou Larry, e poderia ter ido com eles. Pelo menos não ficam brigando o tempo todo!
Da maneira como seus dedos apertaram o volante, Maria sentiu que o atingira, e esse pensamento deu-lhe certa satisfação. Se não queria que ela viesse, por que insistira tanto quando lhe entregara o convite? Ela estava certa de que ele poderia persuadir Loren a não mandar o convite. Adam estava deliberadamente destruindo sua pouca segurança, e ela desejou que houvesse um meio de feri-lo assim como ele a estava ferindo.
A pequena praça onde ficava a casa de Loren já estava cheia de automóveis, quando chegaram, e Maria se sentiu inquieta. Se, por um lado, ficou aliviada, ao ver que havia uma multidão de convidados no meio dos quais poderia passar despercebida, por outro sentiu apreensão por ter de entrar na casa de Loren e encontrar tantas pessoas estranhas, e, provavelmente, sozinha. Tinha certeza de que Loren faria com que ela e Adam ficassem separados. O próprio Adam dissera que gostava do seu relacionamento com Loren, e, sem dúvida, preferiria qualquer companhia à de Maria. Adam conseguiu estacionar o carro numa pequena cavalariça e os dois caminharam juntos pela praça até a casa de Loren, que res-plandecia de luzes mesmo sendo cedo e estando ainda claro do lado de fora. Os fracos acordes da música provinham do andar superior e Maria imaginou se haveria dança também. Esperava que não. A parte alguns poucos ritmos modernos, não conhecia danças de salão.
Adam olhou para ela enquanto atravessavam a praça e disse:
— Onde comprou esse vestido? Maria olhou para baixo, embaraçada.
— Numa butique em Knightsbridge — retrucou, já na defensiva.
— Gosto dele — disse Adam decididamente. — Fica muito bem em você.
Seu comentário foi tão inesperado que Maria lhe lançou um olhar surpreso e encontrou seu olhar.
— Fico feliz por ver que alguma coisa lhe agrada — murmurou suavemente; subitamente ele sorriu, mostrando os dentes muito alvos à luz fraca.
— Você me agrada quando evita fazer comentários desnecessários sobre coisas que não entende — disse ele, pegando o cotovelo dela, os dedos apertando a pele macia do braço.
O toque de sua mão provocou um arrepio de prazer na espinha de Maria e ela se perguntou o que ele faria se lhe pedisse para não abandoná-la assim que entrassem na casa de Loren. Com ele, podia quase acreditar que se divertiria; no entanto, se ele ficasse com Loren...

Quando entraram na casa, ele tirou a mão e uma criada uniformizada levou Maria ao toalete das senhoras. Maria não desejava especialmente ir ao toalete, mas não teve escolha, pois Adam se virou para falar com alguém que conhecia e só lhe restou seguir a criada. O saguão estava cheio de hóspedes que tiravam os casacos e conversavam, e, se Adam estava à vontade, com certeza ela não sentia o mesmo.
O toalete não era melhor; depois de olhar-se num dos muitos espelhos que ornavam as paredes, decidiu que não queria checar mais perto. Observou as jóias de algumas mulheres e o modo como seus vestidos brilhavam quando se moviam, e olhou com certa dúvida para o seu próprio vestido. Seu cabelo também, sedoso e liso, descia-lhe solto até os ombros, enquanto a maioria daquelas mulheres usava elaborados penteados, cheios de efeito. Lançaram-lhe diversos olhares, mas ninguém falou com ela; depois de um instante, abriu a porta e foi novamente para o saguão.
Por um momento não conseguiu ver Adam e seu coração quase parou de bater. Mas lá estava ele, ainda falando com o homem perto da porta, e pareceu-lhe maravilhosamente querido e familiar. Abriu caminho até ele, pegando sua mão para chamar-lhe a atenção, e ficou surpresa quando ele fechou os dedos sobre os dela, puxando-a para perto de si. Olhou-a preguiçosamente e lhe perguntou:
— Onde estava? — num tom quente e íntimo. Maria esboçou um leve sorriso.
— No toalete — respondeu. — A empregada praticamente obrigou-me a ir até lá. O que fazemos agora?
Adam olhou para o homem com o qual estava e disse:
— Esta é minha meia-irmã, Louis. Maria, este é Louis Mark-ham, um dos mais conhecidos colunistas de Fleet Street.
Maria sorriu e deixou que Louis Markham apertasse sua mão; depois, com consentimento mútuo, todos se moveram em direção à escadaria.
Maria olhou ao redor com interesse indisfarçável. Era a primeira oportunidade que tinha de olhar o lugar onde estava e notou as paredes recobertas com tapeçarias e a delicadeza do lustre que iluminava o caminho para cima. Um tapete azul muito macio absorvia o som dos passos e o branco balaústre de ferro batido era delicadamente enfeitado com motivos de folhas. No alto da escada, a plataforma fora ampliada e batentes em forma de arcos conduziam para uma grande sala que, outrora, fora dividida em pequenas salas. Aqui o tapete mudava dramaticamente para vermelho-es-curo e os sofás e poltronas baixos que aí se encontravam era todos feitos de couro macio. A sala estava cheia de pessoas, todas movimentando-se e conversando, e tomando drinques servidos por uma dúzia de garçons que passavam por entre elas. Havia um aroma de perfume, tabaco e álcool, ao mesmo tempo que um gostoso cheiro de comida saborosa invadia todos os ambientes. Era ligeiramente estonteante, para alguém que jamais participara de tal função, e Maria hesitou na soleira da porta, nervosa.
— Venha cumprimentar sua anfitriã — murmurou Adam em seu ouvido, e Maria respirou profundamente. A qualquer momento Adam ia transformar-se no homem irônico, às vezes sarcástico, que a atormentava tão impiedosamente; por enquanto, porém, a estava tratando de igual para igual, o que constituía uma experiência doce-amarga.
Deixaram Louis Markham e encaminharam-se através da multidão, até o lugar em que diversas pessoas circundavam a mulher que estava reclinada num sofá baixo e sorria. O barulho da conversação fez Maria ficar um pouco tonta, enquanto acompanhava Adam, e uma leve camada de suor cobriu-lhe a testa.
Loren viu Adam assim que ele se aproximou de seu devoto círculo de amigos; ergueu-se do sofá, perturbando os dois homens que estavam falando e rindo ao seu lado, e caminhou até o lado de Adam.
— Querido! — exclamou. — Pensei que tivesse dito que viria cedo. São quase nove e meia.

Adam sorriu levemente enquanto as unhas laqueadas de Loren alisavam possessivamente a manga de seu paletó.
— E não é cedo? contrariou-a brandamente. — Sempre pensei que as pessoas de teatro preferiam a vida noturna.
Loren riu, mostrando os dentes pequenos e perfeitos.
— Oh, nós preferimos, sim, querido, mas agora tenho de estar no estúdio todas as manhãs, às sete, e os momentos que passamos juntos são cada vez mais curtos. — Fez uma careta graciosa e Maria forçou-se a olhar para outra coisa que não fossem aquelas mãos tão ciumentamente grudadas em Adam.
Como se se lembrasse da presença dela, Adam voltou-se e pegou-a pelo pulso, puxando-a, embora ela resistisse.
— Você não esqueceu sua outra hóspede, não é, Loren? — perguntou suavemente. — Não acha que está muito atraente hoje?
Maria poderia tê-lo esbofeteado, de tanto que detestou seu tom paternal, e seu rosto ardeu de raiva. Era como se, ao estar na presença de Loren, ele se transformasse no homem quase insensível ao qual ela já estava se habituando.
A própria Loren examinou Maria com aprovação, enquanto esta chegava à conclusão de que Loren realmente ofuscava qualquer outra mulher presente. Parecia incrivelmente bonita, num vestido preto de cetim que modelava o contorno jovem de seu corpo miúdo; penteara o cabelo em estilo grego, deixando dois cachos longos caírem sobre os ombros como anéis de ouro puro.
Voltou-se para Maria com condescendência, dizendo:
— Que pena que não haja pessoas jovens aqui para você poder conversar, Maria. Acho que considero os jovens muito aborrecidos! — Seu sorriso leve dispersava qualquer malícia que pudesse haver nesse comentário, e Maria preferiu não ofender-se.
— Tenho certeza de que me divertirei assim mesmo, srta. Griffiths — respondeu polidamente. — Estava admirando sua casa. Não pensei que fosse tão grande.
Loren pareceu complacente.
— Sim, é muito agradável, não é? — Sorriu novamente. — Uma firma de decoração de interiores a preparou há alguns meses.
Maria mordeu o lábio. A conversa terminara e tinha certeza de que Adam estava observando e escutando com divertimento evidente, o que a aborrecia ainda mais. Agora Loren parecia co-meçar a ficar aborrecida o voltou-se para Adam, buscando seus olhos numa íntima troca de olhares.
— Eu lhe disse, Adam — murmurou roucamente Loren, batendo no queixo dele com o dedo, o que fez Maria ficar muito embaraçada . —, eu lhe disse que Maria iria sentir-se... bem, fora de seu am-biente, aqui.
Maria virou a cabeça rapidamente e seu olhar encontrou o de Adam. Então fora ele quem quisera convidá-la! Ela devia saber que Loren Griffiths nunca concordaria em convidá-la sem ser le-vada a isso. Sentindo enjôo pela mortificação, afastou-se, caminhando por entre os grupos de pessoas que conversavam, até a relativa solidão dos arcos da entrada.
Todas as pessoas pareciam estar com alguém, os garçons que a empurravam com as bandejas olhavam-na com curiosidade, sentindo que não era uma das hóspedes habituais de Loren. Maria lutou para manter a compostura. Desejava virar-se, correr pela escada até a entrada principal e fugir, mas fazer isso seria admitir sua própria imaturidade; em vez disso, ficou onde estava. rezando para ver-se livre de tudo.
— Boa noite, Maria. É Maria, não é?
Maria levantou a cabeça relutantemente e um leve rubor in- vadiu seu rosto pálido.
— Ora... ora, sr. Hallam! — exclamou. Era o pai de David. Victor Hallam olhou-a bondosamente.

— Não diga — disse sorrindo. — Deve estar se perguntando que diabo estou fazendo aqui, no meio de todas essas pessoas talentosa
Maria relaxou um pouco.
— Bem, estou surpresa — confessou. Victor assentiu.
— Isso é bastante natural. Não participo deste tipo de função normalmente, mas sou o advogado de Loren e, de vez em quando, sinto-me obrigado a aceitar seus convites.
— Ah, sei. — Maria ergueu levemente os cantos da boca. — Pensei que talvez tivesse um interesse oculto pela literatura ou algo parecido.
— Oh, não. — Victor sacudiu a cabeça. — Não sou dotado artisticamente. O que é uma confissão terrível, sendo o advogado de Loren. Nunca me agradou misturar trabalho e prazer. Mas diga-me, o que está fazendo aqui? Adam trouxe você?
Maria enrijeceu-se livremente.
— Sim... sim, ele me trouxe. Eu estava com ele até há pouco. Victor olhou em volta.
— E agora ele foi agarrado por Loren. Gostaria de saber quando ela vai parar de representar e decidir casar-se com ele. Ela gosta bastante dele, surpreende-me que não perceba o risco que está correndo em esperar tanto tempo.
Maria engoliu em seco.
— Acha que vai ser logo?
Victor encolheu os ombros, servindo-se de dois coquetéis de champanhe de um bandeja que passava, entregando um deles a Maria.
— Quem pode dizer? Se ela pudesse convencê-lo a deixar seu trabalho em Islington e entrar como sócio numa dessas elegantes clínicas da Zona Oeste, poderia ser na próxima semana. No entanto, não consigo ver Adam abandonando seus ideais assim.
Maria tomou seu coquetel enquanto refletia.
— Conhece Adam há muito tempo, não é?
— Sim, conhecíamos a família quando o pai de Adam estava vivo. Adam sempre quis ser médico. Mesmo quando criança. Formou-se em medicina e cirurgia em Cambridge e todos esperávamos que se tornasse um cirurgião. Tinha o temperamento, sabe? Mas depois esse amigo seu morreu de leucemia; depois disso, decidiu que queria ser clínico geral.
— Sei — disse Maria com interesse. — Gostaria de saber o que o levou a tomar essa decisão.
Victor franziu a testa.
— Acho que percebeu claramente que nem todas as doenças podem ser curadas pela cirurgia. E quanto melhor o clínico geral, melhor o serviço que pode prestar aos pacientes. De qualquer forma, Adam é um idealista, como disse, e faz tudo o que pode para ajudar os menos privilegiados.
Maria assentiu, passando o dedo pela beirada do copo.
— Mas ele tem pacientes particulares, não tem?
— Oh, sim, tem alguns. Incluindo minha própria família. No entanto constituem uma pequena parte de seu trabalho. — Victor olhou-a sorridente. — Tem de ser. Ele não tem muito tempo para gastar.
Maria terminou a bebida e Victor ofereceu-lhe outra. Aceitou-a com relutância, ciente de que a bebida inebriante era mais forte do que qualquer outra a que estivesse acostumada. Contudo, sentia-se melhor com um copo na mão, embora tivesse recusado o cigarro que Victor lhe oferecera.
— David disse-me que vai fazer um curso de secretariado — observou Victor repentinamente. — Seu bom exemplo parece ter influenciado favoravelmente meu filho. Já sugeriu que vai começar a trabalhar um mês antes do que pretendia.
Maria riu suavemente.
— Não está falando sério.

— Ora, estou sim. David era como o resto do grupo com quem anda, preguiçoso e indolente; você o modificou.
Maria hesitou, depois perguntou:
— Imagino que o senhor conheça os Hadley também, os pais de Larry.
A expressão de Victor tornou-se sombria.
— Sim, conheço os Hadley. Conheço também Larry. Por quê? Ele também esteve tentando atrair sua atenção?
Maria enrubesceu.
— Bem, na verdade saí com ele algumas vezes. Mas Adam parece não gostar muito dele,
— E com bons motivos! — exclamou seu companheiro em voz alta. Maria fitou-o, absorta no que ele dizia.
— Por quê?
Victor sacudiu a cabeça.
— Não tem nada a ver comigo — retrucou severamente. Depois notou a expressão perturbada da moça e suspirou. — Talvez você deva saber, já que, ele está interessado em você. — Engoliu quase metade do coquetel de champanhe e olhou apreensivo para o copo. — Havia uma moça... você conhece o tipo de situação, não preciso entrar em detalhes, e Larry pediu ajuda a Adam. Naturalmente, não ousava aproximar-se do pai, mas Adam era jovem... — Encolheu os ombros. — E foi isso. Adam, naturalmente, não aceitou, e ouvi dizer que a moça teve o bebê: depois os Hadley conseguiram que fosse adotado.
O rosto de Maria estava rubro.
— Sei — disse, vacilando. — Não tinha idéia...
— E como poderia? Os Hadley são gente decente e não poderíamos afastar Larry completamente pelo que tinha feito. Aos poucos insinuou-se novamente no grupo, mas todas as moças sabem o que aconteceu e procedem com cautela.
Maria concordou, relembrando com clareza a maneira como brigara com Adam por ele ter criticado seu relacionamento com Larry. Ele apenas pensara nela, afinal, e agora ela se sentia envergonhada, e com razão.
Olhou através da sala de repente, procurando-o, perguntando-se se ele esquecera sua presença. Victor acendeu outro cigarro e Maria lhe pediu:
— Sua esposa não veio. sr. Hallam? Victor sacudiu a cabeça.
— Não. Está com dor de cabeça, ou pelo menos essa *é* a desculpa que deu. Não morre de amores pela namorada de Adam. Quase nenhuma mulher gosta dela. Loren costuma ofuscá-las a todas, fisicamente pelo menos.
— Eu sei. — Maria estava pensativa. Victor olhou-a interrogativamente.
— Você não a inveja, não é.
— Não exatamente. Mas ela *é* bonita, não é?
— Claro que *é*. Mas nem todas as coisas bonitas têm calor e profundidade. Não pensei que você tivesse com que se preocupar, minha jovem. Sua juventude e sua pele maravilhosamente lisa valem mais do que qualquer beleza artificiai. Daqui a dez anos, Loren começará a demonstrar a idade que tem, e então, cuidado.
Maria riu e Victor bateu-lhe no ombro com ar de conspiração. Depois ela percebeu que alguém mais se aproximava deles, com o rosto sombrio e chateado. Era Adam, e imediatamente o sorriso de Maria desapareceu. No entanto, Victor não demonstrou tais inibições, virando-se para o homem que os alcançara, disse:
— Devo agradecer-lhe. Adam. É a primeira vez que me divirto numa destas festas, e tudo graças a Maria.
Adam ergueu as sobrancelhas com indiferença.
— Obrigado por tomar conta dela, Victor — disse. — Estava tentando encontrá-la há algum tempo.

Maria terminou o champanhe e Victor tirou o copo de sua mão, colocando-o sobre uma mesinha.
— Tivemos uma boa conversa confidencial — observou ele brandamente. — Enquanto isso, tomamos um pouco do excelente champanhe de Loren. Por falar nisso, onde está ela? Pensei que estivesse com você.
A expressão de Adam era enigmática.
— Acho que está lá em cima. Alguém estava lhe pedindo que cantasse, mas duvido que consiga. — Olhou deliberadamente para Maria. — Fico satisfeito por você conseguir cuidar-se tão bem.
— O sr. Hallam estava tomando conta de mim — retrucou Maria friamente, mais friamente do que realmente queria. — Não deixe que eu o afaste de sua noiva. — O modo como disse isto foi tão desafiador que o próprio Victor ergueu as sobrancelhas significativamente.
— Penso que Maria acha a atmosfera um tanto opressiva, assim como eu — disse lentamente, — Se quiser voltar para sua anfitriã ficaremos muito bem. Se quiser, posso levar Maria para casa. Adam parecia estar querendo controlar-se.
— Obrigado, mas eu levarei Maria para casa quando for necessário — retrucou, num tom que não admitia réplica. — Agora, se der licença a Maria, eu a levarei para cear.
Maria lançou a Victor um olhar de desespero. A última coisa que desejava era separar-se da única pessoa com a qual podia conversar, no meio de toda aquela gente; a qualquer momento Loren apareceria novamente e exigiria a atenção de Adam, fazendo com que Maria se sentisse perdida de novo.
— Se não se incomoda, prefiro ir cear com o sr. Hallam, Adam — disse ela rapidamente. — Tenho certeza de que a srta. Griffiths não ficará ocupada por muito tempo e logo irá procurá-lo. Estou bem e não precisa preocupar-se comigo.
Adam olhou-a furiosamente, seus olhos faiscavam de raiva contida.
— Maria—começou, com voz de comando, então Victor adiantou-se.
— Na verdade, Adam. Maria estará bem. Estamos ambos no mesmo barco, pois nenhum de nós tem um parceiro. Ficarei feliz por tomar conta dela, assim você poderá sentir-se livre para aten-der a seus outros compromissos.
Houve um instante carregado de silêncio, durante o qual Maria teve certeza de que Adam ia fazer um comentário mordaz, depois, controlando-se, Adam disse:
— Está bem, Victor. Aceito sua oferta. — Olhou gelidamente para Maria. — No entanto, eu mesmo levarei Maria para casa, está claro?
— Se você insiste... — Victor sorriu e concordou. — Não ter idéia de como me sinto aliviado. Não precisarei conversar com alguma mulher sem espírito, cujos únicos atributos são suas es-tatísticas vitais.
No entanto Adam não sorriu e afastou-se, acenando levemente para Maria; alguns minutos depois, ela viu Loren enroscar-se nele. Abaixando a cabeça, tentou concentrar-se no que Victor estavas dizendo, embora isso fosse impossível, pois a visão daqueles dois juntos provocava-lhe dor de estômago. Desejou ter permitido que Adam a levasse para cear. Parecera-lhe que ele queria levá-la, e talvez tivesse sido rude, tratando-o tão friamente; contudo, sabia também que qualquer tentativa de analisar seus sentimentos com relação a ele levaria à conclusão de que, quanto mais tempo ficasse na Inglaterra, morando na casa de Adam, tanto mais ficaria emocionalmente envolvida com ele...

CAPITULO IX

Eram quase onze horas quando Adam foi procurar Maria para irem embora. A essa altura ela já estava se sentindo bastante tonta, não *só* pelo calor e falta de ar, mas também pela inusitada quantidade de champanhe que bebera. A ceia fora servida antes e, embora houvesse uma grande variedade de comidas deliciosas para escolher, Maria não sentira fome. Após a ceia, haviam sido entretidos por um grupo de músicos espanhóis acompanhados por um dançarino, cujo sapateado hipnotizara os presentes. Houve mais vinho e mais conversa; Maria e Victor Hallam juntaram-se a Louis Markham e sua acompanhante, uma bela jovem com cabelos loiros ondulados: depois solicitaram que Loren cantasse. Embora tivesse protestado sorrindo, acabara concordando e, mesmo que sua voz não fosse espetacular, era bastante agradável de ser ouvida. Cantou uma cantiga de amor cigana, acompanhada por dois guitarristas do grupo de músicos que se apresentara antes. Sua apresentação foi muito aplaudida, e Maria concluiu que o público era constituído de ardorosos admiradores de qualquer coisa que ela fizesse.

Depois disso, houve dança ao som de uma vitrola, e Victor não sugeriu que dançassem, o que deixou Maria aliviada. Estava contente em ver que a noite passava rapidamente e, embora ainda quisesse ir embora, pelo menos não estava atrapalhando Adam.

Quando Adam veio procurá-la, estava sentada num sofá a um canto, escutando distraída a discussão entre Victor e Louis a respeito dos benefícios de um tipo diferente de processo. Ambos os homens se levantaram quando Adam chegou perto e Victor espreguiçou-se.

— Veio privar-me de minha companheira? — perguntou em tom de reprovação. — Ainda *é* cedo.

Adam franziu as sobrancelhas escuras.

— Tarde suficiente — comentou secamente e olhou para Maria. — Está pronta para ir?

Maria levantou-se também, um pouco tonta por causa da atmosfera pesada e Adam agarrou seu pulso.

— Sim, estou pronta — disse roucamente. — Onde está a srta. Griffiths? Gostaria de agradecer-lhe peia festa maravilhosa.

Os olhos do Adam ficaram mais escuros.

— Não será necessário. Maria — disse rudemente. — Boa noite, Victor, **Louis.**

Maria sorriu para os dois homens e, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Adam começou a andar, ainda segurando-a pelo pulso, e ela foi obrigada a acompanhá-lo. Provocaram diversos olhares ao passarem pelos outros hóspedes devido à expressão de Adam; Maria perguntou-se com histeria; nervosa por que ele estava se comportando dessa maneira desagradável. Não queria ir embora tão cedo? Desejava ter permitido que Victor a levasse para casa?

No andar de baixo, um mordomo imaculadamente trajado abriu-lhes a porta, desejando-lhes polidamente "Boa noite, senhor, senhora!", mas Adam mal lhe respondeu, apenas acenou e empurrou Maria para fora da porta.

Fora, o ar da noite estava frio e agradável, mas foi demais para Maria, e ela se agarrou fracamente no corrimão de ferro que levava à rua, sentindo-se tonta. Adam parou e virou-se para olhá-la com os olhos muito escuros à fraca luz da rua.

— Pelo amor de Deus, Maria — disse zangado —, quanto você bebeu esta noite?

Maria sentiu-se levemente enjoada e pôs uma das mãos na testa tímida, tentando manter o equilíbrio.

— Oh, não, Adam, por favor — sussurrou trêmula. — Só estou me sentindo um pouco estranha, mais nada.
Adam apertou os lábios silenciosamente e, segurando-a pelo braço, conduziu-a pelos degraus. Com a ajuda dele, atravessaram a ampla praça, entraram na cavalariça onde o carro estava estacionado. Estava muito escuro e ela quase caiu, mas Adam estava bem firme e já abria a porta do carro para ajudá-la a entrar com toda a gentileza que normalmente reservava para os pacientes. Depois deu a volta e entrou, ligando o motor, sem falar.
Saíram da cavalariça e da praça, e, enquanto se dirigiam a Kensington, Maria sentiu-se obrigada a dizer alguma coisa. Olhan- do nervosamente para ele, disse:
— Está zangado comigo, Adam?
Adam olhou-a enquanto apertava com força o volante.
— Por que pensa isso? — perguntou, com certo sarcasmo. — Pelo amor de Deus, Maria, o que pensa que sou?
Maria apertou convulsivamente a bolsa.
— Não sei o que está querendo dizer — respondeu, pouco à vontade. Adam não conseguiu engatar a marcha e praguejou baixinho.
— Deveria saber o que estou querendo dizer — disse em tom forçado. — Jamais alguém lhe falou a respeito dos efeitos do álcool?
Maria suspirou.
— Claro que sim. Não estou bêbada, se é isso que quis dizer. Adam soltou uma exclamação de desdém.
— Então está fingindo estar bêbada muito bem — vociferou. — Há mais maneiras de intoxicar-se do que as que pode imaginar. Só porque é capaz de articular as palavras coerentemente não significa que esteja livre de outros efeitos.
A rosto de Maria estava ardendo.
— Você adora humilhar-me, não é? Adam fitou-a com impaciência.
— Se isso fosse verdade, teria deixado você ficar mais algumas horas na festa até não conseguir mais alcançar a porta sem ajuda.
— Não é verdade! — Maria estava escandalizada e durante o resto do percurso ficou calada, odiando-o por sua crueldade. Chegaram a Virgínia Grove e Adam conduziu o carro até a entrada silenciosamente, parando na posição habitual. Maria atrapalhou-se com o trinco da porta e saiu; mais uma vez o ar noturno foi demais para ela e teve do lutar para conseguir chegar à porta da frente sem outros desastres.
Adam seguiu-a, alcançando-a para pôr a chave na fechadura e abriu a porta para que ela entrasse no saguão. A casa estava às escuras, e Maria pensou que a sra. Lacey devia estar deitada. Afinal, já era tarde e a empregada não tinha idéia da hora que eles voltariam.
Dirigiu-se para a escada, mas a voz de Adam a deteve.
— Não acha que seria melhor tomar um pouco de café? Poderá acordar com uma forte dor de cabeça amanhã.
Maria virou-se, segurando-se no corrimão.
— Obrigada, estou muito bem.
Adam encolheu os ombros com indiferença.
— Como quiser — disse.
Maria hesitou. Teria apreciado o café, mas nesse momento não poderia suportar mais o sarcasmo de Adam e continuou o subir a escada. Ouviu a porta da cozinha fechar-se atrás dele e desejou descer para ficar com Adam, não importava o que ele dissesse. Tinha pouco orgulho no que se referia a ele, acabara de descobrir isso e só o amor próprio evitava que bancasse completamente a tola. Seriam assim todas as mulheres, destinadas a amar os ho- mens mesmo quando eles as desprezavam e humilhavam? *Amar* os homens... Maria apertou a

boca com a mão e entrou no quarto. O quarto girou quando se abaixou para acender o abajur, e esperou que tudo voltasse ao normal, antes de tentar despir-se. Talvez tivesse sido melhor tomar o café. Pelo menos teria tido o efeito de acalmar . seu organismo, que parecia bastante desequilibrado nesse momento. Abriu o zíper do vestido e tirou-o pelos pés, depois jogou-o des-cuidadamente sobre a cama. Foi até a penteadeira e, pegando a escova, começou a escovar o cabelo. A tarefa era calmante, e logo depois sentiu-se melhor. No entanto, quando recolocou a escova no lugar, uma grande mariposa voou em sua direção, saindo do lugar ao lado do perfume; surpresa, Maria levantou-se para fugir da mariposa. Seu gesto repentino fez o banquinho da penteadeira cair, o que provocou uma pancada que ecoou pela casa silenciosa. A mariposa voou em direção as janelas; com dedos trémulos Maria abriu a vidraça para que pudesse escapar. Então fechou novamente a janela e apoiou-se nela debilmente, os olhos fechados.

Repentinamente a porta abriu-se e Adam parou à soleira, olhando-a com ansiedade.

— Maria! — exclamou, enquanto reparava no banquinho caído no chão. — Maria, você está bem?

Maria afastou-se da janela ainda vacilante e anuiu.

— Sim, estou bem.

Adam entrou no quarto, endireitando o banco.

— Caiu sobre isto? — perguntou.

Maria percebeu como estava pouco vestida e pós uma das mãos na garganta, para proteger-se.

— Não, claro que não — negou defendendo-se. — Havia uma mariposa. Ela me assustou, só isso.

Adam olhou-a com ar de dúvida e, de repente, ela o enfrentou; antes sentira-se fraca e agora o confronto inesperado despertou seu mecanismo de defesa.

— Não acredita em mim? Pensou que tivesse morrido por coma alcoólico ou algo parecido?

Adam aproximou-se dela, pegando-a pelos ombros e olhando-a com fúria.

— Fique quieta! — vociferou. — Quer acordar a sra. Lacey? Maria apertou os lábios com rebeldia.

— Isso não ficaria bem, não é? — provocou-o. Adam apertou-a com força.

— Talvez a surpreenda saber que estava preocupado com você — disse selvagemente. — Temi que se tivesse machucado.

Maria respirou com dificuldade.

— E o que teria feito se eu me machucasse mesmo? — perguntou roucamente. — Ia cuidar de mim com aquele maravilhoso comportamento de médico que reserva para seus pacientes?

— Maria, estou prevenindo você. — Adam movia incessantemente os dedos sobre sua pele.

— Está brincando com fogo!

Maria ficou com as pernas moles,

— Estou? — murmurou suavemente, percebendo de repente que o modo como Adam a estava olhando era diferente de como sempre a olhara. — Como?

— Não sabe? — perguntou ele roucamente. Depois, com um gemido, acariciou-lhe os ombros macios e as costas, apertando seu corpo contra o dela. Maria abriu os lábios involuntariamente e os olhos dele escureceram quando aproximou a boca dos lábios dela. Houve um momento em que ele poderia ter recuado, mas a reação dela foi tal que quase sem querer, endureceu a boca, e o beijo que começara timidamente tornou-se intenso e apaixonado. Maria segurou-o pelo pescoço, acariciando-lhe os cabelos e apertando mais contra ele, o que o fez protestar, auto-recriminando-se.

— Maria, isto é loucura — murmurou em tom abafado, acariciando-a quando poderia tê-la afastado, mas Maria segurou-lhe o queixo com as mãos, colando novamente a boca a dele; o calor de sua pele destruiu-lhe a vontade de deixá-la. — Meu Deus — gemeu ele roucamente.

— Quero você! — Procurou com a boca a suavidade da garganta e dos ombros de Maria. — Não me deixe fazer isto! — Circundou-lhe a garganta com uma das mãos. — Você é tão, tão intocada!
Quase ao mesmo tempo ambos perceberam que alguém os estava observando, alguém que estava apoiado no batente da porta do quarto de Maria, uma das mãos na garganta e uma expressão atônita no rosto.
Imediatamente Adam afastou Maria e sua expressão refletiu
sua surpresa.
— Mamãe! — exclamou, ainda incrédulo.
— Geraldine!— A exclamação abafada de Maria foi quase inau-dível quando fitou a mãe de Adam.
Geraldine Sheridan olhou-os longamente, depois disse:
— Maria, minha filha, é muito tarde e deve estar cansada. Vá para a cama. Podemos conversar de manhã.
Pousou os olhos sobre o filho, que estava passando a mão pelo cabelo revolto, tentando arrumá-lo. Enquanto ela o observava, ele afrouxou o nó da gravata e desabotoou o paletó do *smoking.*
— Adam — disse ela friamente —, quer vir ao meu quarto? Precisamos conversar.
Adam respirou profundamente.
— Qualquer coisa que tenha para dizer, mamãe, deverá ser dita aqui e agora. Não sou um garotinho nem tenho o hábito de entrar no quarto de Maria. O que viu foi o resultado das circunstâncias e da champanhe em demasia por parte de Maria! — Flexionou os músculos dos ombros, cansado. — Por que não me avisou que viria ou seus motivos eram semelhantes aos de Maria quando ela chegou tão repentinamente?
— Adam! — A voz de Geraldine soou fria. — Quero falar com você.
— Bem, mamãe, agora não estou com vontade de falar — murmurou Adam enfaticamente. Olhou para Maria com expressão velada.
Geraldine arrumou as dobras do chambre.
— Vamos pelo menos deixar que Maria vá para a cama — sugeriu e saiu majestosamente do quarto.
Adam hesitou por um instante e olhou para Maria.
— Você está bem? — perguntou suavemente e o rosto dela ficou rosado.
— E você está? — retrucou roucamente; Adam deixou o olhar demorar-se sobre sua boca de modo que ela sentiu como se ele a tivesse tocado.
— Não — respondeu ele tenso. — Nunca deveria ter começado algo tão desastroso. — Caminhou até a porta, depois olhou novamente para Maria. — Devo pedir desculpas?
Maria virou o rosto.
— Não, oh, não! — exclamou, tremendo e ouviu-o fechar a porta silenciosamente.
De manhã, Maria sentia-se horrível. A parte o fato de ter dormido mal, a cabeça doía-lhe muito, como dissera Adam. Além disso, temia encarar Geraldine e as inevitáveis perguntas que se seguiriam.
Foi só depois das dez que conseguiu levantar-se e descer; Adam saíra para a cirurgia há algumas horas. Vestiu um jeans e um suéter canelado, sentia-se deprimida, apreensiva e incapaz de enfrentar o dia que tinha diante de si.
Encontrou a madrasta na sala, lendo o jornal da manhã; ergueu os olhos e sorriu quando Maria entrou.
— Oh, levantou-se finalmente — disse ela. — Vou dizer à sra. Lacey que vamos tomar café. Quer comer alguma coisa?
Maria encolheu os ombros.
— Não, obrigada, mas posso ir falar com a sra. Lacey.

— Você não parece capaz de fazer coisa alguma — respondeu Geraldine secamente, e Maria recostou-se no sofá enquanto a madrasta desaparecia em direção à cozinha.
Voltou alguns minutos depois, carregando uma bandeja e colocou-a sobre uma mesa baixa a seu lado.
— Agora — disse. — Creme e açúcar?
— Só açúcar, por favor — respondeu Maria, pegando a xícara que lhe era oferecida e agradeceu. O líquido quente fortaleceu-a; tomou duas aspirinas que trouxera do quarto.
Geraldine serviu-se de café, adicionou creme e açúcar, depois recostou-se confortavelmente na cadeira.
— Agora — disse em tom complacente —, podemos conversar
um pouco.
Maria tomou o café aos goles e sorriu, tentando parecer natural.
— O que a fez decidir surpreender-nos assim? — perguntou. Geraldine franziu a testa.
— Bem — disse ela —, você não tem sido uma correspondente prolífica desde que saiu de casa, e, para falar francamente, seu pai ficou preocupado com você. Então decidi vir passar alguns dias e ver pessoalmente como você e Adam estavam se portando.
— Sei. — Maria mordeu o lábio. — Sinto muito pelas cartas. Como sabe, detesto escrever.
Geraldine suspirou.
— É o que parece. De qualquer forma, agora estou aqui, então pode dizer-me pessoalmente o que está acontecendo. Começou o curso? Ou ainda está procurando?
— Oh, não, comecei o curso há mais de duas semanas. — Maria hesitou. — Estou gostando muito do curso e da Inglaterra — acabou por dizer com voz sumida.
Geraldine anuiu.
— Ótimo. Achei que gostaria. Em todo caso, têm sido como férias para você. — Franziu o cenho. — Claro, é uma pena que tenha começado o curso, mas não se incomode, deve haver algo parecido mais perto de casa.
Maria franziu o sobrolho.
— Desculpe-me, Geraldine, mas sobre o que está falando? Geraldine pôs a xícara sobre a mesa cuidadosamente.
— Ora, Maria, não vamos fazer rodeios a esse respeito. Sabe sobre o que estou falando tão bem quanto eu.
Maria pareceu preocupada.
— Mas eu não sei.
— Claro que sabe. Estou falando a respeito de você voltar para casa comigo.
— Para Kilcarney?
— E onde mais?
— Mas não quero voltar para Kilcarney. — Maria encarou a madrasta com ar de surpresa. — Adam disse que... que eu devia ir?
Geraldine alisou a saia.
— Adam e eu mal falamos sobre esse assunto. Recusou-se a discutir o que aconteceu a noite passada, e hoje de manhã foi apenas polido. Contudo, mesmo assim, não pode ficar aqui. Não agora.
Maria engoliu em seco,
— Por quê?
— Por Deus, Maria, está sendo deliberadamente obtusa! — Às vezes o sotaque de Geraldine era igual ao do marido. — Continuaria vivendo aqui depois do que aconteceu ontem à noite?
Maria levantou-se, escondendo o rosto vermelho com as palmas das mãos.
— Não aconteceu nada ontem à noite.
— Não. Mas isso foi porque interrompi vocês. Maria respirou, ofegante.
— Não, você está errada. Adam... Adam não é assim.

— Todos os homens são "assim" — retrucou Geraldine com impaciência. — Maria, não estou dizendo que o que aconteceu ontem à noite poderia acontecer de novo. Conhecendo meu filho como conheço, tenho certeza de que está se desprezando por ter permitido que seus impulsos físicos controlassem os mentais, no entanto isto não altera o fato de que você está chegando a uma idade em que as experiências sexuais são uma tentação. É natural, claro, mas eu detestaria que alguma coisa... bem, infeliz acontecesse por causa disso.
Maria, que estivera caminhando pela sala, muito inquieta, parou e voltou-se para encarar a madrasta.
— Está querendo dizer que o que aconteceu foi por minha culpa? Geraldine suspirou.
— Bem, minha querida, você não o estava desencorajando, estava? Maria arregalou os olhos, incrédula, e Geraldine sentiu que
fora longe demais. Levantando-se, aproximou-se da jovem e segurou-a pelo ombro.
— Maria — começou em tom de súplica —, Adam é um homem atraente. Sei disso, sou sua mãe. E acredite-me, você não é a primeira a sentir-se atraída por ele.
Maria afastou as mãos de Geraldine.
— Então agora sou uma mulher — disse, controlando-se com
dificuldade.
Geraldine ficou impaciente.
— E apenas um modo de dizer, nada mais. Escute-me, Maria, está vivendo aqui com ele, há cerca de um mês. É natural que a proximidade...
— Então por que permitiu que eu viesse para cá? — perguntou ela. — Afinal, a idéia foi sua.
— Nunca pensei que isso pudesse acontecer, acredite em mim! Pensei que Adam fosse imune a... bem, pensei que tivesse mais juízo!
— Desculpe-me — disse. — Quero ir para o meu quarto.
— Ora, Maria. — Geraldine tentou de novo abraçá-la, mas Maria já ouvira o suficiente. Sem dizer palavra, saiu da sala e subiu para o quarto, atirando-se sobre a cama com abandono e desespero. Sempre pensara que Geraldine fosse sua amiga, no entanto, agora, até ela a abandonara. Claro que suas simpatias naturais eram para o filho, mesmo assim...
Ficou jogada na cama durante quase uma hora, depois levantou-se, lavou o rosto e penteou o cabelo. Não adiantava entregar-se a auto-comiseração e Adam ainda não lhe pedira para partir. Com toda a honestidade, devia admitir que continuar vivendo com Adam depois do que acontecera a noite passada seria muito difícil, para não dizer mais. Contudo, talvez pudessem esquecer o que acontecera e continuar como antes. Se Adam fosse capaz disso, ela também seria. A idéia de voltar para a Irlanda, pondo tanta distância entre os dois, era a mais terrível. Passar-se-iam anos antes que o visse novamente, se o visse.
Com decisão, trocou o jeans e o suéter por um atraente vestido curto de popeline cor-de-rosa e desceu, depois de pintar os olhos para que não parecessem tão perturbados e marcados.
A sra. Lacey estava na cozinha, mas a sra. Sheridan não estava visível.
— Onde está a mãe de Adam? — perguntou à empregada que se virou para olhá-la.
— Foi fazer compras — retrucou. — Parece abatida. Qual é o problema?
Maria suspirou.
— Nada de importante. Escute, sabe a que hora Adam vai voltar? A sra. Lacey franziu a testa.
— Para o almoço, pensou eu. Não ouvi nada em contrário. Maria assentiu.
— Bem, vou sair por uma hora. São apenas onze meia. Preciso de um pouco de ar. Estou com uma terrível dor de cabeça.
A sra. Lacey sorriu de modo compreensivo. — A festa — comentou secamente. Maria esboçou um sorriso.
— Sim, isso mesmo — disso.

Fora, o céu estava carregado de nuvens, embora ainda estivesse muito quente, e Maria caminhou rapidamente por Virgínia Grave. Mas, ao chegar ao fim da viela onde morava, uma enorme limusine guiada por um motorista **virou** a esquina e Maria reconheceu Loren Griffiths em seu interior. Com uma sensação quase de pânico quis correr, mas Loren a vira e, inclinando-se para a frente, deu ordem ao motorista para que parasse, abrindo a janela para falar com ela.

— Bom dia, Maria — disse. — Que oportuno encontrá-la. Vim para falar com você.

— Comigo? — Maria estava incrédula. — Por que quer ver-me?

— Entre e vou dizer-lhe. Smithers pode levar-nos para dar uma volta. Será mais agradável do que ficar dentro de casa num dia como este.

Maria hesitou. Não tinha vontade alguma de um *tête-à-tête* com Loren Griffíths, mas o que poderia fazer? Suspirando, entrou no luxuoso banco de trás, ao lado da atriz. Loren deu instruções a Smithers para dar uma volta peias proximidades, depois fechou o vidro que as separava do motorista.

— Agora estamos a sós — disse, quando o carro pôs-se a andar.

Maria sentia-se nervosa. Sabia que os motivos de Loren querer falar-lhe não eram agradáveis e não podia imaginar o que a outra mulher tinha para dizer-lhe.

— Por que quer falar comigo, srta. Griffiths? — perguntou educadamente. — Depois de nossa última conversa em Fincham pensei que não tivéssemos mais nada para dizer uma a outra.

Loren acendeu um longo cigarro americano e aspirou profundamente.

— Pois é nisso que se engana, Maria. — Seu tom era suave. — Quero deixar bem clara sua posição aqui.

Maria franziu o cenho.

— Não entendo.

— Oh, acho que entende sim, querida. Como sabe, Adam e eu estamos... noivos, há bastante tempo. — Observou a ponta acesa do cigarro. — No passado, quando Adam falava em casamento, sempre levantei objeções... minha carreira, sabe? E difícil para alguém na minha posição achar tempo para um casamento, lua-de-mel, as complicações que podem surgir. — Suspirou. — No entanto, devo confessar que, nas últimas semanas, Adam tem sido muito mais persuasivo e, nestas circunstâncias, ontem à noite, aceitei-o, aceitei marcar a data de nosso casamento, é isso.

Maria sentiu a cor do rosto desaparecer. Sabia a respeito do relacionamento deles, é claro, desde o começo. Mas descobrir que na noite passada ele marcara a data do casamento antes de voltar para casa e cortejá-la... Era demais para suportar.

Loren observou-lhe cuidadosamente sua expressão.

— Algo errado. Maria? — perguntou ironicamente. — Ele ainda não lhe contou?

Maria engoliu em seco, sua boca estava amarga.

— Não — disse com voz sufocada. — Não, não contou. Loren suspirou de novo, quase indulgente,

— Bem, isso é típico dos homens! — murmurou roucamente,

— Insistem e insistem com você para que se case com eles, depois esquecem de contar ã própria irmã sobre isso,

— Não sou irmã dele! — Maria mal conseguiu pronunciar as palavras.

— Bem, filha de seu padrasto, então. E quase a mesma coisa.

— Loren encolheu os ombros pequenos. —- De uma forma ou de outra, há de convir que isso torna as coisas meio difíceis para você. — Sacudiu a cabeça. — Oh, eu sei que Adam não vai dizer nada, como poderia?, sentir-se-ia ingrato. Mas você estando aqui... Naturalmente vê que é uma situação impossível. Foi por isso que quis falar com você sobre isso. Para explicar a posição de Adam de modo que você possa entender e fazer... bem, outros arranjos.

Maria sentia-se como se as forças tivessem abandonado seu corpo. Estava rígida como uma pedra, e cada palavra de Loren era como uma agulha de fogo em seu corpo entorpecido. Percebendo que deveria dizer algo, começou com voz fraca:
— Quando... quando esperam casar-se? Loren ergueu o cenho.
— Esse é o problema, querida. Adam pretende conseguir uma licença especial e fazê-lo o mais rapidamente possível.
Maria olhou pela janela do carro. Estavam passando por High Street e, a menos que Loren desse novas instruções a Smithers, só estariam de volta ao bosque dali a quinze minutos. Virando-se para a outra mulher, disse:
— A mãe de Adam chegou ontem à noite. Quer que volte com ela para a Irlanda. Irei.
Os lábios de Loren esboçaram um sorriso.
— Oh, querida, sabia que seria sensata — disse com ar de triunfo. — Tenho certeza de que é o melhor.
Maria olhou novamente pela janela do carro.
— Olhe, poderia deixar-me aqui? Eu ia fazer umas compras. Estaria étimo.
Loren ergueu as sobrancelhas e por um instante Maria captou uma estranha expressão em seu belo rosto, depois inclinou-se e abriu o vidro, dizendo a Smithers que parasse.
Maria saiu do carro rapidamente antes que Loren pudesse dizer mais alguma coisa, e o grande carro partiu majestosamente. Ficou olhando ao redor, ainda tonta, depois procurou o relativo anoni- mato de um bar. Diante de uma xícara de café, tentou analisar seus pensamentos caóticos, mas o que mais sobressaía em sua mente era que Adam ia casar-se com Loren, e todo o tempo em que a abraçara, acariciara, *beijara,* o fizera sabendo que em menos de uma semana seria o marido de Loren.
Teve uma sensação de náusea e abriu a bolsa para tirar um lenço de pape], assoando o nariz numa tentativa de evitar as lágrimas quentes que lhe brotavam dos olhos. Dentro da bolsa estavam todos os documentos de viagem que usara para vir à Inglaterra; impulsivamente, tirou-os da bolsa e examinou-os, pensativa.
Kilcarney... Nunca lhe parecera tão cativante. Seu pai estava lá, seu próprio sangue e carne, precisamente agora não tinha mais ninguém a quem recorrer.
Decididamente, tevantou-se da cadeira. Não haveria mal em informar-se sobre os vôos para casa, não é? Saiu para a rua. Ante essa perspectiva, conseguiu uma fuga temporária da realidade...

CAPITULO X

Adam estacionou o carro e entrou em casa. Pareceu-lhe muito quieta e pensou que a atmosfera carregada invadira a casa também. Levantou o bloco ao lado do telefone, à procura de algum recado que a sra. Lacey tivesse anotado, depois entrou na sala. Sua mãe estava sentada perto da janela, tricotando; olhou-o quando entrou e sorriu-lhe.
— Olá, Adam — disse. — Passou bem a manhã?
Adam olhou-a por alguns instantes, depois encolheu os ombros.

— Razoavelmente — retrucou com bastante frieza. — E você? Geraldine suspirou.
— Fui fazer algumas compras. Patrick precisava de camisas, então comprei-lhe duas para levar de surpresa.
Adam assentiu e olhou ao redor da sala.
— Alguém sabe onde está Maria? — perguntou, mantendo o tom casual deliberadamente.
Geraldine passou a língua pelos lábios.
— Não sei. Acho que ela saiu. Adam enrugou a testa.
— Não perguntou onde ia?
— Eu também não estava em casa. As rugas de Adam acentuaram-se.
— Por acaso viu-a hoje de manhã? Geraldine enrubesceu levemente.
— Sim, claro. Nós tomamos café juntas.
— Sei. — Adam não estava satisfeito. Pegou a caixa de charutos, tirou um deles e colocou-o na boca. Depois de acendê-lo, caminhou até a porta. — Vou falar com a sra. Lacey. Talvez saiba onde Maria foi.
Geraldine suspirou com impaciência.
— É importante, Adam? Voltará direto para o almoço. Não quer sentar-se e conversar comigo?
Adam parou, próximo à porta, flexionando os músculos dos ombros.
— Sobre o que temos de falar? Geraldine fitou-o zangada.
— Sabe a resposta tão bem quanto eu.
— É mesmo? Presumo que se refira a Maria e ao que aconteceu ontem à noite.
— É claro que me refiro a Maria. Vou levá-la para casa *comigo*.
— Não! — Subitamente a voz de Adam tornou-se áspera. — Não, mamãe, não vai levar Maria de volta à Irlanda.
Geraldine olhou-o com expressão de incredulidade.
— O que está querendo dizer? Adam, você perdeu o juízo? Maria não pode continuar aqui depois... depois do que aconteceu à noite.
Os olhos de Adam escureceram.
— Oh, ela pode, sim. Se quiser ficar, vai ficar, está entendido?
— Mas, Adam — começou Geraldine, percebendo logo que falava sozinha. Ele já saíra da sala.
Na cozinha, a sra. Lacey estava tirando um pedaço de carne do forno; sorriu para o patrão quando ele entrou.
— Pontual por uma vez — disse com petulância, mas Adam não respondeu como fazia habitualmente.
— Sabe onde Maria foi? — perguntou secamente. A sra. Lacey franziu o cenho.
— Acho que está em High Street ou talvez no parque. Disse que precisava de ar, pois estava com dor de cabeça.
Adam apertou os lábios.
— Ah. — Olhou para o relógio. — Deve voltar para o almoço. A sra. Lacey franziu novamente o cenho.
— Acho que sim. Teria avisado se pretendesse almoçar fora. Adam concordou:
— É isso mesmo. — Passou a mão no cabeio. — Alguma alguma coisa a perturbou ontem à noite, sra. Lacey?
A sra. Lacey olhou-o com ar de dúvida.
— Não, sr. Adam.
— Está bem, está bem. Obrigado. Estarei na saleta se precisar de mim.
Voltou com relutância para a sala e encontrou a mãe que andava nervosamente de um lado para o outro. Entrou e sentou-se numa poltrona. Geraldine disse:
— Quer um drinque, Adam? Um *sherry*?

— Uísque — respondeu Adam secamente.
Geraldine derramou um pouco de uísque num copo e entregou-o ao filho; seus olhos encontraram o olhar de desafio dele.
— Tem encontrado frequentemente Loren Griffiths? Adam estreitou os olhos.
— Algumas vezes, por quê?
— Vai casar-se com ela?
— Não.
— Não vai? — Geraldine ficou claramente chocada. — Eu pensei que fosse.
— Eu também, antes — comentou ele, tomando a bebida. — No entanto, como muitos homens, sou bastante arrogante a ponto de esperar castidade da mulher com quem pretendo casar-me, mesmo que eu não seja casto também! — Ergueu o copo até os olhos, observando atentamente o conteúdo. — Preciso ser mais claro? — Seu tom era irônico, e Geraldine torceu as mãos com ar de infelicidade.
— Mas, Adam...
— Mais tarde, mamãe. — Adam levantou-se bruscamente, terminando a bebida de um só gole. — Vou tomar um banho antes do almoço.
Geraldine viu-o deixar a sala de má vontade e Adam olhou-a de forma zombeteira antes de subir os degraus.
Almoçaram à uma e meia, quando ficou claro que Maria não ia voltar para o almoço. Nem Adam nem a mãe fizeram justiça ao delicioso assado de carneiro da sra. Lacey, e o suflê que se seguiu voltou quase inteiro. Adam estava inquieto e, ao terminar o almoço, seu humor não havia melhorado.
Geraldine também estava preocupada com Maria. Não podia deixar de lembrar a maneira como a jovem reagira ao que dissera e qualquer justificativa que encontrasse não era suficiente para aplacar a dúvida que sentia. Talvez não devesse ter falado com Maria como falara; no entanto, na noite passada, ao vê-la nos braços de Adam, sentira despertar todo seu instinto maternal e algo muito próximo do ciúme apoderara-se dela. Não podia aceitar que Adam não mais estivesse sob seu domínio e, embora gostasse muito de Maria, ao vê-los juntos, seu coração endurecera. Observando a expressão da mãe, Adam disse: — O que está pensando, mamãe? Sabe por que Maria não voltou para o almoço?
A expressão de Geraldine mudou.
— Como poderia saber?
Adam enfiou as mãos nos bolsos da calça azul-marinho.
— O que disse a ela ? — perguntou rudemente. — É óbvio que lhe disse alguma coisa. O que foi? Quero saber.
— Adam! Sobre ontem à noite...
— Esqueça ontem à noite e pense em hoje de manhã — disso asperamente. — O que aconteceu?
Geraldine suspirou.
— Nada. Simplesmente disse a Maria que deveria voltar a Kilcarney.
— Você fez *o quê?* — Adam estava furioso. — Por que disse isso? O que tem a ver com isso, afinal?
— *Adam!* — Geraldine estava horrorizada. — Lembre-se com quem está falando.
— É difícil de esquecer — vociferou ele. — Continue. O que mais disse?
— Muito pouco. — Geraldine mexeu-se inquieta. — Adam, pensei no seu interesse, no interesse de ambos. Não seria bom para Maria continuar aqui, não agora.
— Por quê? — O olhar de Adam era penetrante. Geraldine esticou as mãos.
— Adam. Maria não é como Loren Griffiths.
— Sei disso! — O tom de Adam era apenas polido. Geraldine pôs a mão na testa.
— Sinto-me mal — murmurou debilmente.

Adam aproximou-se dela, colocando-lhe a mão na testa..
— Que oportuno! — resmungou, tomando-lhe o pulso. — Mamãe, se Maria fizer alguma coisa por sua causa...
— Oh, pare com isso, pare com isso! — Geraldine afundou numa cadeira. — Nunca pensei que pudesse tratar sua mãe com tanta crueldade!
De repente ouviu-se a campainha da porta; Adam deixou a mãe e precipitou-se até a porta. Ao abri-la, retrocedeu surpreso ao ver Loren.
Loren aproveitou a oportunidade para entrar e sorriu para ele com reprovação.
— Querido, esperei o dia todo que viesse pedir desculpas... Adam passou a mão pelo cabelo com impaciência.
— Por que está aqui, Loren? Não temos nada a dizer um ao outro.
— Claro que temos, querido. Não poderíamos — olhou em volta — ir a algum lugar para conversar?
Adam hesitou, depois precedeu-a até o escritório, uma pequena sala cheia de livros que dava para o saguão. Fechou a porta e, ao mesmo tempo gentil e firmemente, soltou-se das mãos que que-riam abraçá-lo.
Loren enrijeceu, mas tentou sorrir e murmurou:
— Você é um porco, Adam. Não sei por que o amo, mas eu o amo. Adam ficou de pé, perto da janela, olhando para o gramado na
frente da casa.
— Diga o que tem a dizer, mas fale logo e acabe com isto — disse rapidamente.
Loren suspirou.
— Vim para dizer-lhe que aceito sua proposta — disse. Adam virou-se.
— Minha o *quê*? — Olhou-a com ar incrédulo. Loron ruborizou-se um pouco.
— Vou casar-me com você, Adam. Viverei aqui. Deixarei até que continue com sua clínica, se é isso o que quer.
A expressão de Adam era de espanto.
— Loren — disse asperamente —, disse-lhe ontem à noite que estava tudo acabado, terminado! Não fui bastante claro?
Loren apertou as luvas.
— Adam — disse cuidadosamente —, não está entendendo. Estou pronta para fazer o que quiser, se disser a palavra.
Adam olhou-a exasperado,
— Pelo amor de Deus, Loren, vá embora antes de dizer mais alguma coisa. Não adianta. Já lhe disse, não amo você.
Loren estava tremendo visivelmente agora.
— Adam, não é isso que quer dizer.
— É isso sim. — Adam ergueu os olhos para o céu.
— Não permitirei que me faça isso. — Seus lábios estavam finos.
— E como vai impedir-me? — Adam estava muito nervoso, muito tenso, para preocupar-se com os sentimentos dela.
Loren respirou profundamente.
— Todos sabem que estávamos noivos, senão oficialmente, pelo menos extra-oficialmente.
— Eu poderia processá-lo.
Adam olhou-a ironicamente.
— Oh, Loren, não diga essas coisas. Sabe muito bem que figura patética faria; seu público não aguentaria isso.
Loren apertou os lábios amargamente.
— Por que está me tratando assim? — gritou. — Pensei que me amasse.

— Eu também pensava assim, há muito tempo — respondeu ele. — Escute, Loren, pedi-lhe que se casasse comigo dezenas de vezes quando estava fascinado o bastante para querê-la. Agora chega. Esperou demais, Loren. Eu perdi o interesse. Não sabeque
a intimidade leva ao desprezo? Loren ficou furiosa.
— Como ousa dizer-me isso?
— Porque é verdade. Loren, não vamos fingir que eu sou o primeiro homem que amou.
— Mas nenhum dos outros significou coisa alguma.
— Sinto muito, Loren, sinto muito. Mas não adianta...
— Então, há alguém mais, não é? Sei que há. Adam apertou os olhos.
— Sim, há outra pessoa.
— Quem é? Aquela desajeitada, filha de seu padrasto? — Loren observou-o atentamente.
— É ela, não é? Está apaixonado por ela.
— Não pretendo discutir sobre Maria com você — disse ele, friamente.
— Por quê? É apenas uma mulher como outra qualquer. — Loren falou com tom de desprezo.
— Não sabia que se interessava por jovenzinhas, Adam!
Adam agarrou-lhe o pulso com força.
— Estou avisando, Loren — murmurou enfaticamente —, não diga mais nada, ou posso esquecer que você é uma dama!
Loren estava agitada pela violência que ele demonstrara.
— Bem, de qualquer forma — disse, ao pegar a maçaneta da porta —, duvido que ela ainda o queira depois do que lhe contei hoje de manhã.
Num segundo, Adam estava ao lado dela, segurando a porta para que não a abrisse.
— Você viu Maria hoje de manhã? Onde? Loren fez-lhe uma careta.
— Gostaria de saber, não é? Adam fitou-a penetrantemente.
— É melhor dizer-me, Loren, a menos que queira outra demonstração de violência física!
Loren encolheu os ombros, com pouco caso forçado.
— Oh, então está bem. Estava saindo daqui quando lhe dei uma carona até High Street.
— A que horas? Loren deu de ombros.
— Mais ou menos ao meio-dia, acho.
— E o que lhe disse?
— Ora, isto e aquilo — respondeu com indiferença.
— Loren! — O tom dele era ameaçador. Ela suspirou zangada.
— Ora, nada de importante. Disse-lhe que íamos nos casar.
— Meu Deus! — Adam olhou-a com expressão selvagem. Loren mordeu o lábio.
— Bem, pensei que íamos — protestou.
— Depois de ontem à noite? — Adam balançou a cabeça com
desprezo.
— Ontem você estava furioso comigo. Pensei que fosse mudar
de idéia.
— Bem, como pode ver, não mudei. — Adam escancarou a porta. — Oh, suma daqui antes que a estrangule com minhas próprias mãos!
Após Loren ter saldo, Adam apoiou-se à porta da frente, fechando os olhos, preocupado. Onde estaria Maria? Por que não voltara? Pensou na outra vez em que ela se atrasara. Lembrou-se da mulher do parque e como Maria fora ingênua. Naturalmente agora teria mais juízo a ponte de não envolver-se com esse tipo de pessoa.
Voltou à sala onde a mãe ainda estava sentada. Olhou-o quando entrou e disse:
— Era Loren Griffiths, não? O que ela queria? Adam hesitou, depois deu de ombros.
— Ela viu Maria hoje de manhã e falou com ela.
— Está fazendo uma tempestade num copo d'água, se quer saber — exclamou Geraldine. — Céus, a moça está apenas atrasada algumas horas. Vai voltar, tenho certeza.

Adam olhou-a de maneira penetrante.
— Precisa voltar — disse sem expressão.
Por volta das sete horas, Adam estava desesperado, certo de que algo acontecera a Maria. Telefonou para diversos hospitais na região, tentando descobrir se alguém correspondendo à descrição que deu fora internado. Até que entrou no carro e foi procurá-la pessoalmente.
Geraldine ficou sozinha e começou a andar pela casa, sentindo-se inquieta. Também estava preocupada, à sua maneira; no entanto, parte de sua ansiedade era em relação ao filho. Estava ficando claro que seus motivos para achar Maria eram muito mais íntimos do que que os de um irmão procurando o outro, e essa certeza abalou-a.
Quando enviara Maria à casa de Adam, nunca poderia pensar que tal coisa acontecesse; a atitude dele para com ela ferira-a profunda-mente. Simplesmente não podia aceitar que Adam, seu filho, seu brilhante filho médico, estivesse apaixonado por uma moça como Maria, que não tinha nem a beleza surpreendente de Loren a sou favor. Ela não gostava de Loren, certamente não queria que ele se casasse com ela, tampouco queria que se prendesse a uma moça tão incoveniente quanto Maria. Quanto a casar-se com ela...
O barulho do telefone fê-la voltar à realidade e correu para atendê-lo. A sra. Lacey havia ido à casa da irmã, como fazia ha-bitualmente no sábado à tarde.
Para surpresa e alívio de Geraldine, era Maria.
— Maria! — exclamou, tentando afastar a censura da voz. — Em nome de Deus, filha, deixou-nos preocupados até agora. Onde está? O que está fazendo?
Maria pareceu hesitar, depois disse:
— Estou em casa, Geraldine. Em Kilcarney. Estou telefonando daqui.
Geraldine apertou a garganta com a mão.
— Não está falando sério, Maria? Como pode estar em Kilcarney?
— Saí no começo da tarde. Havia um vôo, sabe, e eu o peguei. Depois do que... depois do que disse, achei que era melhor ir embora. — Hesitou um pouco, depois prosseguiu: — Adam está?
— O quê? Oh, não. Não, ele saiu. — Apertou os lábios firmemente. Não contaria a Maria a reação de Adam a seu desapare- cimento nem que ele a estava procurando nesse preciso momento. *Não podia!* Maria estava de volta à Irlanda, graças a Deus, e isso poderia ser o fim de tudo.
Maria pareceu desapontada e disse:
— Oh! Diga-lhe onde estou e peça-lhe que cancele a matrícula no curso. Não vou fazê-lo mais.
Geraldine respirou fundo.
— Sim, eu lhe direi, Maria.
— Pode também mandar minhas coisas para casa antes de vir? — A voz de Maria estava estranhamente submissa.
Geraldine suspirou.
— Claro. O que seu pai disse ao vê-la chegar tão inesperadamente?
— Ora, você conhece papai. Ficou contente por ver-me de volta. Quer falar com ele?
— Sim. Chame-o.
Patrick Sheridan foi brusco ao telefone, como sempre; parecia mais preocupado em saber quando Geraldine ia voltar do que com a repentina chegada de Maria. No entanto, Geraldine sabia que mais tarde, quando estivesse de volta, ia pedir-lhe que contasse a história toda.
Depois de recolocar o fone no lugar, suspirou profundamente. Seria fácil arrumar a bagagem de Maria e Adam cancelaria o curso. Adam... Tomou fôlego. Só faltava enfrentar Adam, agora.

Ele voltou para casa meia hora depois, com o rosto cansado e preocupado. Geraldine correu a seu encontro.
— Adam — exclamou calorosamente. — Notícias maravilhosas! Acabo de falar com Maria peio telefone!
A expressão de Adam suavizou-se um pouco e olhou-a atentamente.
— Onde está ela? — perguntou rapidamente.
Geraldine hesitou, mas ao ver a impaciência de seu olhar, continuou:
— Está na Irlanda. Nunca poderia adivinhar: está em casa, em Kilcarney!
— O quê? — Adam ficou atônito. — Meu Deus! Quando partiu?
— Havia um vôo hoje à tarde. Decidiu pegá-lo, num impulso repentino.
Enrijeceu o maxilar.
— Disse por quê?
— Não, não disse. Disse apenas que pensou ser o melhor e, na verdade, é o melhor, não é, Adam? — Geraldine interrompeu o discurso ao ver a expressão de Adam. — Adam! O que há de errado?
Adam atravessou o saguão e subiu a escada, parando no meio do caminho para olhar raivosamente para ela.
— Você é a culpada disto tudo, você e aquela criatura que esteve aqui hoje à tarde!
— Adam! Não disse a ela para ir embora
— Não com essas mesmas palavras, talvez — resmungou ele asperamente, e continuou a subir os degraus.
Com o coração doendo, Geraldine seguiu-o. Encontrou-o no quarto, jogando um terno escuro sobre a cama, enquanto tirava o suéter que estava usando.
— O que está fazendo? — exclamou ela. Adam mirou-a.
— Vou para a Irlanda. Para ver Maria e pedir-lhe que volte. Geraldine estava perplexa.
— Adam, não pode fazer isso!
— Não posso?
— Mas por quê? Por quê? Adam virou-se.
— Agora não, mamãe. Saia do caminho. Pode telefonar a Hadley e pedir-lhe que atenda meus chamados durante o fim de semana. Diga-lhe que é uma emergência em família. Ou então, *não* diga nada., Geraldine olhou-o com expressão desamparada.
— Não posso ir com você? Adam olhou-a ironicamente.
— Acho que não — retrucou rapidamente.
Maria foi acordada pelo barulho de alguém batendo insistentemente à porta da frente. Sentou-se por um instante, a escutar, quando o barulho começou novamente, abaixou-se para acender o abajur na mesa de cabeceira. Era quase uma hora da manhã e o fato de alguém estar batendo à porta a uma hora dessas era inédito; além disso, a fazenda ficava muito longe de qualquer outro centro habitado.
Levantou-se, mas como seu quarto ficava no fundo da casa, não pôde olhar pela janela para ver quem era. No momento em que ia vestir o velho roupão de algodão, ouviu seu pai descer. Os cachorros haviam começado a latir e ele precisaria acalmá-los antes que pudessem dormir novamente.
Abriu a porta do quarto cuidadosamente e foi até a escada, olhando para o saguão escuro. Seu pai acendera uma lâmpada e encaminhava-se para a porta, com os dois cães de caça nos calcanhares. Abriu os trincos e escancarou a porta, deixando entrever uma indistinta figura masculina.
— Adam, por Deus! — ela ouviu o pai dizer, com incredulidade, e Maria quase caiu da escada.
— Sua mãe está com você?
Adam entrou no saguão e ela pôde ver-lhe o cabelo escuro e o terno também escuro, à fraca luz da lâmpada.

— Não, estou sozinho — respondeu Adam, e Maria ouviu o pai dizer, ansioso:
— Geraldine está bem, não está?
— Muito bem.
— Então, o que está fazendo aqui, homem, a esta hora da noite? — exclamou Patrick Sheridan. — Já é mais de uma hora!
— Sei disso. Teria chegado mais cedo, mas o táxi que peguei em Dublin quebrou no meio do caminho e tive de vir a pé até aqui. — Adam deu uma olhada no saguão estreito. — Sinto muito por chegar assim, mas queria ver Maria.
O estômago de Maria contraiu-se e um arrepio de apreensão passou-lhe pelas veias.
Patrick soltou uma exclamação, dizendo:
— Bem, é melhor deitar-se rapaz. Maria foi dormir há mais de três horas.
— Não, papai! Não estou dormindo!
Maria não conseguiu evitar as palavras que lhe saíram da boca e começou a descer a escada devagar, lembrando-se dos cabelos desarrumados e da velha camisola de algodão.
Adam olhou para ela e seu olhar perdeu-se no dela, fazendo-a ficar com as pernas moles.
Depois ele olhou para o pai, que parecia bastante aborrecido.
— Maria! Volte para a cama imediatamente. Não é hora para receber visitas. Adam, poderá falar com Maria de manhã.
— Não! — Adam adiantou-se rapidamente. — Patrick, preciso falar com ela agora. Por favor!
Patrick Sheridan endireitou os ombros.
— Olhe, Adam, não estamos em Londres. Aqui é Kilcarney e não concordo com essas maneiras modernas. Afinal, Maria não passa de uma menina...
— Tenho dezoito anos, papai.
— Para a cama, Maria. — Patrick foi severo e Maria hesitou por um instante, ao pé da escada. Depois, encontrando o olhar do pai, virou-se e voltou obedientemente para cima.
Adam passou a mão pelo cabelo e olhou para o outro homem.
— Está bem — disse. — Onde posso dormir?
— Bem, não há camas prontas hoje, rapaz — retrucou Patrick. — Mas está fazendo calor e poderá muito bem dormir no sofá, cobrindo-se com uma manta. Vou buscá-la.
Adam concordou e dirigiu-se para a sala de visitas que cheirava a cera de abelha e falta de uso, Acendeu a luz e olhou para o sofá feito de crina de cavalo. Não seria especialmente confortável, mas pelo menos estava em Kilcarney e Maria estava bem perto.
Maria sentou-se na cama, segurando o queixo com as mãos; quando ouviu o pai dizer boa noite, apagou rapidamente a luz. Não queria que ele entrasse no quarto para perguntar-lhe por que Adam queria vê-la. Além disso, nem ela sabia por que Adam viera.
Esperou até a casa ficar silenciosa, depois abriu a porta devagar e desceu a escada sem fazer barulho. Os cachorros estavam no saguão, mas não se moveram quando passou por eles; abriu a porta da sala de visitas e entrou.
A sala estava quase às escuras, e apenas uma pequena lâmpada, ao lado do sofá iluminava fracamente o ambiente. Adam estava deitado no sofá, com a manta a cobrir-lhe as pernas. Tirara o paletó e a camisa, e Maria pôde ver que o peito nu estava bronzeado, coberto de pêlos.
Quando ela fechou a porta, fez barulho; imediatamente ele se sentou e voltou-se. Quando a viu, ficou a olhá-la incrédulo, depois disse:
— Seu pai sabe que está aqui?
— Claro que não. — Maria falou baixinho. — Desci sorrateiramente depois que se deitou.
Adam levantou-se o olhou-a demoradamente.
— Não devia ter descido — disse roucamente. — Se ele nos encontrar juntos, vai pensar o pior.
— Como sua mãe, ontem a noite? Adam ergueu os ombros.

— Acho que sim. — Suspirou. — Maria, quero falar com você sobre ontem à noite, mas, como seu pai mesmo disse, não é a hora indicada.
— Por que não? — Os olhos do Maria ficaram mais escuros e ela estendeu as mãos. — Adam, por que veio até aqui?
Adam fez um gesto de abandono.
— Para vê-la. Maria mordeu o lábio.
— Por quê?
— Eu... eu queria explicar.
— Sobre ontem à noite? — Maria foi rude. — Não é necessário explicar nada. Foi como você disse, o resultado das circunstâncias. Não precisava vir até aqui para dizer nada. Eu entendo. Vai casar-se com Loren e pareceria estranho eu desaparecer assim. Bem, sinto muito. Não pretendia causar problemas.
Ele moveu-se e ela pôde sentir o calor de seu corpo atrás de si.
— Cale-se! —disse ele roucamente. — Cale-se, ou eu... eu... Segurou os ombros dela, depois ele a estreitou nos braços.
— Ainda lhe parece que vim apenas para dar explicações? — gemeu apaixonadamente. — Bom Deus, Maria, não percebe que a quero, preciso de você. Não posso viver sem você! — Buscou com os lábios a suavidade do pescoço dela com paixão intensa.
O corpo todo de Maria parecia estar pegando fogo; virou-se em seus braços, passando-lhe os braços em volta do pescoço, apertando-se a ele.
— Oh, Adam — suspirou, enquanto ele lhe beijava as orelhas e a curva do rosto. — Pensei que me julgasse uma menininha!
A boca de Adam encontrou a dela, beijando-a com paixão.
— Eu amo você — murmurou junto aos cabelos dela. — Não posso mais pensar em você como uma criança.
Depois, ainda relutante, afastou-a, dizendo com voz rouca.
— Não tem mais nada embaixo dessa roupa?
Maria enrubesceu e teria voltado para os braços dele; no entanto ele se afastou, procurando o paletó e pegou um charuto no bolso. Depois de acendê-lo, aspirou profundamente, depois passou os dedos pelo rosto vermelho de Maria.
— Vai voltar para a Inglaterra comigo? — perguntou suavemente, Maria apertou a camisola junto ao corpo.
— Vai casar-se com Loren — suspirou a contragosto, voltando à realidade.
Adam segurou-a e olhou-a com olhos que pareciam brasas.
— Não vou me casar com Loren — murmurou enfaticamente.
— Nem agora nem nunca. — Passou os dedos por sua pele macia, enfiando-os dentro da camisola à procura de seu calor. — Maria, não entende o que estou tentando dizer? Amo-a, é com você que quero me casar, com mais ninguém.
Maria arregalou os olhos, ainda trêmula. — Mas, mas Loren.
— Sei o que Loren lhe contou — disse Adam com intensidade
— mas ela estava mentindo. Disse-lhe na noite passada que estava tudo acabado.
— Oh. Adam! — Maria balançou a cabeça e virou-se, forçando-o a soltá-la. — Não quer casar-se comigo, não com alguém como eu. Sua mãe não gostaria.
Adam apagou o charuto violentamente e puxou-a outra vez contra si, acariciando-lhe a cintura. — Eu é que escolho minha mulher, não minha mãe. Por Deus, Maria, desejaria que fosse minha mulher agora. Quero-a tanto.
Maria abandonou-se contra o corpo dele, sem pensar em negar-lhe nada; decididamente, ele a afastou novamente.
— Não — disse ele forçando-se. — Ainda não. Quando amar você, quero que seja algo de que vai se lembrar com prazer, não numa noite ilícita e roubada num sofá de crina de cavalo.

Maria teve de sorrir e ele tocou-lhe a boca suavemente com os dedos.
— Vá para a cama — disse. — Por favor. Antes que minhas boas intenções me abandonem.
Os olhos de Maria estavam quentes e suaves; inclinou-se para roçar-lhe os lábios.
— Está bem — concordou gentilmente. — Mas vou me levantar bem cedo amanhã.
Adam olhou ironicamente para o sofá.
— Tenho a certeza de que me levantarei cedo também — disse ele.
Dois meses depois, Maria foi novamente acordada no meio da noite. Desta vez era o telefone que tocava insistentemente ao lado da cama; abriu os olhos relutantemente e viu que Adam já se inclinara para atender. Ele acendera a luz e sua pele brilhava, muito bronzeada, à luz fraca. Maria mexeu-se com satisfação embaixo das cobertas, saboreando os momentos em que estava acor-dada e sentiu-se plenamente realizada por ser a mulher de Adam.
Fazia exatamente cinco semanas que haviam partido para a Grécia em lua-de-mel, e uma semana que haviam voltado para casa; era a primeira noite em que haviam sido perturbados. Virando-se, acariciou suavemente as costas do marido, que se virou para olhá-la enquanto recolocava o fone no gancho.
— Preciso sair — murmurou roucamente. — A sra. Fenton vai dar à luz e precisa de um médico.
Maria puxou-o com gesto de posse e sentiu que ele correspondeu imediatamente, procurando com a boca a curva de seu seio alvo.
— Maria, preciso ir — murmurou com relutância. — Não vou demorar, prometo.
Maria suspirou e soltou-o; seu cabelo formava uma nuvem avermelhada sobre o travesseiro.
— Está bem — disse, sorrindo levemente. — Acho que tivemos sorte por não termos sido perturbados antes. São quase três e meia!
Adam olhou-a longamente, depois levantou-se de um salto, indo procurar as roupas. Uma hora mais tarde, quando voltou, começava a clarear; viu luzes na cozinha o encontrou Maria fazendo café.
— Pensei que gostaria de tomar um pouco de café — disse ela, gentilmente quando ele se inclinou para beijá-la.
Tomaram o café juntos e ele disse:
— Sabe, é a primeira vez que alguém faz isso para mim. Maria franziu o nariz para ele.
— Assim é que devia ser, não é? Antes você não tinha uma esposa, não é mesmo?
O sorriso de Adam envolveu-a toda.
— Não — respondeu roucamente, levantando-se e aproximando-se dela. Inclinou a cabeça sobre o ombro de Maria e sua pele perfumada despertou-lhe o desejo. — Vamos voltar para a cama?
Maria olhou-o com os olhos semicerrados.
— Acha que vale a pena? — perguntou maliciosamente. Adam tomou-a nos braços e carregou-a até o saguão. Quando
subiam a escada, disse-lhe suavemente.
— Com você, tudo vale a pena!

F I M